

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA
MARIA ULRICH

O PAPEL DA OBRA DE ARTE E DAS
EXPRESSÕES ARTÍSTICAS NO PRÉ-ESCOLAR

Ângela Cristina José Paulo Ferreira Fernandes

Relatório Final realizado no âmbito da Área Científica de Prática de Ensino
Supervisionada

Mestrado em Educação Pré – Escolar

Ano letivo 2013/2014

Lisboa, 01 de setembro de 2014

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA
MARIA ULRICH

O PAPEL DA OBRA DE ARTE E DAS
EXPRESSÕES ARTÍSTICAS NO PRÉ-ESCOLAR

Ângela Cristina José Paulo Ferreira Fernandes

Relatório Final realizado no âmbito da Área Científica de Prática de Ensino
Supervisionada

Mestrado em Educação Pré – Escolar

Orientador: Doutor Paulo Pires do Vale

Ano letivo 2013/2014

Lisboa, 01 de setembro de 2014

Aos meus filhos, Sara e Francisco

Ao José Luis

Agradecimentos

Gostaria de manifestar o meu agradecimento a todos aqueles que me acompanharam, das mais variadas formas, e foram suavizando a minha longa caminhada com palavras de incentivo, apoio e partilha.

Ao professor Paulo Pires do Vale, o apoio dado através do seu saber científico, acompanhamento, permanente disponibilidade para a leitura e crítica nas diversas etapas deste trabalho.

A todo o corpo docente do Mestrado de Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, que partilham comigo a construção de novos saberes. Com um agradecimento especial à supervisora do estágio, professora Cecília Moreira pelo apoio, acompanhamento e esclarecimentos.

À educadora Cláudia Crispim, pela amizade, pelo incentivo, disponibilidade e pelos momentos de reflexão.

À minha grande amiga Rita Braga, pelo carinho e boa disposição, incentivos e longas conversas pela noite dentro.

À Sara e ao Francisco, a fonte da minha inspiração, que sempre me apoiaram e nunca me deixaram desistir. Um obrigado muito especial.

Ao José Luis pelo carinho, dedicação, compreensão e apoio permanente. Pela disponibilidade que sempre demonstrou. Sem a sua ajuda, não teria conseguido concretizar este sonho.

Aos meus pais que me ajudaram e acreditaram que ia chegar ao fim deste percurso.

A todos, o meu profundo obrigado!

Resumo

Este estudo analisa o papel da obra de arte e das expressões artísticas na Educação Pré-Escolar. A pesquisa que sustenta este trabalho foi realizada na Prática de Ensino Supervisionada e tomou como objeto de estudo as crianças da Sala Rosa, da Creche do Povo – Jardim e Infância de Torres Vedras, numa observação não estruturada, direta/participante de forma natural. Deste modo, foi possível estudar as interações das crianças com obras de arte, com outras crianças, com adultos e com o meio.

A recolha de dados foi elaborada com as notas de campo e questionários aos pais e às crianças. A análise destes dados revelou que as crianças encontraram na obra de arte um recurso que os fez construir conhecimento em diferentes áreas, ajudou-as a interagir com os seus pares e a estimular a imaginação de modo a tornar os momentos de aprendizagem prazerosos. Há que reforçar que a obra de arte contribuiu para as aprendizagens significativas das crianças fazendo a transversalidade entre as várias áreas de conteúdo, através dos projetos elaborados e ao analisar os questionários respondidos pelos pais.

Assim, mostramos que a obra de arte é um importante recurso pedagógico, e que deveria ser mais utilizado no Pré-Escolar.

Palavras-Chave: Pré-Escolar, Obra de Arte, Transversalidade, Educação, Aprendizagem, Expressões.

Abstract

This study analyzes the role of the artwork and the artistic expressions in Pre-School Education. The research that supports this paper was done under a Supervised Teaching Practice and had as object of study the children from “Sala Rosa”, from Creche do Povo – Jardim de Infância de Torres Vedras, in an unstructured observation, direct/participant in a natural form. So in this way, it was possible to study the interactions of the children with the artwork, with other children, with adults and the environment.

Data collection was prepared with field diaries collected notes and questionnaires to the children and to their parents. The data analysis demonstrated that children found in artwork a resource that helps them build knowledge in different areas, it helps them to interact with their pairs and stimulate their imagination in order to make the learning moments more enjoyable.

We must reinforce that the artwork contributes to significant knowledge for the children making the transversality between the diverse areas of the content, through elaborated projects and through the analysis of the questionnaires answered by the parents.

Thus, we show that the artwork is an important pedagogic resource and it should be more used of Pre-School.

Keywords: Pre-School, Artwork, Transversality, Education, Learning, Expressions.

Índice

Introdução	12
Capítulo I – Enquadramento Teórico	15
1.1 Obra de arte e Expressões	16
1.2. Arte e Educação	18
1.3 Obra de arte e desenvolvimento global da criança.....	21
1.4. Obra de arte e transversalidade: o papel do educador	23
Capítulo II – Metodologia	29
2.1. Procedimento Metodológico	30
2.1.1 Investigação Qualitativa	30
2.1.2 Observação Participante de Tipo Natural.....	31
2.1.3 Instrumentos de recolha de dados	32
2.1.3.1 Notas de campo	32
2.1.3.2 Registos fotográficos.....	32
2.1.3.3 Questionários.....	33
2.2 Contextualização e caracterização da Instituição	33
2.3 Caracterização do grupo de pesquisa	34
2.4 Projetos desenvolvidos com as crianças.....	36
2.4.1. Projeto Mondrian.....	37
2.4.1.1 Mondrian	37
2.4.1.2 Apresentação do projeto Mondrian	38
2.4.2 Projeto “O Feijoeiro”	39
2.4.2.1 João Pedro do Vale.....	39
2.4.2.2 Apresentação do projeto “O Feijoeiro”	40
Capítulo III – Apresentação e Análise de Dados	43
3.1 Notas de Campo	44
3.1.1 Resultados obtidos do Projeto Mondrian e do Projeto João Pedro do Vale	44
3.1.1.1 Categoria nº 1- Educação para valores	44
3.1.1.2 Categoria nº 2- Transversalidade e obra de arte	49
3.2 Questionários.....	66
3.2.1 Resultados dos questionários da obra.....	66
3.2.1.1 Resultados dos questionários das Crianças	66
3.2.1.2 Resultados dos questionários dos Pais	71
3.2.2 Feijoeiro	76
3.2.2.1 Resultados dos questionários das Crianças	76

3.2.2.2 Resultados dos questionários dos Pais	79
Capítulo IV – Considerações Finais.....	84
Bibliografia	88
Apêndices.....	I
Apêndice I – Registo fotográfico do Projeto Mondrian	II
Apêndice II – Registo fotográfico do Projeto “O Feijoeiro”	XX
Apêndice III – Autorização dos pais para realizar registo fotográfico.....	XXX
Apêndice IV – Notas de Campo.....	XXXI
Apêndice V – Guia dos Questionário feitos às crianças a propósito da obra de Mondrian	LXVIII
Apêndice VI – Guia dos Questionário feitos às crianças a propósito da obra “O Feijoeiro” de João Pedro Vale e Nuno Ferreira.....	LXX
Apêndice VII – Guia dos Questionário feitos aos pais a propósito da obra de Mondrian	LXXII
Apêndice VIII – Guia dos Questionário feitos aos pais a propósito da obra “O Feijoeiro” de João Pedro Vale e Nuno Ferreira.....	LXXIV
Apêndice IX – Gráficos resultantes da análise dos questionários.....	LXXVI
Anexos.....	LXXVIII
Anexo I – Esquema da história da Instituição	LXXIX

Índice de Figuras

Figura 1 – Piet Mondrian - <i>Composição com Vermelho, Amarelo e Preto</i> , 1921	37
Figura 2 – Piet Mondrian - <i>Broadway Boogie-Woogie</i> , 1942-43	37
Figura 3 - As crianças a pintarem o nome do pintor Mondrian.....	38
Figura 4 – As crianças já preparadas para o teatro inspirado na obra de arte de Mondrian.	38
Figura 6 – João Pedro do Vale - <i>Insígnia e Placa das Três Ordens</i> , 2005	40
Figura 5– João Pedro do Vale <i>Feijoeiro</i> , 2004	40
Figura 7 – Construção do feijoeiro.....	40
Figura 8 – Ensaio do teatro para mostrar aos artistas da obra de arte “O Feijoeiro”.	40
Figura 9 - As crianças a escolher as roupas para as personagens do teatro.....	45
Figura 10 - Ensaio do teatro “O João Pé de Feijão”	46
Figura 11 -Uma criança a ajudar o amigo a construir a sua tulipa.	47
Figura 12 - Construção da cidade de Mondrian.	48
Figura 13 - Uma criança no Dia do Pai a oferecer a prenda do pai.....	49
Figura 14 - Visita à Casa da Cerca	50
Figura 15 - Os artistas com o grupo de crianças.	52
Figura 16 - Apresentação do pintor Mondrian	53
Figura 17 - Casas de Rietveld desenhadas pelas crianças.	54
Figura 18 - O registo da germinação do feijão.....	55
Figura 19 - As crianças a encher os collants com dracallon.	57
Figura 20 - Uma criança a atar folhas no feijoeiro.....	57
Figura 21 - Uma criança a coser os ovos do ganso.	58
Figura 22 - Apresentação do teatro do “ Capuchinho Vermelho” inspirado em Mondrian.	59
Figura 23 - As crianças a ilustrarem a história recontada por eles.	60
Figura 24 – As crianças a descobrirem a história do “Capuchinho Vermelho” Inspirado em Mondrian.	61
Figura 25 - As crianças a pintarem as suas obras de arte inspiradas em Mondrian.	62
Figura 26 - As crianças a fazerem o bolo para oferecerem aos artistas.	64
Figura 27 - As crianças a embrulhar os biscoitos e a brincar com a matemática.	64
Figura 28 – Representação gráfica da resposta à questão: “Onde morava Mondrian?”	66
Figura 29 – Representação gráfica da resposta à questão: “Ensinaste lá em casa quem era Mondrian?”	67

Figura 30 – Representação gráfica da resposta à questão: “Dentro das atividades sobre o Mondrian, o que gostaste mais de fazer?”	68
Figura 31 – Representação gráfica da resposta à questão: “Quando estás feliz que cor escolhes?”	69
Figura 32 – Representação gráfica da resposta à questão: “E quando estás muito zangado?”	70
Figura 33 – Representação gráfica da resposta à questão: “Idade dos pais”	71
Figura 34 – Representação gráfica da resposta à questão: “Habilitações”	72
Figura 35 – Representação gráfica da resposta à questão: “Conhecia a pintor Mondrian?”	72
Figura 36 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual o nível de interesse do seu filho/a no pintor?”	73
Figura 37 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual foi o nível de entusiasmo do seu filho/a quanto às pinturas do Mondrian?”	73
Figura 38 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual foi o nível de interesse do seu filho/a sobre o país do Mondrian?”	74
Figura 39 – Representação gráfica da resposta à questão: “O seu filho/a mostrou-se entusiasmado com a chegada da Primavera e as tulipas da Holanda?”	74
Figura 40 – Representação gráfica da resposta à questão: “Acha que estas obras de arte conseguiram desenvolver a aprendizagem dos vossos filhos?”	75
Figura 41 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual é a tua personagem favorita?”	76
Figura 42 – Representação gráfica da resposta à questão: “Conhecia a história d’”O Feijoeiro”?”	79
Figura 43 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual o nível de interesse do seu filho/a na história?”	80
Figura 44 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual foi o nível de entusiasmo do seu filho/a relativamente à visita ao Feijoeiro na Casa da Cerca?	80
Figura 45 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual o nível de entusiasmo do seu filho/a quanto à construção de um feijoeiro mágico na sala?”	81
Figura 46 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual o nível de entusiasmo do seu filho/a sobre a visita dos artistas d’”O Feijoeiro” à sala?”	82
Figura 48 – Representação gráfica da resposta à questão: “Quem é Mondrian?”	LXXVI
Figura 49 – Representação gráfica da resposta à questão: “Gostaste de aprender sobre o país de Mondrian?”	LXXVI
Figura 50 – Representação gráfica da resposta à questão: “Gostavas de conhecer mais artistas e os seus trabalhos?”	LXXVII
Figura 51 – Representação gráfica da resposta à questão: “Gostastes de conhecer os artistas?”	LXXVII

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Distribuição dos alunos quanto à idade e ao género.....	35
Tabela 2 - Distribuição dos encarregados de educação relativamente ao local de trabalho.....	35
Tabela 3 - Idade dos encarregados de educação.....	35
Tabela 4 - Habilitações dos encarregados de educação	35

Lista de Abreviaturas

APA	<i>American Psychological Association,</i>
IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social
ME	Ministério da Educação
NC	Notas de Campo
OCEPE	Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação

Introdução

As crianças que frequentam o jardim de infância desde cedo devem participar na realização de atividades desafiadoras que despertem o diálogo estético através de projetos que as envolvam na própria arte, com tarefas estimulantes, criativas e impulsionadoras na construção da aprendizagem. Sendo assim, é importante que, logo a partir do pré-escolar, se promova uma educação onde sobressaia a criação de espaços e tempos educativos, desafiadores e prazerosos, com recurso à obra de arte.

A profissionalização em Educação Pré-escolar é a concretização de um sonho que me acompanhou ao longo da minha vida. Desde muito cedo que trabalho como auxiliar de educação, uma profissão que abracei com toda a minha força e dedicação. Por várias circunstâncias que a vida me trouxe fui adiando este percurso académico, até que chegou o momento.

Com uma realidade educativa cada vez mais exigente, esta formação ajudou-me a compreender melhor a realidade pedagógica. Como educadora quero aprender ao longo da vida. Esta formação com mestrado integrado vai ajudar-me a ser um profissional com conhecimentos e estratégias metodológicas para a transmissão de saberes científicos e curriculares, bem como proporcionar experiências enriquecedoras e divertidas, respeitando as suas características e vivências individuais ou em grupo na descoberta do mundo através da obra de arte. Gostaria que as crianças crescessem num mundo onde nunca deixassem de sonhar. Percebo a preocupação dos pais em querer que as crianças aprendam a ler e a escrever mas, antes, as crianças precisam de ter o seu mundo de fantasia onde desenvolvam as imaginação e a criatividade.

Com este estágio cresci enquanto pessoa e profissional. Ampliei os meus horizontes, alarguei o conhecimento para entender a complexidade do dia-a-dia das crianças na interação com os seus pares no mundo que as rodeia. Deste modo arranjei ferramentas valiosas para ajudá-las a crescer: as obras de arte. A arte sempre foi um tema que me interessou e intuía que ajudava no desenvolvimento das crianças. Desde que comecei esta formação foi um tema que me interessou muito e fui lendo vários autores de referência. E daí concluí que o pré-escolar é o momento onde se pode criar condições, para as crianças começarem a ter experiências com as obras de arte, que podem ser vividas individualmente ou em grupo, e assim, partilharem aprendizagens significativas.

Este estudo visa compreender a forma como as obras de arte podem ser utilizadas na prática pedagógica da Educação Pré-Escolar, fazendo a transversalidade com todas as aprendizagens. Pretendo perceber se, com a obra o “Feijoeiro” de João Pedro do Vale e as obras de Mondrian, as crianças podem, de uma forma crítica, sentir, refletir, interpretar e entender o mundo que as rodeia.

A arte surge, assim, como fundamental para uma educação completa e para formar sujeitos ativos na busca de novos saberes, na crítica, na partilha e na autonomia, em contexto de jardim de infância. Como refere Menéres (2003, p.20), na infância tudo pode acontecer, não há receitas para aprender mas tanto para as crianças como para nós adultos “o mundo não é só o que vemos, mas a maneira como o podemos ver. Ou o podemos ir vendo.”

Como é referido por muitos autores (Santos, 1966; Sousa, 2003; Vygotsky, 2009; Read, 2014) comprova-se o valor dos domínios expressivos/artísticos no desenvolvimento de capacidades cognitivas, motoras, afetivas e sociais, e refere-se que, desde muito cedo, se deve promover práticas pedagógicas com enfoque nas expressões artísticas onde são desenvolvidas várias linguagens. A obra de arte na educação promove um crescimento e um enriquecimento pessoal e social da criança e de todos aqueles que a rodeia. Assim, todos os educadores deveriam garantir caminhos que enfatizam a importância da arte do processo educativo, onde o desenvolvimento global da criança é valorizado e estimulado.

Para a realização deste estudo, a metodologia utilizada foi a qualitativa descritiva, recorrendo à observação não estruturada, direta/participante de forma natural. Deste modo, posso estudar as interações criança/obra de arte, criança/criança, criança/adulto e criança/meio. A recolha de dados foi elaborada com as notas de campo e questionários de resposta aberta e fechada a vinte e dois pais e vinte e duas crianças. Deste modo, face à pertinência e atualidade deste tema, este estudo visou revelar “O Papel da Obra de Arte e das Expressões Artísticas no Pré-Escolar”, partindo de três questões de investigação:

- Como contribuem as obras de arte para o desenvolvimento da criança?
- Como pode o educador fazer a transversalidade entre as várias áreas de conteúdo a partir da obra de arte?
- As expressões artísticas podem ser trabalhadas a partir de uma obra de arte?

Este relatório compreende a contextualização da Prática de Ensino Supervisionado, e está dividido em quatro capítulos.

No primeiro capítulo será apresentado o enquadramento teórico da investigação, onde será exposta a literatura científica relacionada com a problemática, referenciando o que é a arte, a obra de arte e as expressões. Neste capítulo relaciona-se a obra de arte com o desenvolvimento global da criança, e a influência do papel do educador na transversalidade das obras.

No segundo capítulo será apresentado o procedimento metodológico, o caminho percorrido para a realização da pesquisa, a contextualização da instituição e a caracterização do grupo e os projetos desenvolvidos. O projeto “Mondrian” e o “ Feijoeiro” de João Pedro do Vale.

O terceiro capítulo refere-se a uma leitura interpretativa e à apresentação e análise crítica dos dados recolhidos - notas de campo e questionários - no sentido de dar resposta ao problema e às questões colocadas.

O quarto capítulo é composto pelas considerações finais desta investigação sob a forma de reflexão sobre o trabalho realizado com as crianças e os resultados obtidos, sendo nesta análise que se dará as respostas às perguntas iniciais.

A bibliografia fará referência a obras, autores, revistas e alguns artigos citados ao longo do relatório.

Mencione-se que dos apêndices fazem parte os registos fotográficos dos projetos, as notas de campo e os guiões dos questionários.

Importa, por fim, assinalar que este relatório foi elaborado segundo as normas da *American Psychological Association*, vulgarmente denominadas normas APA, e redigido segundo o acordo ortográfico em vigor.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1.1 Obra de arte e Expressões

A Arte tem tido, ao longo do tempo, muitas definições, tanto pode ser definida como imitação ou uma reprodução artística da realidade que é percebida pelos sentidos, como a criação de uma nova realidade. A definição de Arte não é unânime entre vários autores e tem vindo a sofrer alterações ao longo da história. A arte revela a evolução histórica cultural de um povo, revelando valores e criatividade da época em que foi produzida. Segundo Cabral (1997), a palavra arte deriva do latim *ars* (*artis*), que é em grego *τεχνη*. Nos dois idiomas, e ao longo dos séculos, foram implicando um certo saber, um certo fazer e, por vezes, um certo sentir com agrado ou com gosto.

Por exemplo, para Huizinga, Arte é como um jogo mais ou menos gratuito ou mais ou menos desinteressado, em que certos homens divulgariam uma das particularidades fundamentais do homem, que é a de ser *homo ludens*, instigando outros a participarem dessa capacidade, desfrutando-a. A vida é vista como um jogo e este um elemento de cultura (Huizinga, 1938, citado por Cabral, 1997).

O artista, ao fazer a sua obra, dá-lhe forma a partir do seu pensamento, das suas emoções. Expressa-se a partir do mundo que o rodeia, mesmo que inconscientemente. Como Read (2013, p.29) descreve:

A forma de uma obra de arte é uma configuração que tomou. Não importa se é um edifício, uma estátua, um quadro, um poema ou uma sonata – todas estas coisas tomaram uma configuração particular ou “especializada” e essa configuração é uma forma de obra de arte.

A obra de arte não pode só servir o artista tem que comunicar com os outros. O artista faz a sua obra e tem de partilhá-la. É uma resposta singular para uma situação singular. No campo da obra de arte, as regras universais são impotentes. É a própria obra que cria as suas regras e as condições para que a mesma seja recebida. O bom recetor é aquele que não lhe impõe uma leitura, mas retira dela a sua própria regra, que consegue ver a obra com fruição estética, com os seus sentimentos e as suas emoções, e assim conseguir interpretá-la (Vale, 2005).

A partir do momento que a obra de arte está terminada e é apresentada, deixa de ser do seu criador, fica autónoma. O mundo da obra já não é o do artista, mas de quem a aprecia. A obra ao sair das mãos do artista perde uns sentidos, uma visão, vai ganhando uma libertação em relação ao seu outro e à sua origem. A obra tem de surgir sempre de um lugar, de uma cultura, de um estado de espírito ao pretender dar resposta, mas essa resposta transpõe o seu

contexto. A resposta vai muito mais além, depende de quem a interpreta, a sente, a vê e a valoriza. Como Damásio (2010, p.362) refere:

A arte prevaleceu na evolução porque teve valor para a sobrevivência e porque contribuiu para o desenvolvimento do conceito do bem-estar. Ajudou a consolidar os grupos sociais e a promover a organização social; apoiou a comunicação; compensou os desequilíbrios emocionais causados pelos medos, pela raiva, pelo desejo e pela mágoa; e provavelmente abriu as portas ao longo processo de estabelecimento de memória externas de vida cultural...

Neste relatório pretendo mostrar como o educador pode trabalhar de um modo lúdico e interessante todas as áreas de conteúdo, partindo de duas obras de arte. Ao levar as crianças a ver uma obra de arte, o educador pretende que estas tenham contato com ela, que a possam ver, dialogar sobre, sentir e expressar as suas emoções. O educador deverá utilizar um vocabulário simples e ter atenção à experiência de cada criança, à sua cultura.

A arte na educação não quer formar artistas, mas sim que as crianças tenham uma maior sensibilidade para o mundo que as rodeia. A educação estética alcança uma área mais vasta do que a educação artística, uma vez que invoca a formação de juízo, de gostos, de valores e o desenvolvimento da sensibilidade, passando, assim, todas as áreas da educação em geral e não se limitando unicamente à educação artística. O contato com a obra de arte mostra um aspeto funcional dentro de um processo criativo, na medida em que, por fases, ajuda a escolha de um tema com delicadeza dentro de uma determinada linguagem visual. A arte, enquanto processo de transformação pessoal, permite viver de forma mais criativa, ao mesmo tempo que pode melhorar a qualidade de vida dos seus intervenientes. Ao abordarmos as questões da arte é necessário falar de dois conceitos indissociáveis: Estética e Criatividade. A experiência estética leva-nos a participar no mundo natural e no mundo artístico. É subjetiva, torna a realidade mais leve, dá novo sentido às coisas.

A partir de uma educação estética somos despertados para o belo e para o feio, esta promove a liberdade de pensamento dos indivíduos e, naturalmente, a sua criatividade. Para desenvolverem a estética e a criatividade o educador poderá usar as expressões artísticas.

As expressões artísticas estão associadas ao fazer, dizem respeito a práticas artísticas nas diferentes áreas e ao desenvolvimento da capacidade expressiva e criativa de cada criança. Ao educar pela arte o educador promove na criança vivências simbólicas e emocionais, que, de um modo muito especial, contribuem para o desenvolvimento afetivo-emocional e intelectual da criança. A obra de arte pode levar a criança a encontrar-se consigo própria e com os outros, e é neste encontro que a criança encontra o belo, alarga o seu conhecimento sobre o mundo, e assim constrói o seu sentido estético, crítico e cultural. A partir da obra de

arte a criança pode trabalhar as várias expressões artísticas, mas ao trabalhar as expressões não quer dizer que a criança está a criar uma obra de arte, apenas está a desfrutar do prazer que lhe pode proporcionar, expressar, imaginar, criar, desenvolver outras capacidades através das expressões e deixa desenvolver o seu pensamento, as suas emoções, o seu corpo, construindo o seu conhecimento.

Um dos objetivos da educação pré-escolar é “desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e compreensão do mundo” (Ministério da Educação [ME], 1997, p.15). Através das expressões a criança vivencia diferentes situações e experiências de aprendizagem. A criança vai dominando o seu corpo, contata com diferentes materiais, explorando-os e transformando-os com imaginação e criatividade, e aprende a comunicar com várias formas de expressões.

1.2. Arte e Educação

A arte é fundamental na educação, leva ao total desenvolvimento do indivíduo e oferece uma equilibrada cultura geral no âmbito das letras, das ciências e das artes, que leva a um desenvolvimento da pessoa no seu todo (Sousa, 2003a). Muitas vezes penso se a nossa sociedade tem mecanismos que estimulem a exploração do conhecimento artístico, se os currículos autorizam a livre fruição estética da obra de arte, se apoia o pensamento criativo ou se impede uma educação da sensibilidade artística. Cabe-nos a nós educadores a mudança, de uma forma consciente, primeiro dentro de nós, para podermos, como pais, educadores, professores ou cidadãos comuns, transmitir e alertar para estes valores, mudar atitudes e enriquecer a nossa comunidade e assim enriquecer-nos culturalmente desde muito cedo. As expressões artísticas fomentam e contribuem para o desenvolvimento da criatividade e para o aperfeiçoamento da sensibilidade, permitindo possibilidades cognitivas, expressivas e afetivas, assim como de criação, reflexão e compreensão que ajudam a construção da identidade pessoal e social e entendimento de várias culturas. (Fróis, Marques & Gonçalves, 2000).

Perante estes pressupostos fundamentais, torna-se pertinente clarificar os contributos da educação pelas expressões no desenvolvimento da criança. Como Sousa (2003b, p.27) refere:

H. Read concebe as artes como um método mais eficaz para se efetuar a educação, propondo o jogo, a espontaneidade, a inspiração e a criação como objetivos imediatos de uma intervenção lúdico-expressivo-criativa que envolve o drama, a dança, a música, a plástica, a verbalização e a escrita.

Na educação tradicional, por vezes, não deixam as crianças experimentar, descobrir, usufruir e partilhar. Sabemos que por vezes o maior problema vem de casa. Algumas famílias não valorizam o papel que as expressões têm na educação. Muitas vezes não têm conhecimento de que uma garatuja do seu filho pode ser mais do que iniciação à aprendizagem da comunicação gráfica, imitando o mundo dos adultos. Pois com essa garatuja, não só se estão a divertir como estão a comunicar entre si, mostrando os seus sentimentos e as suas emoções, uma vez que a criança, desde muito pequena, consegue expressar no desenho aquilo que não consegue mostrar de outra maneira. Muitos adultos gostam de estimular as crianças a desenhar, dando-lhes modelos visuais que lhes permite imitar e copiar. As crianças deveriam desenhar e criar o que quisessem, podendo os adultos apoiar esta decisão, e não impondo estilos ou cores, considerando que as expressões artísticas são algo que têm muita importância.

Perante isto, acho pertinente perguntar “Qual o papel das expressões artísticas e da arte nas escolas?” Como nos diz Vale (1996, p.87), “a resposta revelará o papel que atribuímos, enquanto comunidade, às expressões artísticas e ao conhecimento e fruição da arte. E percebemos, então, a sua quase completa ausência.”

Entendo que existem ainda preconceitos que continuam enraizados e consolidados pelos métodos tradicionais de ensino. Read (2013, p.251) salienta “que qualquer tentativa de se justificar uma reorganização prática deste aspeto da educação tem de começar necessariamente pela base, na aceção psicológica e filosófica do termo.” A educação pela arte é muito mais que uma simples administração de conhecimentos, na medida em que possui objetivos como o aperfeiçoamento da atividade simbólica e a perceção, isto é, na aquisição e desenvolvimento dos instrumentos principais do pensamento como os sentimentos, as imagens, as ideias e as palavras. Como Sousa (2003a,p.82) refere:

Educação pela Arte é essencialmente um movimento de renovação, no sentido de se abandonar princípios pedagógicos rígidos e pré-concebidos, para compreender a criança nas suas emoções, nos seus desejos, nos seus interesses e na procura da felicidade, do modo cientificamente mais correto e eficaz.

A arte é uma linguagem muito representativa dos sentimentos. Como nos diz Santos (1966, citado por Sousa, 2003a, p.82) “a educação pela arte é a que melhor permite a exteriorização das emoções e sentimentos e a sublimação dos instintos...é melhor exprimir as

emoções do que retê-las e inibi-las.” A educação pela arte proporciona grandes vivências simbólicas e emocionais que vão contribuir para o desenvolvimento afeto-emocional e intelectual da criança, que vão fortalecer a criança na sua luta para as frustrações, inseguranças e conflitos da vida. Santos (1966, citado por Sousa, 2003a, p.84) reforça que “é necessário que a escola e todos os agentes educacionais se consciencializem de que a aprendizagem não pode ser exclusivamente racional, porque a razão tem, geneticamente, um ponto de partida emocional.”

De acordo com Robinson (2008), a arte na educação é um meio para alargar horizontes e desenvolver as capacidades das crianças e prepará-los para mudanças futuras.

As escolas devem envolver a criança com a arte, do mesmo modo que a envolvemos na matemática, nas ciências e nas línguas. Também refere que ensinar pela arte significa dar possibilidade à criança de ser ela própria a fazer a sua própria arte e, assim, estimular o seu próprio pensamento, construir o seu conhecimento, as suas ideias, os seus sentimentos e as suas criações (Idem).

A obra de arte permite à criança liberdade de expressão emocional e, como tal, oferece-lhe bases para adquirir competências cognitivas. Também lhe proporciona clima para que se possa exprimir livremente, criando demonstrações emocionais de vária ordem, direcionando-as em tarefas de modo a compensar, de alguma forma, as dificuldades que terá de enfrentar ao longo da vida na sociedade em que está inserida. Considerando estes pressupostos fundamentais, penso que é pertinente clarificar os contributos da arte no desenvolvimento da criança e da sua promoção, na medida em que acredito na educação pela arte como um meio de comunicação e de acesso ao conhecimento.

Hoje em dia ainda se continua a utilizar métodos pedagógicos muito tradicionais em jardins de infância, embora já se comece a ver a evolução e alguns já possuam recursos humanos e materiais adaptados aos dias de hoje. Cada vez mais a arte e alguns aspetos culturais, necessitam de ser introduzidos nos currículos do pré-escolar como recursos pedagógicos ricos em conhecimento, afetos, emoções e sensações. Muitos dos jardins de infância nem fazem alusão às expressões «obra de arte», «criatividade», «expressão livre» ou «liberdade de expressão», ainda que já haja quem siga as linhas pedagógicas atualizadas. Mesmo assim, a obra de arte não é muito trabalhada, embora se realizem bastantes trabalhos de expressão plástica ao longo do ano, como por exemplo nos dias comemorativos.

1.3 Obra de arte e o desenvolvimento global da criança

A obra de arte desperta na criança sentimentos, emoções, curiosidades, desejos de saber mais. Enquanto processo de transformação pessoal, a arte permite-lhe, certamente, viver de forma mais criativa, ao mesmo tempo que pode melhorar a qualidade de vida dela e dos outros. A criança cria, imagina e fantasia a partir da obra de arte e das suas vivências pessoais, não tem vergonha, consegue sair da sua realidade e viver no mundo da fantasia. Gosta de se sentir valorizada e importante e tudo isto vai promover a sua autoestima e o seu bem-estar. Aprende a participar nas atividades do seu meio cultural e se tiver contato com a obra de arte desde cedo, certamente, que cresce mais curiosa e crítica sobre o mundo que a rodeia.

Vygotsky (2009) refere que a criança constrói o seu conhecimento de dentro para fora, com as imagens que se recebem e que se produzem através do ato combinatório. O cérebro não é apenas um órgão que se limita a manter e reproduzir a experiência passada, ele também é um órgão combinatório, que altera criativamente e cria, a partir dos constituintes da experiência passada, novos comportamentos e novas situações. A ação criadora apoiada nas capacidades combinatórias do nosso cérebro, a psicologia chama imaginação ou fantasia. Segundo o autor, possuímos capacidade e plasticidade na construção do nosso pensamento, o qual é criado na base de todos os sentidos do ser humano. Quanto mais experiências o ser humano tiver, mais divergente será o seu pensamento, mais hipóteses tem para o mesmo problema. Deste modo surgem várias soluções para o mesmo problema e desenvolve muitas possibilidades a partir de um único ponto de partida. O cérebro do ser humano possui uma enorme plasticidade, consegue conservar e alterar as suas memórias, e, assim, reproduzir ou repetir modos de comportamentos já anteriormente elaborados e produzidos.

Vygotsky (2009, p.10) diz-nos:

Passa-se com o cérebro qualquer coisa de parecido com o que se passa com uma folha de papel quando a dobramos ao meio: no lugar da dobra fica um sulco como resultado da transformação operada – sulco que favorece a reiteração posterior dessa mesma transformação: bastará soprar o papel para que ele volte a dobrar-se pelo mesmo sulco.

O mesmo se passa com as marcas deixadas ao longo do crescimento e do desenvolvimento da criança, as aprendizagens significativas que a vai conduzir ao caminho do conhecimento ao longo da vida, “de igual modo as excitações fortes ou frequentemente repetidas abrem o nosso cérebro trilhos semelhantes” (Idem, p.10).

Vygotsky (2009) também explica que se o nosso cérebro só reproduzisse a marca deixada e não a renovasse, a criança não conseguiria evoluir nem se adequaria às

modificações exigidas à sua sobrevivência, ficava só orientada para o passado e não conseguia adaptar-se ao futuro. Segundo o mesmo autor, é no cérebro que a criança faz todos os registos das experiências vividas e assim consegue através deste órgão registar e reproduzi-las de forma a adaptar-se a novas situações. Afirma Vygotsky (2009, p.11) “toda a atividade humana que não se limite a reproduzir fatos ou impressões vividas, mas que cria novas imagens, novas ações, pertence a esta segunda função criadora ou combinatória.”

Na educação pré-escolar há que ter o cuidado de criar ambientes apropriados que promovam o desenvolvimento da criança, onde possa ser criadora e imaginativa. Vygotsky (2009, p.13) diz-nos:

Entre as questões mais importantes da psicologia infantil e da pedagogia conta-se a da capacidade criadora das crianças, a da promoção desta capacidade e da sua importância no desenvolvimento geral e maturação da criança. Desde os primeiros anos de infância, encontramos processos criadores que se refletem, sobretudo nos seus jogos.

As crianças desde muito pequenas, que não se limitam só a repetir aquilo que veem, as experiências vividas, também criam novas realidades entre si e os seus pares com emoções e de acordo com as suas necessidades. Segundo Vygotsky (2009, p.14) “a avidez que sentem de fantasiar as coisas é um reflexo da sua atividade imaginativa, como acontece também nos seus jogos.” O mesmo autor refere que a experiência real da criança é muito menor do que a do adulto e é este que terá a responsabilidade de promover momentos novos de aprendizagem, que vão desde as novas experiências até aos novos conhecimentos, e assim ajudá-la a construir conhecimento por si e com os outros. Nos primeiros anos de vida as imagens têm um valor muito significativo para as crianças. Como pergunta Vygotsky (2009, p.25) “na realidade, para que há necessidade de obra de arte?”, continua “Não agirá ela sobre o nosso interior, as nossas ideias e os nossos sentimentos, do mesmo modo que o instrumento técnico age sobre o mundo exterior, o mundo da natureza?” A criança, ao observar uma obra de arte, vai conseguir sentir emoções, cria e fantasia aquilo que o seu pensamento quer, vê o que quer, aprecia e critica, diz o que pensa, consegue fantasiar a realidade. A criança quando se envolve com uma obra de arte descobre coisas que por vezes nós adultos jamais iríamos encontrar.

Segundo o mesmo autor, a imaginação das crianças é muito maior do que a dos adultos. Considera-se que a infância desenvolve muito mais a fantasia e a sua capacidade imaginativa, mas vão diminuindo à medida que a criança vai crescendo. Esta opinião assenta em várias observações sobre a atividade da fantasia. Goethe (citado por Vygotsky, 2009, p.38) defende que “as crianças podem fazer tudo de tudo, e esta simplicidade, esta espontaneidade

da fantasia infantil, que deixa de ser livre no adulto, confunde-se habitualmente com a extensão ou a riqueza da imaginação da criança.”

A obra de arte, proporciona o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e cultural das crianças. Trabalha todos os sentidos, todas as suas habilidades, emoções e sensibilidades, ajuda na construção do saber da criança. O educador, ao utilizar a obra de arte no pré-escolar como estratégia educativa, está a proporcionar à criança experiências enriquecedoras para o seu desenvolvimento global. A interação entre o educador e a criança deve ser uma sociedade na qual devem ter os mesmos interesses, interagir e permanecer para o objetivo comum ser alcançado, o saber. As crianças podem partilhar os seus saberes e conhecimentos, a sua imaginação e criatividade por muitas linguagens, chamadas por Malaguzzi “As cem linguagens das crianças”. Estas conduzem-nas a representações muito ricas e criativas sobre o que observam, o que sentem, o que sabem e o que aprendem sobre o mundo que as rodeiam (Malaguzzi,1987).

1.4. Obra de arte e transversalidade: o papel do educador

O pré-escolar é um contexto por excelência capaz de promover o contacto com as expressões artísticas e, por consequência, promover o desenvolvimento da criatividade e da sua imaginação, o que leva à construção de novas competências. Em virtude disto, torna-se pertinente que a educação pela arte e as expressões artísticas sejam valorizadas na formação de todos os cidadãos e, por consequente, ao nível da educação básica, na qual a educação pré-escolar é a primeira etapa. (Lei nº 5/97, de 10 de fevereiro)

Sendo as Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar (OCEPE) o instrumento primordial para o desenvolvimento da prática pedagógica em contexto pré-escolar, há que ter em conta o conjunto de princípios e linhas orientadoras da componente educativa que nela estão veiculadas. Apesar de não haver obrigatoriedade de um programa pré-definido, é dada, aos educadores, a responsabilidade de observar, planear, agir, avaliar e refletir sobre as abordagens pedagógicas.

Nas OCEPE encontra-se um conjunto de áreas de conteúdo que devem ser tomadas em consideração no planeamento e na avaliação das diferentes situações pedagógicas, sendo elas: a Formação Pessoal e Social; a Expressão e Comunicação; e o Conhecimento do Mundo.

A Área de Formação Pessoal e Social é a área que no fundo integra todas as outras áreas de conteúdo, “(...) é considerada uma área transversal (...)” (ME,1997, p.51), diz

respeito à maneira como a criança se relaciona consigo própria e com os outros, assim como com o mundo que a rodeia. A transversalidade desta área com as restantes traduz-se fundamentalmente na ideia que também “(...) deverão contribuir para promover nos alunos atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-os para a resolução dos problemas da vida.” (Idem). Assim, o educador tem o dever de promover a construção da identidade das crianças do grupo, aumentando a autoestima e, por efeito, o sucesso nas suas aquisições. O educador é o modelo para todas as crianças, é ele que vai estabelecer relações e interações com cada criança e com o grupo, e assim, permitir que o dia no jardim de infância seja um contexto social e relacional facilitador da educação para os valores. O desenvolvimento pessoal e social na criança envolve também a motivação que a mesma adquire e que a leva a dar o seu melhor nas tarefas que concretiza ao longo do seu dia. Favorece também a autonomia da criança e do seu grupo, ao «saber fazer» a criança fica mais independente e responsável.

A Área de Expressão e Comunicação é uma área que abrange um conjunto de domínios do saber: expressão motora, dramática, musical e plástica, da linguagem oral e abordagem à escrita, da matemática e das tecnologias de informação e comunicação. O domínio das expressões:

“(...) implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo que a criança vá dominando e utilizando o corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma consciência de si próprio na relação com os objetos. (ME,1997, p.57)

A expressão motora evidencia-se pelo desenvolvimento da componente motora da criança. A criança em idade pré-escolar faz, a cada dia que passa, um esforço cada vez maior para controlar o corpo. Com movimentos mais coordenados, dominando as deslocções no espaço e no tempo, vai obtendo grandes progressos no seu desenvolvimento motor. Todos estes progressos na consciência das suas possibilidades de locomoção serão uma realidade graças às oportunidades que lhes proporcionamos diariamente através do jogo e experiências que lhes vão permitir, de forma equilibrada, progredir e adquirir novas competências. Assim, compete à educação pré-escolar “(...) proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar melhor o seu próprio corpo.” (ME, 1997, p.58).

A capacidade de expressão nasce connosco e revela-se desde muito cedo. A necessidade de comunicar é inata ao ser humano e é através da comunicação e da expressão que damos forma aos variados papéis que assumimos na nossa vida, sejam eles papéis

personais, profissionais ou sociais. A expressão dramática é o “(...) meio de descoberta de si e do outro (...)” (ME, 1997, p.59), através do qual a criança pode, de forma criativa e única, dar livre caminho às suas ideias. Da expressão dramática resultam atividades através do jogo simbólico e do faz de conta. Essa necessidade de imaginar e fantasiar surge por volta dos 2 anos e Jean Piaget descreve bem essa fase de desenvolvimento cognitivo da criança, pela necessidade de que esta tem de trocar os objetos reais pelo real dos seus desejos (por exemplo, quando uma criança pega numa boneca e diz que é a mãe ou pega num prato e faz dele um volante de um carro). É esta necessidade de fantasiar e criar que no processo de maturação da criança até à idade adulta, vai sendo difundida, seja por vergonha ou timidez. O nosso corpo e a nossa voz são mundos muito interessantes que queremos explorar quando somos pequenos. Este é um dos principais motivos porque algumas crianças são tão felizes, equilibradas e conseguem divertir-se nos seus «mundos».

A expressão plástica é um dos domínios mais peculiares que a criança tem. A criança observa e manipula a matéria de forma criativa, como também comunica ao exterior a sua particular visão do meio, a sua aquisição permanente de noções e de partilhar com os outros o seu estado emocional. A criatividade e a expressão na criança implicam amadurecimento, capacidade de comunicação, nível perceptivo e motor, motivação e, desde logo, conhecimentos da aplicabilidade de certas técnicas no seu trabalho criativo. Ao mesmo tempo, a expressão plástica converte-se num ótimo meio para a iniciação das aprendizagens instrumentais básicas, a leitura e a escrita. É através do desenho, da pintura e da modelagem que a criança melhor acede ao símbolo gráfico, à sua compreensão e utilização.

A expressão musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos que a criança produz e explora naturalmente e que vai aprendendo a identificar. A música na educação pré-escolar vem, ao longo do tempo, tentando atingir vários objetivos, alguns dos quais alheios às questões próprias dessa linguagem que é a música. A música está quase sempre presente nas diversas situações da vida humana. As crianças entram em contato com a cultura musical desde muito cedo e, assim, começam a aprender as tradições musicais. A criança, através da música, pode exprimir os seus sentimentos e libertar muitas vezes emoções que os sentimentos reprimem.

Na linguagem oral e abordagem à escrita o educador deve criar um ambiente rico e estimulante, para a criança ter experiências ricas e desafiantes, proporcionando-lhe facilmente a possibilidade de se desenvolver a nível cognitivo, linguístico e emocional. Desde muito cedo, que a criança de uma forma natural e espontânea começa a adquirir e a desenvolver a

sua língua materna através das interações que realiza com pessoas que se encontram ao seu redor. “Ao conversar com a criança, o adulto desempenha o papel de ‘andaime’, interpretando-a, clarificando as suas produções, expandindo os enunciados que a criança produziu e providenciando modelos que ela testa.” (Sim-Sim, 2008, p.11). É importante que o adulto enfatize as interações comunicativas entre o adulto e a criança e, assim, promova o seu desenvolvimento e a sua aprendizagem em geral.

A criança, quando entra para o pré-escolar, traz diferentes conhecimentos e diversas vivências culturais e sociais, que influenciam nas suas aprendizagens. Cabe, à instituição de ensino colmatar ou minimizar as diferenças resultantes das diferentes condições socioculturais, dando a todas as crianças iguais oportunidades para desenvolverem as suas capacidades fundamentais para o seu futuro sucesso social e escolar.

A matemática está presente no dia-a-dia da criança, mas isso só não chega, e somos nós como futuros educadores que temos a responsabilidade de despertar as crianças para tal. Somos os responsáveis de ensinar às crianças uma matemática lúdica e prazerosa e, assim, contribuir para o seu sucesso. Desde muito pequenas que as crianças, convivem com a matemática temos que aproveitar tudo o que vem do seu quotidiano para a trabalhar. A educação pré-escolar deve dar a este domínio uma grande importância, visto que este se reveste de uma máxima “(...) importância para aprendizagens futuras (...)” e o dia a dia de qualquer jardim de infância “(...) oferece múltiplas possibilidades de aprendizagens matemáticas” (ME,1997, p.73). É muito importante que o educador perceba o que a criança já sabe e onde pode chegar. Quando o educador vê que a criança tem mais potencial para deverá dificultar a tarefa, assim como deverá suceder o contrário, facilitar, se for o caso.

Para uma formação sólida em matemática e para que as crianças tenham sucesso ao longo da sua vida, devemos dar confiança, devemos desmitificar e usar o vocabulário adequado. Temos que respeitar o ritmo de cada criança, o que importa é que o raciocínio esteja lá. Levar a criança a explicar as suas ideias, estando certo ou errado.

Nos dias de hoje, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) estão presentes na nossa vida, mesmo sem nos darmos conta. Têm grande importância na vida das pessoas, principalmente na Educação, pois possibilitam uma melhor aprendizagem por parte das crianças, “a utilização dos meios informáticos, a partir do pré-escolar, pode ser desencadeadora de variadas situações de aprendizagem.” (ME, 1997, p.72). As crianças podem aprender um novo código, o código informático, que pode ser utilizado nas várias áreas de conteúdo. Têm uma enorme facilidade em utilizar as TIC, pois desde o seu

nascimento têm contacto com estas novas tecnologias, ao contrário dos adultos. As tecnologias têm-se refletido em todos os aspetos da nossa sociedade, pois mudaram as formas de aprender e ensinar, as formas de trabalhar e as formas de comunicar e de lazer.

Importa realçar mais uma vez, que os princípios definidos na Lei de Bases do Sistema Educativo e os objetivos delineados na Lei-Quadro para a Educação Pré- Escolar levam o educador a “desenvolver a expressão e comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo” (art.º 10 do capítulo IV da Lei 5/97). Esta área é considerada a base dos conteúdos, uma vez que “incide sobre aspetos essenciais do desenvolvimento e da aprendizagem e engloba instrumentos fundamentais para a criança continuar a aprender ao longo da vida” (ME,1997, p.56), ajudando no seu desenvolvimento psicomotor e simbólico em idade pré-escolar. Os diferentes domínios das expressões perspetivam a construção de diversas aprendizagens de códigos através dos quais a criança estabelece relações com os outros, despertando para a sensibilidade estética através da recolha de informação que lhe permite imaginar, representar e explorar diferentes mundos.

A Área do Conhecimento do Mundo constitui uma área fundamental para as descobertas, uma vez que considera que a criança se desenvolve e aprende na interação com o mundo que a rodeia desde muito cedo, tirando ilações que visualiza no seu dia-a-dia. É esta curiosidade natural da criança face ao mundo em que está integrada que irá dar sentido à sua vida que estará na origem das “ formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências, das técnicas e, também, das artes.” (ME, 1997, p.79). O Conhecimento do Mundo desperta situações nas quais ela se envolve em observações, descobertas, investigações, experimentações, de modo a construir novos conhecimentos na interação com o meio com o objetivo de encontrar respostas aos seus problemas. As crianças interessam-se naturalmente pelo mundo que as rodeia, por isso não devemos tirar-lhes uma parte desse mundo porque achamos que eles não compreendem. A diferença é que a criança compreende de maneira diferente do adulto, mas nem por isso compreende pior. Assim, cabe ao educador colocar questões pertinentes e dar continuidade ao trabalho na sala, de modo a promover a criatividade.

Quando se estimula ou se suscita determinado pensamento criativo nas crianças está-se de algum modo a levá-las a ver o mundo. O educador ao trabalhar com a criança através de uma obra de arte vai abrir um «mundo» novo onde esta pode construir conhecimento de um modo lúdico e prazeroso.

O educador ao fazer a transversalidade, através da obra de arte, com as diversas áreas de conteúdo está a levar a criança a promover o desenvolvimento global. A atuação pedagógica do educador de infância assume um papel de facilitador e mediador da aprendizagem de extrema importância no grupo de crianças que tem a seu cargo, quando valoriza a participação ativa e dá voz às variadas aprendizagens na construção dos novos conhecimentos.

Para isso, é preciso desenvolver práticas de qualidade com a criança e não para a criança. Assim o educador deve partir dos interesses, necessidades, capacidades e características dela. O adulto poderá iniciar a sua atuação de forma a estimular a criança nas experiências de aprendizagem e ajudá-la quando for solicitado. O apoio ao envolvimento ativo da criança no decorrer das atividades favorece a criação de um clima de interações positivas, bem como a aquisição de competências a nível das várias áreas de conteúdo (ME, 1997)

Hohmann e Weikart (2009) também defendem que o educador deve ter em conta o ambiente no qual a criança se encontra, proporcionando-lhe, assim, o controlo sobre a sua própria aprendizagem. A criança desenvolve melhor os seus interesses quando lhe é dada mais liberdade, iniciando experiências de aprendizagem nas quais se sente confiante e segura, tornando as suas decisões e selecionando os materiais que quer desfrutar.

Deste modo, o educador a partir de uma obra de arte deve adotar estratégias diversificadas que permitam à criança vivenciar situações desafiantes e inovadoras, abrangendo todas as áreas de conteúdo. Assim o educador deve criar ambientes propícios, acolhedores onde as crianças se sintam seguras e consigam dar asas à sua imaginação, consigo mesmas e com os seus pares. Ao apresentar uma obra de arte o educador não deverá dizer o que quer que a criança faça, deverá sim deixar a criança observar, refletir e depois tirar as suas conclusões. Depois de todo este trabalho a criança tem a necessidade de partilhar com o grupo, ou não, mas aí o educador tem que respeitar o espaço de cada criança.

Capítulo II – Metodologia

2.1. Procedimento Metodológico

2.1.1 Investigação Qualitativa

Para a realização de um processo de investigação é preciso definir a metodologia a utilizar. Segundo Oliveira e Araújo (2008), o facto de a investigação não ser realizada sobre as crianças mas com as crianças representa várias responsabilidades e preocupações para o investigador. Para este fim recorri a uma revisão bibliográfica que me permitisse obter conhecimentos sobre os potenciais de alguns instrumentos de recolhas de dados e, por conseguinte, me ajudasse a optar pelo que melhor se adaptasse aos objetivos desta investigação. Como Rosa (1994, citado por Sousa, 2005, p.12) nos diz:

A investigação é, assim, uma demanda daquilo que não se conhece. O investigador vai do que sabe, os vestígios, para o que não sabe, o que os vestígios indicam. Nem se pode dizer que vai para aquilo que procura, pois, em verdadeira e radical investigação, não é sequer possível saber o que é que se procura. O termo da investigação, da demanda, é uma descoberta.

Deste modo, nesta investigação foi seguida a metodologia qualitativa. Foram utilizados como instrumentos de investigação as notas de campo e os questionários de resposta aberta e fechados realizados aos pais e às crianças.

A investigação qualitativa é característica da Antropologia Social e é a preferida pelas Ciências Sociais. Ao propor entender o comportamento humano e os fenómenos sociais a partir da perspetiva dos participantes assenta numa filosofia fenomenológica.

Esta metodologia valoriza mais o processo de investigação com a descrição e análise das ações dos indivíduos, verificando-se uma interação entre o investigador e o objeto. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 47), “na investigação qualitativa a fonte de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.” Estes autores reforçam que o investigador tem que conhecer o contexto onde investiga e está inserido. A observação realizada terá que ser metódica, detalhada e contextualizada.

“A investigação qualitativa tem que ser descritiva” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48). Os dados recolhidos são registos escritos e fotográficos. Os resultados escritos contêm citações feitas com bases nos dados para ilustrar e sustentar a apresentação. Estes dados incluem notas de campo, que devem ser cuidadosas e descritivas, pois o detalhe é valioso e revela-nos a essência da observação.

2.1.2 Observação Participante de Tipo Natural

Num método de investigação a observação participante assume-se como uma prática imprescindível no contexto de formação de educadores. Afonso (1995, p. 91) refere:

A observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários. Os produtos da observação tomam geralmente a forma de registos escritos pelo investigador (...)

O observador deve envolver-se na vida da comunidade educativa a partir do seu interior, como se fosse um deles, para melhor os compreender, como defende Sousa (2005). Assim, esta investigação foi composta de forma participativa natural e não estruturada.

Segundo Mann (1970, citado por Sousa, 2005, p. 113), a observação participante é uma “tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de modo a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles.”

Também se trata de uma observação participante de tipo natural, uma vez que pertenço ao grupo como auxiliar de educação. (Idem, 113)

Para concluir posso afirmar que utilizei uma observação não estruturada, que segundo Cozby (1989, citado por Afonso, 2005, p.92):

É conduzida quando o investigador quer descrever e compreender o modo como as pessoas vivem, trabalham e se relacionam num determinado contexto social, [implicando] que o investigador se insira na situação (...) e observe o próprio contexto, os padrões das relações as pessoas, o modo como reagem aos eventos que ocorrem (...)

“Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 49), ou seja, interessa-se mais pela interação e não pelos resultados. É durante todo este processo que o investigador enriquece e constrói o seu conhecimento, valorizando mais o processo de investigação.

Um investigador quando planeia criar uma teoria sobre o seu objeto de estudo, só após uma recolha de dados e o passar do

tempo com os sujeitos é que pode tomar uma direção. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.50) “os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva”, logo, não recolhem dados ou provas com objetivo de confirmar ou inferir hipóteses construídas antecipadamente. Assim, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando.

2.1.3 Instrumentos de recolha de dados

A partir da observação participante feita de janeiro a maio na Creche do Povo-Sala Rosa recolhi episódios registados sobre a forma de notas de campo, fotografia e questionários de resposta aberta e fechada.

2.1.3.1 Notas de campo

Num trabalho de investigação a observação é essencial para se conseguir uma leitura mais detalhada do que se está a estudar. Como podemos ler nas OCEPE:

Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades (...) constitui, deste modo, a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo (ME,1997,p.25).

Ao observar devemos ter em conta vários aspetos relacionados com o sujeito em causa como um ser individual e um ser integrado num grupo.

As notas de campo (NC), como afirmam Bogdan e Biklen (1994, p.150) são “o relato daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”, sendo, neste contexto, com intenção de perceber a importância da obra de arte no desenvolvimento da criança e como o educador faz a transversalidade com todas as áreas de conteúdo.

2.1.3.2 Registos fotográficos

As fotografias foram utilizadas para a recolha de dados da ação direta com as crianças no decorrer das atividades e ilustram as notas de campo, sendo devidamente autorizados pelos pais (Ver Apêndice III). Os nomes das crianças foram substituídos por outros nomes, para salvaguardar o seu anonimato.

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.14) se o uso da máquina fotográfica for para assinalar os acontecimentos num determinado contexto “terá de se encontrar uma forma de minimizar a distorção das rotinas causadas pela presença do fotógrafo.”

Neste relatório, as NC utilizadas foram identificadas pela data e numeradas por ordem cronológica, sendo apresentadas em apêndice na totalidade (Ver Apêndice IV).

2.1.3.3 Questionários

Esta investigação também conta com questionários realizados às 22 crianças e aos 22 pais num total de 88 questionários. Como Afonso (2005, p.101) refere:

Os questionários consistem em conjuntos de questões escritas a que se responde também por escrito. Na construção de questionários, o objetivo principal consiste em converter a informação obtida dos respondentes em dados pré-formatados, facilitando o acesso a um número elevado de sujeitos a contextos diferenciados.

Os questionários contêm respostas fechadas e abertas. As questões fechadas têm a vantagem de canalizar as reações crianças e dos pais interrogados para algumas categorias muito fáceis de interpretar. Elas são, sobretudo, de um apuramento muito fácil, porque não permitem nenhuma ambiguidade.

As questões abertas, pelo contrário, são o segundo tipo de questões-interrogações, permitem às criança ou aos pais interrogados dar uma resposta livre e pessoal. Sob o enunciado da questão, reserva-se um certo espaço no qual pode dar a sua resposta.

Mas existe ainda as questões semiabertas ou semifechadas, as vantagens destas questões são a facilidade e a rapidez do apuramento de dados e tem informação suficiente, dado que é apresentada a justificação da resposta e praticamente não tem inconvenientes.

2.2 Contextualização e caracterização da Instituição

A Creche do Povo é uma Instituição Particular de Solidariedade Social¹ (IPSS) e fica localizada na cidade de Torres Vedras. É uma instituição sem fins lucrativos, de carácter associativo e destina-se a uma população entre os 4 meses e os 6 anos de idade. A gestão da Instituição é da responsabilidade da Direção, eleita em Assembleia-Geral de sócios e cujos mandatos são bienais. A Creche do Povo rege-se pelos Estatutos e pelo Regulamento Interno, cuja última alteração foi aprovada em Assembleia Geral, em maio de 2012.

A parte técnica cabe à Equipa Pedagógica, composta por doze educadoras de infância e uma animadora sociocultural, exercendo uma educadora, o cargo de Coordenadora Pedagógica. O horário de funcionamento da Instituição Creche do Povo é das 7H30 às 19H30, de segunda-feira a sexta-feira. A Creche rege-se pelos Estatutos e pelo Regulamento Interno, cuja última alteração foi aprovada em Assembleia Geral, em maio de 2012.

¹ Ver esquema da história da Instituição no Anexo I

Os seus fundos provêm de subsídios governamentais através do Instituto de Solidariedade e Segurança Social e do Ministério da Educação, das quotas dos associados e das mensalidades.

Para a admissão de crianças na Creche do Povo é necessário tornar-se sócio da Instituição, preencher a ficha de inscrição e aguardar a sua vez. A entrada nas salas é feita pela ordem de inscrição, dando prioridade aos filhos dos trabalhadores e de irmãos de crianças que já frequentam a Creche do Povo.

A Creche do Povo tem como objetivos inerentes ao seu funcionamento:

- Assegurar as condições que favoreçam o desenvolvimento harmonioso e global da criança;
- Contribuir para corrigir os efeitos discriminatórios das condições socioculturais no acesso ao sistema escolar;
- Estimular a sua realização como membro útil e necessário ao progresso espiritual, moral, cultural, social e económica da comunidade.

2.3 Caracterização do grupo de pesquisa

Neste presente ano letivo, a Sala Rosa é constituída por um grupo homogéneo de 23 crianças que completam os 5 anos até final de novembro deste ano.

As crianças do grupo são todas portuguesas, vivem na cidade de Torres Vedras ou nas freguesias limítrofes. Os encarregados de educação exercem as suas profissões num raio de 40/50 Km.

Quanto ao meio socioeconómico das suas famílias, e tomando como referência as fontes consultadas, nomeadamente as fichas individuais das crianças, pode mencionar-se que estes integram, em geral, um meio considerado classe média, embora, neste momento haja dois pais desempregados. São maioritariamente famílias estruturadas, as crianças vivem com ambos os pais, apenas três vivem em famílias monoparentais.

Refiro de seguida dados relativos ao grupo, que foram recolhidos essencialmente através das suas fichas individuais.

Tabela 1 – Distribuição dos alunos quanto à idade e ao género.

Nº de Crianças	5 Anos	6 Anos	Total
Meninos	7	2	9
Meninas	13	1	14
Total	20	3	23

Tabela 2 - Distribuição dos encarregados de educação relativamente ao local de trabalho

	Torres Vedras	Lisboa	Desempregados	Outros
Mãe	16	4	1	2
Pai	12	3	1	6

Tabela 3 - Idade dos encarregados de educação

	25 – 30	31-35	36-40	Mais 40
Mãe	1	8	9	5
Pai	1	6	9	17

Tabela 4 - Habilitações dos encarregados de educação

	Licenciatura	Secundário	3º Ciclo	Outros
Mãe	15	6	0	2
Pai	10	10	3	0

O grupo da sala Rosa é um grupo muito comunicativo e com muita vontade de ajudar e ser prestável. Apresentam iniciativa e gostam de expor ideias e encontrar soluções. Participam ativamente nas tarefas e atividades propostas, manifestam interesse em saber fazer e querem aprender sempre mais.

É um grupo que já se organiza sem problemas, escolhendo uma área de atividade. Apresentam criatividade e imaginação nas suas brincadeiras, reinando a boa disposição. Verifica-se uma boa interligação entre todos, consolidando as relações de amizade entre eles, e também uma relação muito boa com os adultos da sala.

A maioria das crianças apresenta autonomia nas rotinas da sala, assim como na realização das atividades. Como Hohmann, Banet e Weikart (1995, p.81) referem:

A criança tem de ter consciência da rotina diária e saber os nomes das partes que a compõem, para não passar o dia a pensar o que irá acontecer a seguir, ou

a preocupar-se porque não vai ter a oportunidade de ir lá fora brincar nos baloiços.

Este grupo gosta muito de atividades de expressão plástica, quer seja pintura, modelagem ou simplesmente um desenho, apresentando de uma forma geral uma evolução muito positiva nas suas realizações.

Em termos de preferências, as crianças elegem as atividades de pintura, recorte, ouvir, contar e inventar histórias. Apreciam o jogo do faz de conta e dançar.

Ao nível da linguagem, as suas capacidades de compreensão e de produção estão de acordo com a faixa etária do grupo. Algumas crianças necessitam de uma maior atenção e trabalho ao nível da articulação e pronúncia de alguns fonemas. Já adquiriram um bom vocabulário, gostam de comunicar e têm um bom discurso, quer seja a relatar factos do quotidiano, a contar histórias, a brincar ao faz de conta ou a participar nos vários registos das atividades realizadas na sala. A maioria das crianças demonstra muita curiosidade e interesse pela escrita e pela leitura.

É um grupo de crianças muito ativas, curiosas com o desejo e o impulso de explorar, experimentar e de descobrir diferentes técnicas e materiais.

2.4 Projetos desenvolvidos com as crianças

Estes projetos foram pensados após saber qual o projeto curricular de grupo “Brincar pelo Mundo... Brincar com o Mundo”. Este grupo de crianças está a conhecer vários países do Mundo. Então, achei oportuno dar a conhecer dois artistas de países diferentes, uma vez que gostaria de fazer como tema de relatório final “O papel da obra de arte e expressões artísticas no pré- escolar”.

Nestes projetos fui mediadora das aprendizagens das crianças e criei condições para potenciar o seu desenvolvimento, trabalhei com as crianças e não para as crianças. Forneci-lhes ferramentas para promover a aprendizagem ao longo dos projetos e propus algumas atividades que foram negociadas com as crianças. Estas estiveram sempre muito recetivas e entusiasmadas, foram dando sempre as suas opiniões, sugerindo novas atividades. Consegui estabelecer interações positivas com as crianças, estimulando-as a realizar experiências diferentes, ajudando-as a encarar novos desafios, mas respondendo com empatia perante os sentimentos de falta de confiança que, por vezes, ocorrem no processo de aprendizagem, encorajando-as a tornar-se mais autoconfiantes e autónomos.

2.4.1. Projeto Mondrian

2.4.1.1 Mondrian

Pieter Cornelis Mondrian, conhecido por Piet Mondrian, foi um pintor holandês modernista que nasceu a 7 de março de 1872, em Amersfoort, acabando por falecer a 1 de fevereiro de 1944, em Nova Iorque.

Mondrian iniciou os estudos de pintura na Academia de Belas Artes de Amesterdão e foi aí que começou a pintar. Os seus primeiros trabalhos eram pinturas de paisagens. Mais tarde começou a experimentar cores mais brilhantes com a intenção de ultrapassar a natureza, a desenvolver e a pintar um estilo cada vez mais abstrato.

Mondrian mudou-se para Paris em 1911, e aí tomou contato com pintores cubistas. Mudou progressivamente de seminaturalista para a crescente abstração.

Durante a primeira guerra mundial, pintou no seu país e ajudou a fundar a revista de artes *Stijl*, que influenciou pintura, o design e a arquitetura europeia.

Mondrian levou a abstração ao máximo dos seus limites, começou a formular as suas teorias estéticas. Foi o pai do Neoplasticismo, onde as cores e formas são organizadas de maneira que a composição resulte apenas na expressão de uma conceção geométrica. Resulta às linhas verticais e horizontais e as cores puras (vermelho, azul e amarelo) o ângulo reto é o símbolo do movimento, sendo rigorosamente aplicado à arquitetura.

Nas suas últimas composições utilizou apenas linhas pretas verticais e horizontais que delimitam blocos de puro branco, vermelho, amarelo ou azul. Mondrian revelou ser um expoente elevado da harmonia e da beleza.

Em 1940, Mondrian foi para Nova Iorque, onde realizou a última fase da sua obra: desapareceram as barras negras e o quadro ficou dividido em múltiplos retângulos de cores vivas. É a série dos quadros boogie-woogie.

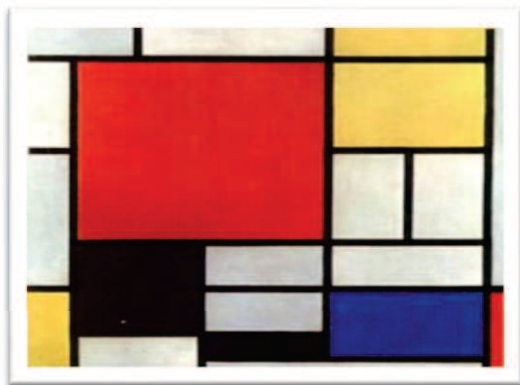


Figura 1 – Piet Mondrian - *Composição com Vermelho, Amarelo e Preto*, 1921

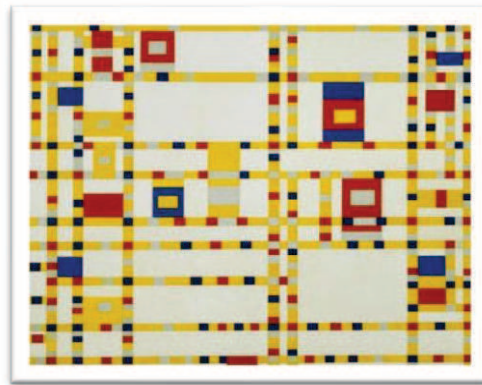


Figura 2 – Piet Mondrian - *Broadway Boogie-Woogie*, 1942-43

2.4.1.2 Apresentação do projeto Mondrian²



Figura 3 - As crianças a pintarem o nome do pintor Mondrian.



Figura 4 – As crianças já preparadas para o teatro inspirado na obra de arte de Mondrian.

Este projeto Mondrian foi apresentado no seguimento do Projeto da sala “Brincar pelo mundo...Brincar com o mundo”. As crianças tinham andado a conhecer vários países, e eu gostaria de trabalhar um pintor modernista, propus o Mondrian, um pintor holandês. Falei com a educadora e com as crianças e achamos que era um projeto interessante para todos.

Para iniciar este projeto contei a partir da história do “Sonho de Mateus”, um ratinho que queria ser pintor. A partir desta houve uma conversa sobre o que era ser pintor e a apresentação do pintor Mondrian e qual o seu país. Em grupo, conversamos e decidimos o que iríamos fazer a partir dessas obras, respeitando sempre a opinião das crianças. Ao longo do projeto fui levando outras ferramentas e outras propostas e as crianças mostraram-se sempre entusiasmadas e participativas.³

Em suma, apresentei:

- Obras de Mondrian
- Outras obras inspiradas em Mondrian. (vestuário, culinária, arquitetura);
- História “O Capuchinho Vermelho”, composta por Jean Ache⁴ que se inspirou em Mondrian.
- Pintura com as cores de Mondrian (amarelo, azul e vermelho);

² Ver registo fotográfico do Projeto Mondrian no Apêndice I.

⁴ Jean Ache, foi um artista francês, cujo nome verdadeiro era Jean Huet. Nasceu em Havre a 1923/08/29 e morreu em Joinville-le Pont a 1985/12/19. Dedicou parte da sua obra á reinterpretação dos contos clássicos tanto do Capuchinho Vermelho como da Cinderela em quadrinhos animados tendo sido publicados em França e no Japão.

- Dobragem e colagem de flores em papel com as cores de Mondrian;
- Construção da cidade de Mondrian com sólidos geométricos;
- Reconto da história e preparação do teatro “O Capuchinho Vermelho”;
- Teatro “ O Capuchinho Vermelho”.

Intencionalidade Pedagógica

- Estimular a apreciação da obra de arte;
- Despertar emoções, expressar sentimentos e promover a autoestima.
- Aprender a ler e interpretar imagens como forma de comunicação, de informação e de prazer;
- Compreender discursos orais e interação verbal e alargar o capital lexical;
- Fomentar a expressão e comunicação plástica;
- Estimular a criatividade;
- Desenvolver as capacidades de expressão dramática.
- Incentivar a criança a utilizar vocabulário matemático;
- Identificar e comparar algumas das principais formas e sólidos geométricos;
- Conhecer países, cidades, arquitetura;
- Demonstrar capacidade de respeito por si e pelo outro;
- Interagir/cooperar com outro e promover o trabalho em equipa

2.4.2 Projeto “O Feijoeiro”

2.4.2.1 João Pedro do Vale

Artista contemporâneo português nasceu em Lisboa em 1976. Formou-se nesta cidade em Escultura, pela Faculdade de Belas Artes, em 1999, prosseguindo depois para um Curso Avançado em Artes Plásticas na Escola Maumaus em 2002.

João Pedro do Vale vive e trabalha em Lisboa. Realizou diversas exposições individuais e coletivas em Portugal e no estrangeiro. O seu trabalho desenvolve-se, especialmente, no campo da escultura e da instalação. Recorrendo a materiais pouco convencionais e pobres, a objetos pré-existent de caráter tradicional ou massificado, cria

instalações escultóricas, imprevisíveis e distanciadas do contexto desses elementos, que expressam sempre uma forte componente cultural.

Em 2004, começou a colaborar com Nuno Alexandre Ferreira, que nasceu em Torres Vedras, em 1973, formou-se em Sociologia na Universidade Nova de Lisboa vive e trabalha em Lisboa, até então, apenas se tinha dedicado à produção e ao comissariado.

A obra de arte que foi trabalhada pelas crianças deste estudo foi “O Feijoeiro”, feita em 2004. Esta obra esteve em exposição em vários sítios, em Portugal e no estrangeiro, no momento deste estudo estava instalada no Salão Nobre da Casa da Cerca, no âmbito da exposição coletiva “Casa Ocupada”, em Almada.



Figura 6– João Pedro do Vale
Feijoeiro, 2004



Figura 5 – João Pedro do Vale - *Insígnia e Placa das Três Ordens*, 2005

2.5.2.2 Apresentação do projeto “O Feijoeiro”⁵



Figura 7 – Construção do feijoeiro.



Figura 8 – Ensaio do teatro para mostrar aos artistas da obra de arte “O Feijoeiro”.

⁵ Ver registo fotográfico do projeto “O Feijoeiro” no Apêndice II.

A obra, “O Feijoeiro”, já conhecia há alguns anos, e tem muito potencial para trabalhar todas as áreas de conteúdo com as crianças.

Sugeri este projeto à educadora cooperante e ela concordou. Agendamos uma visita à Casa da Cerca em Almada onde “O Feijoeiro” estava em exposição. Contatei com os artistas da obra e convidei-os para vir à sala, ao qual eles aceitaram.

No dia da visita à casa da Cerca, as crianças gostaram e ficaram muito entusiasmadas com a obra, disse-lhes que os artistas vinham-nos visitar. Quando chegamos à escola fizemos o registo em grande grupo do que tinham visto, do que mais gostaram e o que gostariam de fazer.

As crianças sugeriram as seguintes atividades:

- Construção de um feijoeiro mágico;
- Elaboração de um livro para oferecer aos artistas;
- Recontar e escrever a história “João pé de feijão”;
- Teatro do “João pé de feijão”;
- Confeção de um bolo para o dia da visita dos artistas;
- Registo do que aprenderam e gostaram mais.

Intencionalidade Pedagógica

- Estimular a apreciação da obra de arte e levar as crianças a conhecer outros contextos;
- Despertar emoções e promover a autoestima
- Aprender a importância e as funções da escrita;
- Recontar histórias seguindo uma sequência lógica;
- Fomentar a expressão e a comunicação plástica;
- Estimular o desenvolvimento da criatividade e da imaginação;
- Expressar e representar a realidade, usando materiais e suportes plásticos variados;
- Desenvolver as capacidades de expressão dramática;

- Interagir com o meio próximo, de forma a fomentar a curiosidade e o desejo de saber;
- Identificar as etapas do ciclo vital das plantas: nascimento, desenvolvimento e morte;
- Trabalhar com a matemática de uma maneira divertida e construir noções de medida e quantidade;
- Interagir/cooperar com o grupo e promover o trabalho em equipa;
- Demonstrar capacidade de respeito por si e pelo outro.

Capítulo III – Apresentação e Análise de Dados

3.1 Notas de Campo

A leitura dos dados começou com uma análise detalhada das NC, com o intuito de encontrar, respostas para as minhas perguntas iniciais. Estas vão mostrar como a obra de arte contribui para o desenvolvimento da criança e como o educador pode fazer a transversalidade a partir da arte.

1ª Categoria - Educação para valores

C1.1 - Relações criança/criança e criança/adulto

C1.2 - Relação com a família

2ª Categoria - Transversalidade e obra de arte

C2.1 Conhecimento do Mundo

C2.1.1. Saberes sobre o “mundo”

C2.1.2. Biologia

C2.2. Outras áreas de conteúdo

C2.2.1 Expressões

C2.2.2 Linguagem oral e abordagem à escrita

C2.2.3 Matemática

3.1.1 Resultados obtidos do Projeto Mondrian e do Projeto João Pedro do Vale

3.1.1.1 Categoria nº 1- Educação para valores

Segundo Pires (2007), em todo o processo educativo, a relação afetiva desempenha uma função fundamental. A criança necessita de estabelecer uma rede de relações que lhe permita situar-se, para compreender quem é, assim se as relações forem de tipo afetivo a criança percebe-a como um ser profundo.

C1.1 Relação criança/ criança e criança/adulto

A seguinte NC foi tirada quando as crianças estavam a preparar o teatro “João Pé de Feijão”. As crianças tinham muitos adereços à sua disposição e sozinhas tinham que resolver quem é que vestia o quê, e depois foram ensaiar.



Figura 9 - As crianças a escolher as roupas para as personagens do teatro.

De início houve alguma confusão com a escolha, pois algumas crianças queriam a mesma peça, mas com a ajuda da estagiária conseguiram resolver a situação. Quando duas crianças queriam a mesma peça, a Mara disse: “Olha, podemos fazer um-do-li-tá e pronto resolvemos”, e ficou combinado assim.

Depois de escolhidas as roupas as crianças foram ensaiar. A criança que fez de narrador sabia muito bem a história, parecia que estava a ler, quando se atrapalhava as outras crianças ajudavam.

Durante o ensaio o Guilherme mostrou-se muito impaciente, pois queria que os amigos dissessem tudo como na história do livro e muitas vezes gritava com os amigos. O Guilherme disse à Laura: “Vá, lê a história como deve ser vai” e a Laura respondeu: “O narrador já sabe a história decore” e logo a Sara defendeu a sua amiga: “A Laura sabe é decorar as falas”.

(NC nº 5, 06 – 02 – 2014)

É importante valorizar a dramatização de histórias nas crianças, estas constituem ocasiões de desenvolvimento verbal e não-verbal. Ajuda a criança a participar democraticamente numa vida de grupo, é um processo de desenvolvimento pessoal e social. As crianças ficaram muito entusiasmadas com a preparação do teatro. Reparei que houve alguma confusão com a escolha das roupas, pois algumas queriam a mesma peça. Quando duas crianças queriam a mesma peça de roupa, houve uma criança que sugeriu uma parlenda, para ver a quem calhava a peça, e também pediram aos colegas para dar a sua opinião. Como nos diz nas orientações curriculares “dialogar com as crianças sobre qual o material necessário, como adaptar e transformar e o que acrescentar para corresponder aos interesses e necessidades do grupo, são meios de enriquecer os materiais e situações de jogo simbólico.”

(ME, 1997, p.60). As crianças ajudaram o narrador a contar a história, pois a história do teatro tinha sido recontada por eles. Como nos diz Cerezo (1997, p.1440):

Dar alento às crianças para que façam sugestões sobre o argumento e possam sentir que se trata de uma criação sua. O objetivo último é inculcar-lhe a quase plena responsabilidade da sua conduta, o que se consegue quando o seu desejo de criar alcança intensidade suficiente, e quando se sentem suficientemente livres para criar.



Figura 10 - Ensaio do teatro “O João Pé de Feijão”

A preparação do teatro envolve as crianças num grande entusiasmo e fantasia. Como refere Vygotsky (2009, p.89), “a preparação do cenário, do guarda-roupa e outros elementos excita a imaginação e criação técnica das crianças.” Notou-se espírito de equipa, mas também que por vezes é difícil partilhar o adulto. Houve momentos que queriam a atenção só para elas. Estes momentos ajudam as crianças a aprender a construir a sua relação com os seus pares. “Os valores não se ensinam, mas que se vivem na ação conjunta e nas relações com os outros.” (ME, 1997, p.52).

As crianças, ao interagir com os outros, vão aprendendo a dar valor a comportamentos e atitudes, conhecendo e reconhecendo os modos de interagir. A educação para os valores ocorre num processo pessoal e social da procura do bem próprio e bem coletivo. Na prática do dia-a-dia, o educador pode promover situações que facilitem a educação para os valores. As relações e as interações que o educador cria com cada criança e com o grupo e a forma como apoia as relações e as interações entre as crianças no grupo são a base dessa educação.

A próxima nota de campo mostra como as crianças conseguem trabalhar em equipa e como estão sensíveis às dificuldades dos amigos, esta atividade foi na continuação do projeto Mondrian, a primavera tinha chegado e as crianças estavam a fazer as flores típicas da Holanda, as tulipas.

A Clara estava com dificuldades em dobrar a sua tulipa, e o seu amigo Luis que já tinha dobrado duas tulipas então disse: “Quando acabar, posso ajudar a Clara”, e depois de colar as suas tulipas e de decorar a sua folha como quis foi ao pé da Clara e disse-lhe: “o mais importante é ajudar do que dizer que não”.

O Marco que é uma criança muito atenta e disse: “Oh, Ângela é muito importante ajudar os amigos” e olha para o António uma criança que também tem algumas dificuldades e disse: “Quando acabar posso ajudar o António, ele está muito preocupado por não saber”, ao qual a estagiária respondeu: “Se ele quiser claro que sim”.

Quando a Margarida foi fazer o trabalho, pegou no quadrado, dobrou vértice com vértice, fez um triângulo, olhou para a estagiária e disse: “Já não me lembro” a Mariana que estava ao lado disse: “Dobra outra vez, faz assim (fez o gesto) agora põe o dedo, isso mesmo, Margarida” e a Margarida continuou o seu trabalho, muito contente com a sua amiga.

(NC nº 12, 24 – 04 – 2014)



Figura 11 -Uma criança a ajudar o amigo a construir a sua tulipa.

As crianças ajudaram-se mutuamente, notou-se muito a cooperação, entre eles. “O educador alarga as oportunidades educativas, ao favorecer uma aprendizagem cooperada em que a criança se desenvolve e aprende, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem das outras.” (ME,1997,p.35). Notou-se espírito de equipa e os valores que as crianças estão a aprender, o que prova que o pré-escolar é um contexto favorável para tal. Estes momentos ajudam as crianças a aprender a construir a sua relação com os seus pares.

(...) as crianças começaram a colar as casas e os prédios que já tinham feito, depois umas cortavam o papel autocolante para fazer as estradas, outras faziam os semáforos, as passadeiras, esta cidade teve direito a praia e a jardins. As crianças usaram materiais reciclados, houve uma grande interajuda entre as crianças, uma grande cooperação entre todas as crianças. A caplaine que a estagiária levou tornou-se pequena para a cidade, as crianças acrescentaram com cartão e fizeram uma autoestrada para por os carros e autocarros entretanto construídos.

Quando as crianças estavam a acabar a cidade, o Manuel disse: “se o Mondrian chegasse cá a esta cidade dizia, que trabalhamos muito”, ao qual o Luis acrescentou: “Fizeram uma cidade inspirada com as minhas artes”. Mas o Manuel pensou e disse: “Eu acho que ele dizia que estava inspirada com o nosso cérebro.”

(NC nº 15, 22 – 04 – 2014)

As crianças organizaram-se entre elas e começaram a construir a cidade inspirada nas obras de arte de Mondrian, em cima da caplaine, usaram as casas e os seus prédios e todos os materiais que quiseram. “A possibilidade de fazer escolhas e de utilizar o material de diferentes maneiras, que incluem formas imprevistas e criativas, supõe uma responsabilização pelo que é partilhado por todos.” (ME, 1997, p.38). Até tiveram que aumentar a base porque o entusiasmo era muito já não dava para por os camiões, e assim nasceu a “cidade de Mondrian”.

Penso que as crianças ao fazerem esta atividade ficaram mais despertas para as cidades com menos poluição, mais jardins, para a prevenção rodoviária. Foi uma atividade de equipa onde houve muito respeito por o trabalho do outro.



Figura 12 - Construção da cidade de Mondrian.

C1.2 Relação com a família

A NC seguinte foi observada no Dia do Pai. Neste dia, os pais foram à sala, lancharam, brincaram e receberam a prenda feita pelos filhos, inspirada no pintor Mondrian.

As crianças ofereceram bolo e café aos pais e depois foram fazer jogos e desenhos com eles. O Manuel estava super contente porque era Dia do Pai, o seu pai estava na sala e fazia anos. Quando foi entregar a prenda que tinha feito disse ao pai: “Olha esta latinha está com as cores do pintor Mondrian, aquele que eu te disse no outro dia”. Depois ficou calado a pensar e disse: “Mas sabes eu devia ter feito duas, ou uma gravata, porque ele (pintor) também tem gravatas, eu vi”. O pai disse-lhe: “Eu gosto muito da tua prenda,

Manuel” mas Manuel respondeu: “Mas era uma para o pai e outra para os parabéns.”

(NC nº 11, 19 – 03 – 2014)



Figura 13 - Uma criança no Dia do Pai a oferecer a prenda do pai.

Um dia cheio de sentimentos, emoções, e partilha. Aqui ficou demonstrado a importância que a família tem na educação pré-escolar. A participação dos pais nestas atividades só reforça e valoriza a relação entre pais e filhos. Ficou, mais uma vez, provado que a obra de arte está presente em toda a educação, num momento tão feliz e íntimo entre pai e filho aqui está a aprendizagem que o filho fez a partir das obras de Mondrian. Uma criança que mostrou bem as suas emoções, estava muito feliz por estar com o seu pai, muito orgulhoso por ter uma prenda com as cores do Mondrian, mas preocupado porque não tinha feito outra prenda para o aniversário do pai, e o Mondrian tinha outras coisas. Sentiu-se culpado por não ter feito, foi um misto de emoções. Mas o seu pai confortou-o e disse-lhe que ele era uma artista e que adorou a sua prenda.

3.1.1.2 Categoria nº 2- Transversalidade e obra de arte

Esta categoria revela a importância da obra da arte na educação pré-escolar e a sua transversalidade face às várias áreas de conteúdo. Revela o que uma criança pode aprender de uma maneira informal, lúdica, e muito prazerosa.

Esta categoria permite dar resposta à abordagem que o educador pode fazer à transversalidade entre as várias áreas a partir da obra de arte.

C2.1 - Conhecimento do Mundo

Esta área de conteúdo “enraíza-se na curiosidade da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê.” (ME, 1997, p.79). Esta curiosidade cresce na educação pré-escolar, quando as crianças têm oportunidades e ocasiões de descobrir e explorar o mundo que as rodeia. Assim constrói um mundo mais alargado quando o educador cria condições e oferece ferramentas, neste caso a partir da obra de arte.

C2.1.1. Saberes sobre o “mundo”

O momento que corresponde à NC que apresento ocorreu depois de contar a história “O João Pé de Feijão”, as crianças estavam todas em grupo e começaram a conversar sobre a mesma.

(...) O Luís disse: “Parece o feijoeiro que nós fomos ver do Nuno e do João Pedro, no outro dia”. A Sara abriu muito os olhos e disse: “Aquele que eu vi os pés do gigante”.

Então a estagiária disse: “Lembram-se do dia que nós fomos no autocarro do Sr. João e passamos por uma ponte muito grande?” Ao qual o Vasco disse logo. “Eu sei aquela que eu vou pá casa do avô Zé”.

A estagiária disse que era a ponte que passava sobre o Rio Tejo. O Guilherme que também estava, atento disse: “Sim, lembro-me, fomos ver o feijão-verde que chegava às nuvens”. A Mara disse: “Oh Guilherme, não é feijão-verde, é feijoeiro mágico, feijão-verde é no Shopping.” A estagiária disse pois o feijão-verde é onde vocês vão brincar com os vossos pais.

(NC nº 1, 27- 01- 2014)



Figura 14 - Visita à Casa da Cerca

Penso que esta nota revela que a obra de arte poderá ser um dos trilhos para uma aprendizagem globalizante na educação pré-escolar, com a vantagem de ser uma área que

desperta a criatividade, a imaginação, o sentido estético e crítico da criança. A seguir à história houve uma conversa sobre a mesma, as crianças associaram logo à obra de arte “O Feijoeiro” desenvolveram a memória visual, trabalharam a linguagem oral e desenvolveram o seu sentido estético e crítico.

O Conhecimento do Mundo esteve sempre presente e é tão importante na vida criança. Cabe ao educador proporcionar às crianças “oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e exploração do mundo.” (ME, 1997, p. 79).

A criança ao sair do seu mundo mais próximo, descobre um mundo muito mais alargado, onde vai despertar mais a sua curiosidade natural.

Os artistas João Pedro do Vale e o Nuno Ferreira, criadores da obra de arte o “Feijoeiro”, foram à sala deste grupo. A NC seguinte retrata bem a satisfação das crianças ao receberem os artistas, proporcionando um misto de emoções: estavam felizes por conhecer quem fez a obra de arte e, por outro lado, muito contentes por poderem mostrar-lhes os trabalhos artísticos que tinham feito a partir da mesma obra de arte.

As crianças sentaram-se em frente aos artistas e começaram a fazer perguntas. O Luís perguntou: “Como é que o vosso feijoeiro foi feito?”. O Nuno respondeu que tinha sido feito com collants, como os que foram usados na sala dele.

A Juliana perguntou: “Como conseguiram encontrar os materiais e como conseguiram fazer sozinhos?”. O Nuno disse que tinham sido uns senhores que tinham uma fábrica que tinham dado muitos collants.

O Marco perguntou: “Como fizeram as coisas do gigante e as nuvens?”. O João Pedro ficou surpreendido com tanta imaginação e não soube como responder.

A Laura disse: “Nós vimos o feijoeiro na Casa da Cerca, fomos na carrinha do Sr. João.” O Guilherme perguntou: “Oh João, és o pé de feijão?”. O João Pedro riu-se e disse que se calhar era. O Marco aproveitou logo e disse: “E o Nuno é o gigante” e para terminar as perguntas a Juliana disse: “Eu vi as tuas artes nós imprimimos.”

(NC nº7, 11- 02- 2014)



Figura 15 - Os artistas com o grupo de crianças.

As crianças mostraram muita curiosidade em saber como tinha sido feito “O Feijoeiro”, quiseram saber quais os materiais, e como conseguiram fazê-lo. E mais uma vez falaram do dia que foram visitar a Casa da Cerca. Aqui também mostra que o conhecimento do mundo é uma área onde curiosidade da criança não tem limites, pois está sempre pronta para saber e compreender o mundo que a rodeia. Adicionalmente mostra como a área de formação pessoal e social é transversal e proporciona às crianças “oportunidades de se situar na relação consigo própria, com os outros, com o mundo social e também de refletir como se relaciona com o mundo físico.” (ME, 1997, p.79).

De seguida houve a entrega do livro que as crianças fizeram para os artistas, eles viram o livro e leram as mensagens que cada criança tinha registado para eles. As crianças gostaram de ouvir a leitura da sua escrita em voz alta pelos artistas, foi muito importante para eles como nos diz Rigolet (2006, p.164), “quando as crianças falam de alguma coisa que fizeram, viram ou construíram e alguém regista o que disseram e o lê em voz alta, elas são testemunhas da escrita e da leitura das suas próprias ideias.”

Para terminar esta visita as crianças estavam tão contentes que pediram para dançar o que tinham dançado na Festa de Natal (as danças típicas de vários países), porque queriam muito agradar e mostrar o que sabiam aos artistas. Afinal, elas próprias também se consideram «artistas» e com esta atividade desenvolveram e construíram o seu conhecimento.

A NC nº 9 ocorreu depois de contar uma história, que tinha como intuito fazer a ponte com a apresentação do pintor Mondrian. Esta atividade começou com a história “O sonho de

Mateus”, foi contada na rua, pois estava um dia lindo de sol e acho importante o contato com a natureza sempre que possível. Depois de contar a história conversamos sobre o que é um pintor, fiz o registo com as crianças. Além de ser o conhecimento do mundo a área que queria explorar, não posso deixar de falar da linguagem oral e abordagem à escrita, que está presente assim como área da formação pessoal e social, mostrando sempre a sua transversalidade.

A estagiária perguntou às crianças qual era o sonho de Mateus. A Juliana respondeu: “ser pintor”.

Então perguntou o que era um pintor, o Manuel disse: “Tem muito trabalho é um artista”, a Laura acrescentou: “É um senhor que faz quadros”.

As crianças continuaram a por o dedo no ar para falar “um pintor quer ver o mundo para ver quadros” - disse o Marco.

O Vasco também quis dar a sua opinião e disse: “Faz coisas muito lindas”.

A estagiária disse às crianças que tinha um pintor para lhes apresentar.

Mostrou-lhes a fotografia de Mondrian, perguntou se o pintor era novo ou era velho, a Mara disse: “Eu acho que é velho e existiu há muito tempo”.

O Luís perguntou: “Essa fotografia é um autorretrato, não é?” A estagiária perguntou como ele sabia, e ele disse: “Olha, eu sei muitas coisas na minha cabeça, mas acho que foi o meu avô que me disse”.

A estagiária e as crianças foram falando sobre Mondrian, disse-lhes que ele vivia na Holanda e o Marco disse: “Eu sei, não é Portugal é um país do mundo.”

(NC nº 9. 10 – 03 – 2014)



Figura 16 - Apresentação do pintor Mondrian

Ao trabalhar a arte com as crianças, esta vai proporcionando-lhes a expansão do universo cultural levando-as a possuírem um grande poder transformador, que lhes vai permitir um maior desenvolvimentos de potencialidades ao longo da sua vida, o qual deve ser iniciado logo de pequeninas.

Primeiro, parti daquilo que as crianças já sabiam, sobre o que era ser pintor, de seguida falei do pintor Mondrian, um pintor holandês. É importante alargar os horizontes destas crianças e não ficar só pelo pequeno mundo que as rodeia. As OCEPE (ME,1997, p.80) referem que “tomar como ponto de partida o que as crianças sabem, pressupõe que também esses saberes deverão ser tidos em conta e que a educação pré-escolar, bem como outros níveis de ensino, não os poderão ignorar.”

Continuando a trabalhar as obras de arte de Mondrian surgiu esta NC que mostra que as crianças continuaram através da mesma a construir o seu conhecimento.

Então mostrou-lhes a casa de Rietveld, viram várias imagens. Perguntou-lhes o que viam e o Guilherme respondeu: “Muitos quadrados e janelas quadradas”.

E voltou a perguntar: “Esta casa está pintada com que cores?” A Laura respondeu: “Eu acho que já sei, uma coisa, mas não digo”.

Voltou a perguntar: “Então quais são as cores?” A Laura voltou a dizer: “Branco, amarelo, azul, vermelho. Olha! do Mondrian!”.

A estagiária voltou a perguntar: “Açam mesmo?”, ao qual o Marco disse: “Pois parece, tem muitos quadrados e ele gosta muito”.

Então perguntou como se chamavam os senhores que desenhavam as casas, a Constança disse: “O meu pai desenha casas e dos estores” (o pai trabalha com os estores), ao qual o Francisco disse: “Não são nada, os senhores que desenhavam casas são os arquitetos”.

Então a estagiária disse-lhes que aquela casa estava na Holanda, no país de Mondrian, e tinha sido feita por um arquiteto da Holanda. E perguntou-lhes: “Então as pessoas da Holanda como se chamam?” Mariana disse: “As de Portugal são portuguesas, as da Holanda ... (pensou) olha são holandesas”.

(NC nº13, 26 – 03- 2º14)



Figura 17 - Casas de Rietveld desenhadas pelas crianças.

As crianças desenharam as casas inspiradas na casa de Rietveld, uma casa construída em 1924, por um arquiteto holandês, Gerrit Rietveld e inspirada em Mondrian. “Também hoje em dia, as crianças contactam com instrumentos e técnicas complexas e dispõem, através dos *media*, de saberes que ultrapassam a realidade próxima.” (ME, 1997, p.80). Se as crianças forem despertas desde muito cedo para este tipo de arte, irão crescer com muita curiosidade e tornarem-se adultos com uma visão do mundo alargada. A educação pela arte é fundamental, nomeadamente ao nível da educação pré- escolar, devendo o educador ter uma sensibilidade para os princípios pedagógicos desta área. Só desta forma existirá a educação de seres humanos críticos, equilibrados e criativos, como defende Sousa (2003).

C2.1.2. Biologia

A NC está incluída na área do Conhecimento do Mundo. As crianças, a partir da obra de arte “O Feijoeiro”, também tiveram oportunidade de abordar aspetos científicos, fizeram uma atividade para ver como o feijão germina. Puseram o feijão dentro de um frasco com algodão e água e fizeram o registo do que ia acontecendo durante algumas semanas.

A Margarida disse muito preocupada: “Oh, Ângela o meu não cresceu, está preguiçoso”. Então depois de fazer o registo, foi buscar novos feijões e algodão e substitui o seu feijão. “Vamos ver se vai crescer agora” - disse a Margarida.

A Laura quando pegou na tabela disse: “Temos que por a data para sabermos o dia” e depois de olhar muita atenta para o seu boião disse: “Eu tenho três feijões, dois iguais e um muito pequenino”.

O Luís disse que tinha nascido um feijão pequeno, médio e outro grande. Já a Liliana disse que tinha dois feijões.

(NC nº 8, 06-03-2014)



Figura 18 - O registo da germinação do feijão

Mais uma vez a obra de arte “O Feijoeiro” levou a uma atividade importantíssima na vida das crianças, conseguiram comparar os vários feijões. Fizeram o registo, puseram a data na coluna, e contaram os dias que tinham passado desde o dia que tinham posto o feijão no algodão. Penso que a maioria das crianças percebeu que a água ajudou o feijão a crescer.

Como nos diz Martins et al (2009, p.12) “as crianças gostam naturalmente de observar e tentar interpretar a natureza e os fenómenos que observam no seu dia-a-dia.” Esta atividade despertou-os para a observação direta sobre o crescimento das plantas, as crianças observaram o crescimento da raiz e o rebento do caule a partir das sementes do feijão. Penso que esta atividade foi muito completa, onde houve uma articulação das várias áreas de conteúdo, as crianças sentiram-se sempre muito responsáveis pelos seus feijões. E assim começam a ficar despertos para o que se passa na natureza e a educação para cidadania.

Através das obras de arte trabalhadas com este grupo o conhecimento do mundo esteve muito presente, foi possível provar que se pode fazer atividades enriquecedoras e prazerosas para o crescimento das crianças. Não posso deixar de referir que em todas as NC está presente a área da formação pessoal e social uma área transversal. Por vezes, não é fácil categorizar as NC porque as áreas de conteúdo estão todas articuladas.

C2.2. Outras áreas de conteúdo

A área de expressão e comunicação é uma área que abrange vários domínios: expressão motora, dramática, plástica, musical, linguagem oral, abordagem à escrita e matemática.

C2.2.1. Expressões

O educador deve estimular e promover atividades em que as crianças se sintam felizes e desenvolvam a sua criatividade. As NC seguintes mostram o entusiasmo das crianças na construção do seu feijoeiro inspirado na obra de arte que viram na Casa da Cerca. A expressão plástica “valoriza o processo de exploração e descoberta de diferentes materiais (...)” (ME, 1992, p.61).

Depois de contarmos os artistas, e convidá-los para eles irem à Sala Rosa, eles ofereceram collants verdes iguais aos que usaram na obra de arte “O Feijoeiro”. Então as crianças fizeram um feijoeiro mágico para a sala.

Hoje quando as crianças chegaram à sala a Laura, disse: “Ângela, temos que ir montar mais o feijoeiro”. Continuaram a montar o feijoeiro, umas crianças

foram encher os collants com dracallon, ataram com tiras de collants e penduraram-no à volta da casinha das bonecas da sala.

A Clara disse: “O nosso feijoeiro é mesmo grande, até às nuvens”, ao qual a Mara disse: “Não é até às nuvens mas é até ao teto, mas não faz mal porque nós vamos fazer tantas, tantas nuvens”.

Então a estagiária perguntou como iam resolver a situação das nuvens, o Manuel respondeu: “Olha, penduramos na casinha com algodão e parece nuvens mesmo”.

(NC nº 2, 28 – 01 – 2014)



Figura 19 - As crianças a encher os collants com dracallon.



Figura 20 - Uma criança a atar folhas no feijoeiro.

As crianças quiseram fazer o teatro do “João Pé de Feijão”. Depois de já terem escolhido as roupas, disseram que queriam fazer feijões e ovos grandes, então em grande grupo decidiram como é que iriam fazer.

As crianças sugeriram fazer feijões e ovos com feltro castanho e branco para o teatro. Como disse o Francisco: “Temos que fazer ovos gigantes e feijões também”.

As crianças começaram por desenhar, cortar e depois coser. Gostaram muito de coser, a estagiária ajudou a coser, tinha medo que eles se picassem. A Mónica disse: “Vou dizer à minha mãe que fiz muito bem”.

Uma criança da sala que tem mais dificuldade a nível de motricidade fina disse: “Eu gostava de fazer, mas não vou ser capaz”. A estagiária encorajou-o e disse-lhe que ele era capaz, e que o podia ajudar.

A Leonor veio ter com a estagiária e disse: “Eu ontem não cosi o meu”. A Sara disse: “Eu cosi, mas quero fazer mais”. O Manuel acrescentou: “Temos que fazer muitos, não é?” A Leonor já um pouco sem paciência respondeu: “Está bem, mas agora a Ângela é só para o meu feijão”.

(NC nº4,04 – 02 – 2014)



Figura 21 - Uma criança a coser os ovos do ganso.

Quando as crianças começaram a encher os collants para fazer o feijoeiro mágico para a sala a algazarra foi geral, juntaram-se dois a dois e entenderam-se muito bem. Enquanto uma criança agarrava no collant a outra enchia com dracallon e depois trocavam. As crianças desenvolveram a motricidade fina, estimularam a criatividade, trabalharam em equipa e respeitaram-se. Fizeram nuvens, flores e nuvens, os ovos e os feijões «gigantes» como eles diziam, experimentaram novos materiais.

As crianças, desde muito cedo, devem ter acesso à arte e à cultura, que se exprime na vivência de contextos culturais para promover, de um modo metódico, uma estreita relação com a obra de arte. Neste caso foi a visita a uma exposição de arte contemporânea na Casa da Cerca ver a obra de arte “O Feijoeiro”.

A próxima NC foi no dia da apresentação do teatro “O Capuchinho Vermelho” inspirado nas obras de Mondrian. As crianças preparam o teatro e convidaram os amigos da Sala Azul para assistir.

A Sara que vinha vestida de holandesa disse: “Eu tinha escolhido vestir o morango, mas a minha mãe arranjou-me este vestido, posso ser a narradora do Mondrian”. A estagiária disse: “Claro que sim Sara, estás muito gira.” E ela continuou: “É da minha prima”.

De repente quando se estavam a vestir o Manuel perguntou: “O Mondrian também vem ver o teatro?”. Algumas crianças começaram a rir e o Luís disse: “Oh Manuel, o Mondrian já era velhote e já morreu.”

O Luís quando estava a vestir o seu fato de lobo perguntou: “Como se chama o senhor da música, é Chopin?” A estagiária respondeu: “Não Luís, chama-se Beethoven”. O Luís continuou a dizer: “Eu estava a contar ao pai e disse que a música era do Chopin, olha enganei-me”.

As crianças continuaram a vestir-se, estavam todas muito engraçadas. Estiveram a ensaiar um bocadinho com música e tudo. Quando começou o

ensaio a Sara que era a narradora disse: “Ângela, não te esqueças de bater três vezes atrás do móvel para o teatro começar”.

Chegou a hora do teatro a «sério», as personagens esconderam-se dentro da casinha, os amigos sentaram e chegaram os meninos da Sala Azul. Então, a estagiária cumprimentou todas as crianças e disse: “Agora vamos fechar o feichinho da boca e a chave fica no bolso que o teatro vai começar”. Fez-se silêncio e houve uma que criança que disse “Está bem, desliguem os telefones, os ipods e as tablet, vamos começar.”

(NC nº 18, 08 – 05 – 2014)



Figura 22 - Apresentação do teatro do “Capuchinho Vermelho” inspirado em Mondrian.

A criança que fez de narradora veio vestida com a roupa típica da Holanda, para mim foi muito gratificante ver o interesse da família, a sua interação. Como nos diz as OCEPE “(...) a colaboração dos pais, e também de outros membros da comunidade, o contributo dos seus saberes e competências para o trabalho educativo a desenvolver com as crianças, é um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem.” (ME, 1997, p.45).

As crianças foram as mediadoras levaram a informação para casa e, sem ninguém pedir, conseguiram motivar os pais para aquilo que estavam a fazer na escola, aprenderam e ensinaram.

O teatro foi muito engraçado, as crianças improvisaram, fizeram o teatro como quiseram e estavam felizes porque era do Pintor Mondrian. Como refere Vygotsky (2009, p.91) “o premio principal a colher do espetáculo deverá residir na satisfação que as próprias crianças experimentem na preparação do espetáculo e no processo da sua representação – e não no sucesso obtido junto dos mais velhos e nos seus aplausos.”

C2.2.2 Linguagem Oral e abordagem à escrita

A NC que apresento a seguir mostra como as crianças através da obra de arte trabalharam o domínio da linguagem oral e abordagem à escrita.

As crianças recontaram a história “João e o Pé de Feijão”, inspirada na obra de arte que já tinha visto anteriormente. Registei a história, quando leio ou conto histórias, as crianças ficam muito atentas, e gostam muito de as explorar. Como nos diz as OCEPE, estas são meios de abordar o texto narrativo, e criam a vontade e o desejo de aprender a ler (ME, 1997). Depois da história recontada as crianças quiseram combinar como ia ser o teatro.

As crianças começaram a falar do teatro que queriam fazer em grande grupo decidiram quem eram as personagens. Quando duas ou mais crianças queriam a mesma personagem faziam uma parlenda, o que resultou bem, pois entenderam-se. Como não havia personagens para todas, as crianças e a estagiária combinaram que para o próximo teatro participavam as outras. A estagiária perguntou-lhes se sabiam o que era um narrador, porque iam precisar de um, então o Guilherme disse: “Eu já sei o que é, é decorar”, e a Laura acrescentou: “É decorar as falas”, a Sandra disse: “É o menino que lê a história”. Então escolheram o narrador, quase todos disseram que podia ser a Laura porque “lia” muito bem.

(NC nº3, 03 – 02 – 20149)



Figura 23 - As crianças a ilustrarem a história recontada por eles.

Este tipo de atividade resulta muito bem, e as crianças estavam muito empenhadas para fazer o teatro, uma atividade que desenvolve as crianças a todos os níveis, cognitivos, motor, emocional, afetivo e a linguagem. Como Sousa (2003, p.80) confirma:

Pelo seu grande valor de envolvimento emocional, pelo seu poder de contar histórias e acontecimentos, de comunicação social, de crítica, de formação e de informação, desde há alguns séculos que tanto vários pedagogos como homens do teatro têm chamado a atenção para a valiosa contribuição que o teatro poderia proporcionar à educação.

As crianças estiveram a observar uma tela inspirada em Mondrian e descobriram que era a história do “Capuchinho Vermelho”. Depois de perceberem que se tratava da história, recontaram-na e pediram para fazer um teatro.

Quando mostrou a tela, as crianças associaram logo ao pintor Mondrian. O Luís disse: “Mas esta pintura tem muito verde e as outras, não tem?” As crianças continuaram a observar e a Laura muito séria disse: “Pois, o Mondrian pinta com as cores primárias e o verde não é, eu sei”.

A estagiária foi dizendo que eles tinham razão o verde não era uma cor primária, mas que aquela tela podia ser especial. “Pois o verde pode ser a selva” - disse o Vasco muito sério.

A estagiária continuou a dizer para eles olharem bem e perguntou se viam imagens repetidas. A Laura pôs o dedo no ar e disse: “Já sei, isto parece uma história”. A estagiária disse: “Aham que esta tela é uma história?” E o Vasco voltou a dizer: “É, e tem uma selva”. Então, ela disse-lhes para eles olharem bem para os quadradinhos para ver se descobriam mais coisas sobre a história.

A Juliana disse: “Uma história de uma casa, porque tem o preto e o branco”. A estagiária disse para eles continuarem a dizer o que achavam. A Laura disse: “A história é o lobo mágico que está na floresta”. A Mariana disse: “Eu não sei mas tem muitos quadrados” O Marco que estava muito pensativo de repente diz: “A História tem um lobo mas não é o mágico, Laura”. Então, a estagiária disse que eles estavam a quase a adivinhar e o Vasco disse: “Já sei, é capuchinho, olha os quadradinhos vermelhos e a floresta”.

(NC nº 16, 06-05-2014)



Figura 24 – As crianças a descobrirem a história do “Capuchinho Vermelho” Inspirado em Mondrian.

Quando mostrei a tela da história do “Capuchinho Vermelho” inspirada no pintor Mondrian as crianças ficaram muito entusiasmadas. Perceberam logo que era uma tela do pintor, disseram que era diferente, que tinha muitos quadrados, mas que também tinha muito verde. Depois de algum tempo, perguntei: “Se podia ser uma história?” As crianças disseram que devia ser, então uma criança disse que o verde poderia ser “uma selva”, logo começaram

a dizer que devia ser a história do Capuchinho. contei a história, as crianças quiseram recontar e pediram para fazer o teatro, mais uma vez através de uma história as crianças desenvolveram a linguagem oral e abordaram a escrita com o registo do reconto da história. Depois pediram para dramatizar a história, como nos diz Rigolet (2006, p.153) “as crianças continuam a apreciar a leitura, pelo adulto, dos contos tradicionais, mas de forma diferente à anterior: elas gostam sobretudo de representá-los, dramatiza-los.”

C2.2.3 Matemática

No seguimento da análise das NC vou mostrar duas onde mostra como a matemática pode ser trabalhada de uma maneira informal através da obra de arte. As crianças estavam a falar sobre o que aprenderam sobre os quadros do pintor Mondrian.

O Guilherme disse: “ Os biquinhos são vetices”, e logo a Laura disse: “Tás a dizer mal Guilherme são vértices”.

“O quadrado e o retângulo têm os mesmos vértices, só que o retângulo tem dois lados maiores” - disse o Luís todo empolgado.

A Sara também disse: “As cores primárias são importantes para fazer outras cores”.

Também estiveram a ver os objetos, com quadrados, retângulos e triângulos existentes na sala.

(NC nº 10, 13 – 03 – 2014)



Figura 25 - As crianças a pintarem as suas obras de arte inspiradas em Mondrian.

Apareceu um quadrado com um vértice no chão e a estagiária perguntou o que era, o Luís respondeu: “É um losango”. A estagiária perguntou se ele achava que sim, e ele: “Sim porque tá assim”. Ela disse-lhe para ele reparar nos lados se eram iguais ou não e ele: “Tem os lados iguais” e disse-lhe: “Então o que achas?” O Luís disse: “Deve ser um quadrado na mesma.” Então a estagiária disse às crianças que os quadrados mesmo noutras posições eram sempre quadrados, mostrou-lhes o livro que era quadrado e pôs na posição de losango e eles perceberam.

(NC nº14,31 – 03 – 2014)

Penso que a arte e a matemática caminham juntas, ambas são essenciais ao desenvolvimento do ser humano e à evolução da sociedade. Segundo Fainguelernt e Nunes (2006), o exercício da matemática e da arte é uma atividade primordial para o crescimento integral do ser humano e, conseqüentemente, é fundamental para a educação da própria sociedade. Ele facilita ao cidadão a sua inclusão no mundo do trabalho, das relações sociais e da cultura. As crianças começam a desenvolver os conceitos geométricos muito antes da educação formal, o pré-escolar constitui um período privilegiado para o alargamento destes conhecimentos (Leitão & Canguero, 2008).

Na continuação da análise, mais duas NC mostram a aprendizagem que as crianças podem ter em atividades simples do dia-a-dia, desencadeadas a partir das obras de arte. A NC nº 6 refere as crianças a fazer um bolo para oferecer aos artistas de “O Feijoeiro” no dia da sua visita e a NC nº 17 está relacionada com a preparação de biscoitos para oferecer aos meninos da sala azul que foram convidados a assistir à apresentação do teatro do “Capuchinho Vermelho” inspirado em Mondrian.

Primeiro as crianças começaram por identificar os ingredientes, então a estagiária disse: “Para um bolo precisava de um iogurte e para dois bolos precisamos de ... quem sabe?” O Francisco disse: “Dois, claro”, muito convicto do que estava a dizer.

A estagiária continuou: “Para um bolo precisamos de três copos de açúcar e para dois bolos?” As crianças fizeram uma pausa e o Samuel disse: “Se calhar são quatro copos”, mas o Francisco disse: “Não, não, eu acho que são três mais três”. Então contaram em voz alta, o Samuel disse: “Ah pois é, são seis”. De seguida puseram os seis copos de farinha, contando sempre em voz alta.

Quando chegou a vez dos ovos, disseram que era cinco mais cinco, ao qual a Mara disse: “São dez ovos, eu já sei contar”. Aqui houve uma grande curiosidade porque os ovos não tinham casca, eram líquidos e estavam num pacote. A estagiária perguntou: “E agora como vamos juntar dez ovos no nosso bolo?” Aí a Juliana disse: “Olha dez copos de iogurte cheios de ovos”. A estagiária disse que não podia ser. Então viram que ao lado do pacote dos ovos tinha um jarro com números, com a ajuda da estagiária descobriram que cada número do jarro era um ovo e resolveram o problema.

(NC nº6, 10 – 02- 2014)



Figura 26 - As crianças a fazerem o bolo para oferecerem aos artistas.

O Manuel disse: “Precisamos de muitos bolos”. A estagiária perguntou porque é que eles acham que precisavam de tantos bolos. A Sara abriu muitos os olhos e disse: “Olha porque é para as duas salas” e continuaram a embrulhar.

Quando já tinham alguns embrulhados o Francisco disse: “Epá, tantos já temos dez, mas temos que trabalhar mais, e mais.” Entretanto foram chegando mais crianças para embrulhar os biscoitos.

Quando já tinham mais, o Francisco disse “Já temos 21 bolinhos”. A estagiária perguntou: “Então para esta sala quantos bolinhos faltam?” Pensaram e a Sara respondeu “Faltam dois”, mas o Francisco que não deixa escapar nada disse: “Não falta nada, falta só um porque é 22 meninos, não vês?” e continuou com o seu raciocínio: “Mas temos que por prata em 44 bolinhos, porque 22 e 22 dá 44”. A estagiária perguntou ao Francisco como ele sabia, ele muito depressa respondeu: “Porque dois e dois são quatro”.

(NC nº17, 07 – 05 -2014)



Figura 27 - As crianças a embrulhar os biscoitos e a brincar com a matemática.

Acho que ambas as NC mostraram que esta atividade os ajudou a raciocinar e a despertar a aprendizagem. O desenvolvimento matemático das crianças poderá ser estimulado pelos adultos e, assim, proporciona-lhes uma linguagem rica, onde as crianças aprendem a explorar novas situações do seu dia-a-dia (Leitão & Canguero, 2008)

Na NC nº 6, quando chegou a vez dos ovos, gerou-se um problema, porque os ovos vinham num pacote parecido com o do leite e precisavam de seis ovos. Até que houve uma criança que descobriu que havia um jarro com tracinhos e cada tracinho correspondia a um ovo, esta situação despertou alguma curiosidade nas crianças, mas fomentou o desenvolvimento do raciocínio e do espírito crítico (ME, 1997).

Quando as crianças estavam a embrulhar os biscoitos, brincaram com a matemática. “Cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas.” (ME, 1997, p.73). As crianças perceberam que precisavam de 22 bolos para a Sala Rosa e outros tantos para a Sala Azul, fizeram conjuntos de cinco e de quatro. Começaram a comparar quem é que tinha embrulhado mais bolos.

Mais uma vez se prova que a arte está presente em todos os conteúdos, a partir de uma tela é possível criar tudo o que as crianças puderem fazer, sem esquecer a Área da Formação Pessoal e Social, que é transversal a todas as áreas de conteúdo.

Com a análise destas NC ficou bem demonstrado que a partir da obra de arte “O Feijoeiro” e das obras do Mondrian as crianças desenvolveram o seu crescimento a nível cognitivo, motor e emocional. É no encontro com a obra de arte com o outro que a criança se desenvolve e constrói de forma global o seu conhecimento. O sentido estético é imprescindível ao equilíbrio e à harmonia do desenvolvimento humano, pois este equilíbrio vai despertar outros saberes e outras aprendizagens.

Ficou aqui bem reforçado que as obras de arte podem proporcionar atividades estimulantes e impulsionadoras de aprendizagens significativas, onde se pode fazer a transversalidade entre todas as áreas de conteúdo, promovendo a construção do seu saber. As crianças que crescem com a arte têm uma visão do mundo muito mais alargada, têm um sentido estético, crítico e criativo muito maior e ficam muito mais despertas para tudo o que a rodeia. As crianças fizeram atividades propostas pelas próprias, com o apoio do adulto, que aqui foi sempre mediador. Estas atividades trabalharam todas as áreas e, mais uma vez, se verificou como se articulam entre si, daí a dificuldade que senti a categorizar as NC.

3.2 Questionários

Os questionários⁶ foram feitos às crianças para perceber o que elas tinham aprendido, o que tinham gostado mais de fazer, assim como que emoções lhes tinham despertado as obras de arte que tinham trabalhado (Ver Apêndices V e VI).

Os questionários foram feitos aos pais para perceber como as crianças se manifestavam em casa sobre o que estavam a fazer, se achavam que as obras de arte desenvolvem e se são importantes para a aprendizagem dos filhos (Ver Apêndices VII e VIII).

3.2.1 Resultados dos questionários da obra

3.2.1.1 Resultados dos questionários das Crianças

1. Quem é Mondrian?

Todas as crianças souberam responder (Ver Apêndice IX, Figura 47), as respostas foram as mais variadas como: “um pintor velho”, “artista pintor”, “faz obras de arte, fazia”, “é um pintor engraçado”, “é um pintor a sério”, “é um homem muito artista”, “é uma pessoa inspirada em formas geométricas”, “é um senhor que pinta”.

Estas respostas demonstram bem que as crianças aprenderam que Mondrian era um artista, que fazia obras de arte e pintava formas geométricas, que era velho e algumas crianças tinham a noção que ele tinha existido há muito tempo.

2. Onde morava Mondrian?

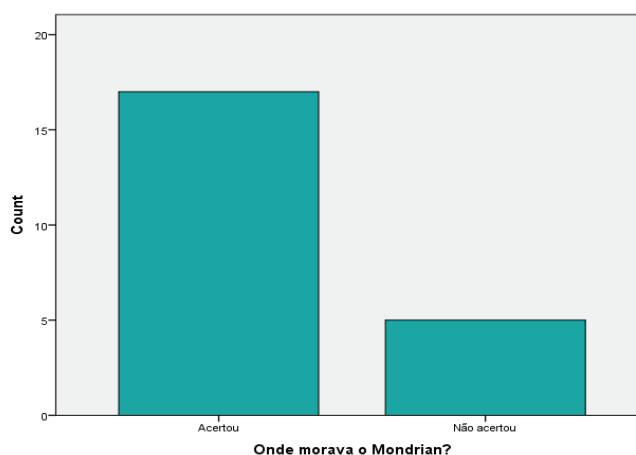


Figura 28 – Representação gráfica da resposta à questão: “Onde morava Mondrian?”

⁶ Os questionários respondidos encontram-se no CD.

Nesta pergunta 17 crianças acertaram que Mondrian morava na Holanda, e cinco não se lembravam. Destes cinco, três crianças disseram “que era num país muito longe”, uma “num país que temos de ir de avião” e uma criança não se lembrava.

As crianças aprenderam que Mondrian morava num país que se chamava Holanda, que era muito longe e tinham que ir de avião. Aqui está o conhecimento do mundo sempre presente.

3. Gostastes de aprender sobre o país do Mondrian?

Todas as crianças responderam que gostaram do país do Mondrian. (Ver Apêndice IX, Figura 48).

4. Ensinaste lá em casa quem era Mondrian?

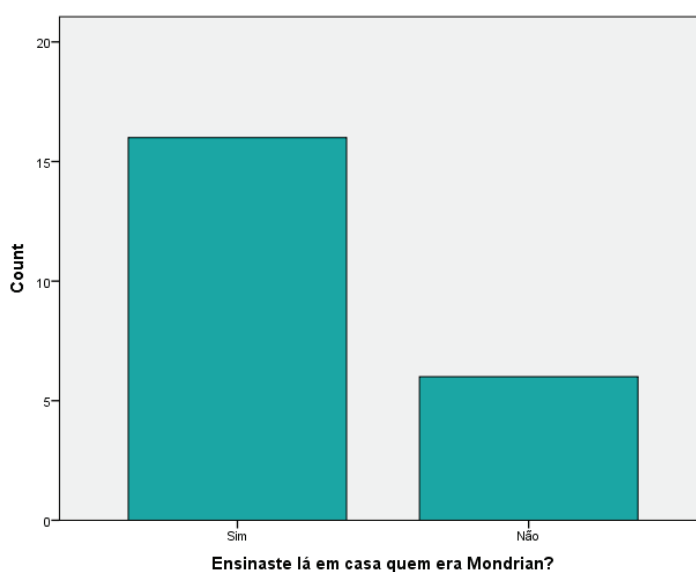


Figura 29 – Representação gráfica da resposta à questão: “Ensinaste lá em casa quem era Mondrian?”

Nesta pergunta 16 crianças responderam que ensinaram lá em casa quem era Mondrian, mas seis crianças disseram que não, muitas vezes a reação deles era “esqueci-me”. Nestas respostas ficou bem visível a interação com a família.

5. Dentro das atividades sobre o Mondrian, o que gostaste mais de fazer?

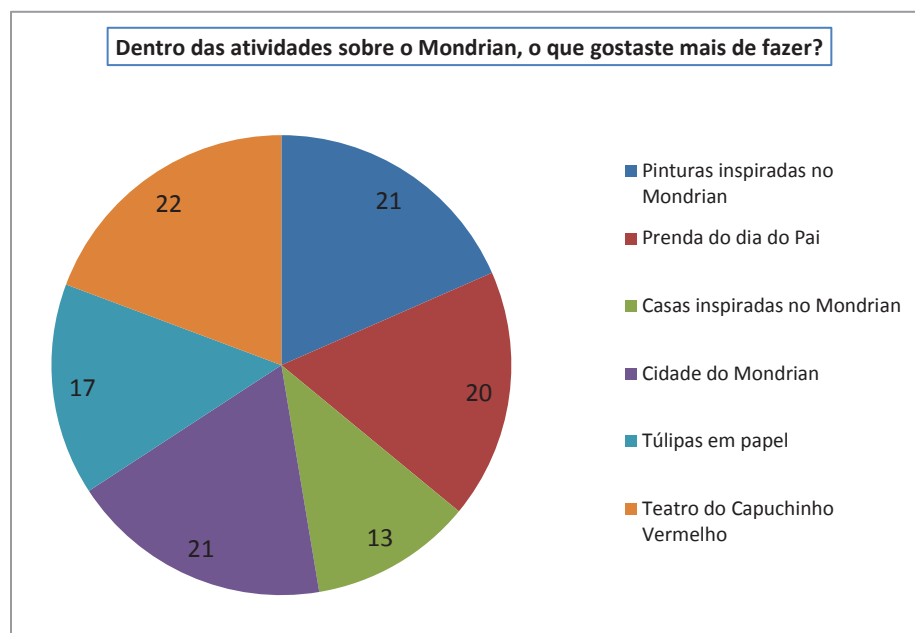


Figura 30 – Representação gráfica da resposta à questão: “Dentro das atividades sobre o Mondrian, o que gostaste mais de fazer?”

Conforme o gráfico apresentado, as crianças gostaram muito de fazer as atividades inspiradas nas obras de arte de Mondrian. Quanto ao teatro do “Capuchinho Vermelho” a resposta foi unanime, houve uma discrepância em relação com as casas inspiradas no Mondrian.

6. Se Mondrian viesse à vossa sala, o que achas que ele diria?

A maioria das crianças respondeu que Mondrian iria dizer que os meninos da Sala Rosa trabalharam muito e tinham uma sala muito gira, ia gostar da cidade. Algumas crianças também achavam que Mondrian ia dizer que eles eram inteligentes e artistas e ia dizer “*obrigado meus amigos*”.

As crianças interiorizaram que com as obras de arte do pintor Mondrian trabalharam muito, tinham a sala muito bonita, mais uma vez a obra de arte fez com que as crianças sentissem o seu trabalho valorizado e, assim, adquiriram confiança em si próprios e elevarem a sua autoestima.

7. Quando estás feliz que cor escolhes?

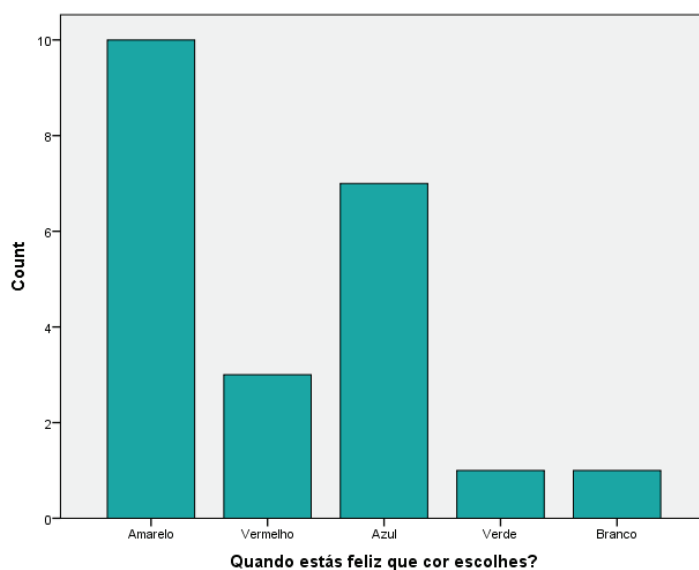


Figura 31 – Representação gráfica da resposta à questão: “Quando estás feliz que cor escolhes?”

Nesta pergunta dez crianças responderam que era o amarelo, a maioria das crianças que escolheu o amarelo foi porque é a cor do sol, que aquece e brilha, é uma cor alegre e calmante. Sete escolheram o azul, porque é a cor do mar, da praia, do céu e gostam da cor. Três optaram pelo vermelho, porque é a cor do amor e a cor preferida, uma o verde porque é do Sporting e outra o branco porque é a cor das nuvens e ela gosta.

Nesta pergunta as crianças associaram a cor que gostavam mais ao sentimento de felicidade. A criança precisa de sentir emoções e associa-las a momentos que já viveu e que gosta. Foi engraçado perceber que a maioria escolheu o amarelo porque é a cor do sol, até nos adultos com o sol ficamos mais felizes, não há duvida que a partir da obra de arte podemos trabalhar as emoções. Também foi curioso perceber que as crianças ao falarem das cores apenas falaram das cores que tínhamos trabalhado as cores do Pintor Mondrian, exceto uma criança que falou no verde.

8. E quando estás muito zangado?

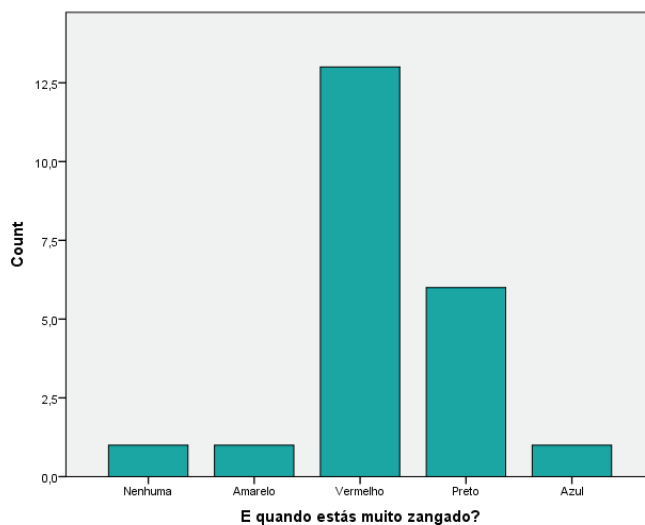


Figura 32 – Representação gráfica da resposta à questão: “E quando estás muito zangado?”

Na resposta a esta pergunta, 13 crianças escolheram o vermelho porque quando estão zangadas ficam com muito calor e ficam vermelhas. Seis crianças escolheram o preto porque é uma cor escura, zangada e não gostam, uma o azul porque é uma cor forte, uma o amarelo, porque não gosta de ovos, e outra não escolhe nenhuma simplesmente porque não lhe apetece fazer desenhos.

Através das cores as crianças mostram emoções e sentimentos, aqui mostra que o conhecimento é construído de dentro para fora e cada criança teve a sensibilidade para dizer o que sentia e porque o sentia.

9. Gostavas de conhecer mais artistas?

Todas as crianças responderam que sim (Ver Apêndice IX, Figura 49). Porque gostam de fazer trabalhos, de aprender e fazem coisas giras. Houve crianças que disseram que há muitos artistas e ainda conheceram poucos e gostavam que viessem à sala e houve uma criança que disse que queria conhecer o “picas”, o Picasso.

10. O que é que as obras de Mondrian representaram para ti?

A maioria das crianças respondeu que representavam quadrados, retângulos, quadros e cores primárias. Também disseram que eram muitas cores e que faziam outras cores, um arco-íris com as cores de Mondrian. Houve quem dissesse que representava a história do “Capuchinho Vermelho” e uma criança disse: *“Fazem-me mais feliz e mais contente, e eu gosto.”* Aqui está a prova que quando uma obra de arte sai do seu criador pode ter a interpretação e o olhar que o outro quiser e sentir.

3.2.1.2 Resultados dos questionários dos Pais

1. Idade.

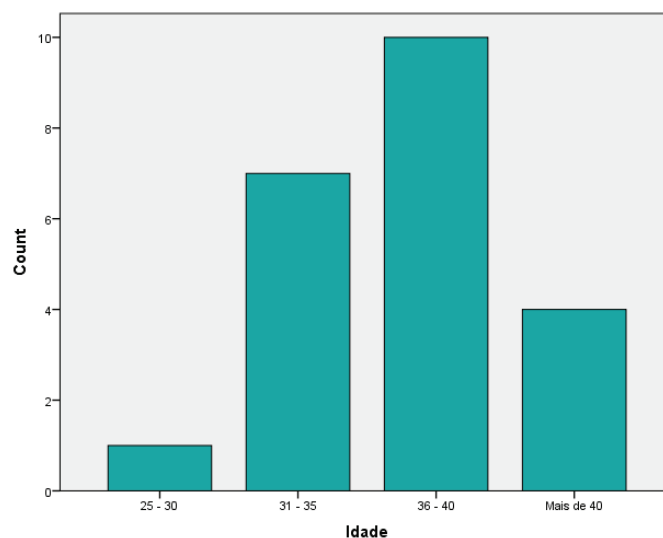


Figura 33 – Representação gráfica da resposta à questão: “Idade dos pais”

2. Habilitações.

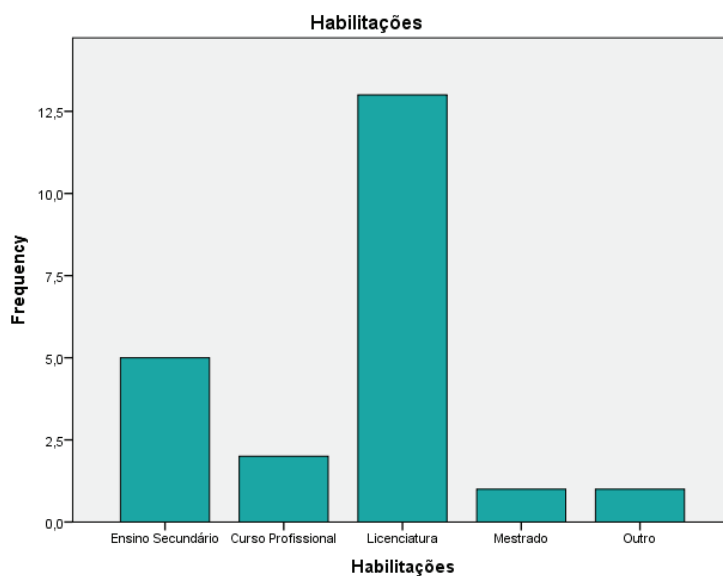


Figura 34 – Representação gráfica da resposta à questão: “Habilitações”

3. Conhecia o pintor Mondrian?

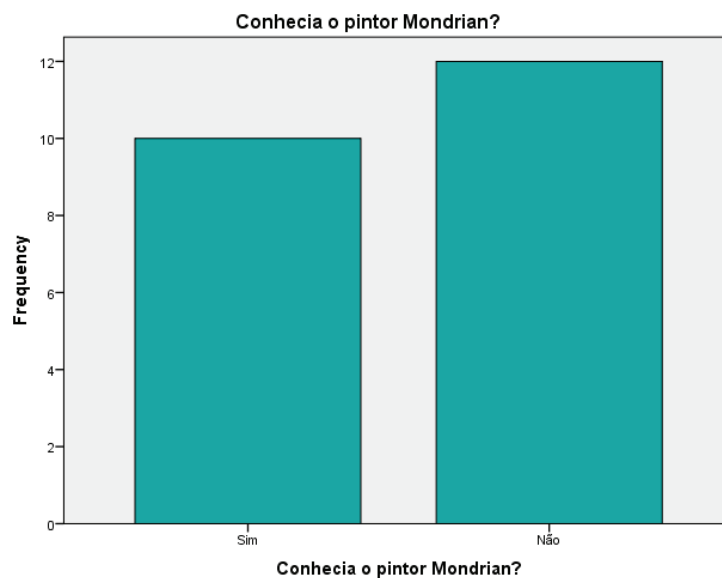


Figura 35 – Representação gráfica da resposta à questão: “Conhecia a pintor Mondrian?”

Nesta pergunta 12 pais responderam que não conheciam o pintor Mondrian e dois que sim.

4. O seu filho/a falou do Mondrian em casa?

Todas as crianças falaram do pintor Mondrian em casa.

5. Qual o nível de interesse do seu filho/ a no pintor?

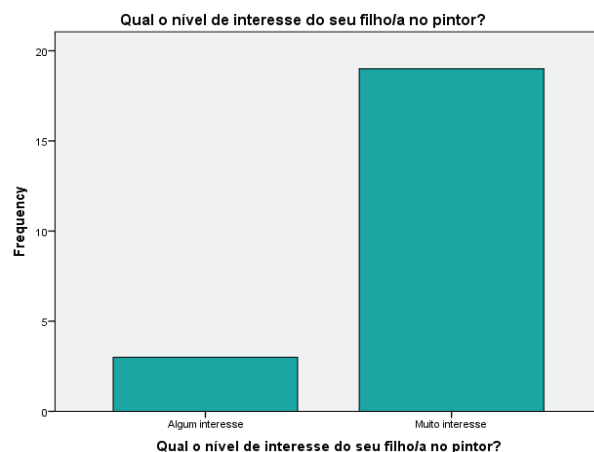


Figura 36 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual o nível de interesse do seu filho/a no pintor?”

Nesta pergunta 19 pais responderam que os filhos tiveram muito interesse e três responderam que tiveram algum interesse.

6. Qual foi o nível de entusiasmo do seu filho/a quanto às pinturas do Mondrian?

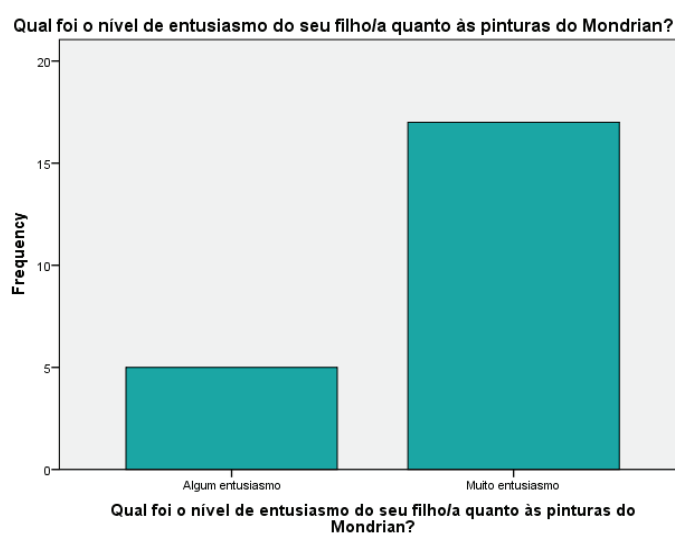


Figura 37 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual foi o nível de entusiasmo do seu filho/a quanto às pinturas do Mondrian?”

Nesta pergunta, 17 pais responderam “muito entusiasmo” e cinco “algum entusiasmo”.

7. Qual foi o nível de interesse do seu filho/a sobre o país do Mondrian?

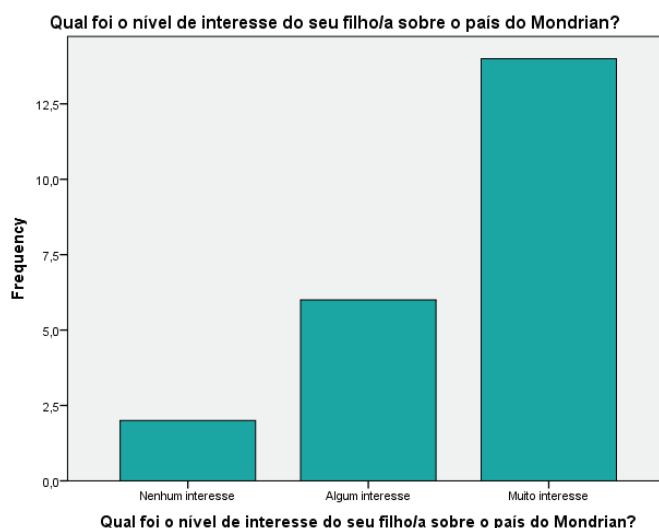


Figura 38 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual foi o nível de interesse do seu filho/a sobre o país do Mondrian?”

Nesta resposta, 14 pais responderam “muito interesse”, seis “algum interesse”, e dois pais “nenhum interesse”.

8. O seu filho/a mostrou-se entusiasmado com a chegada da Primavera e as tulipas da Holanda?

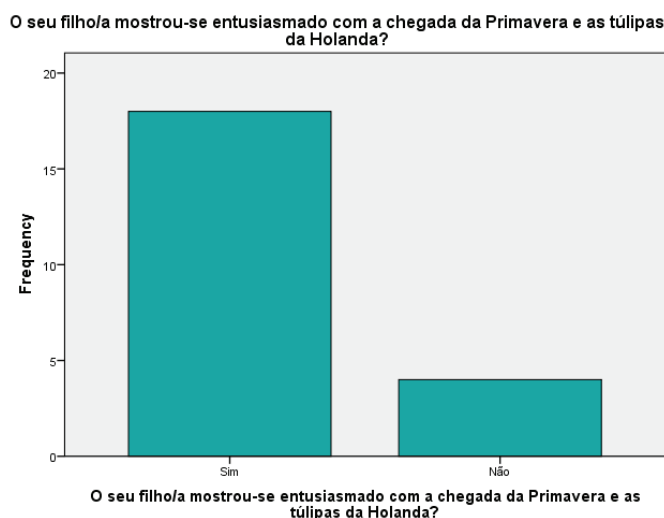


Figura 39 – Representação gráfica da resposta à questão: “O seu filho/a mostrou-se entusiasmado com a chegada da Primavera e as tulipas da Holanda?”

Nesta pergunta, 18 pais responderam que os filhos mostraram-se entusiasmados com chegada da primavera e das tulipas da Holanda e quatro responderam que não.

9. O seu filho/a mostrou-se entusiasmado com a construção da cidade do Mondrian?

Todos os pais responderam que os filhos estavam entusiasmados com a construção da cidade de Mondrian.

10. O seu filho/a gostou da história do “Capuchinho Vermelho” contada a partir da tela inspirada em Mondrian?

Todos os pais confirmaram que os seus filhos gostaram da história do “Capuchinho Vermelho” contada a partir da obra de arte inspirada em Mondrian.

11. Qual a importância que as dramatizações têm na vida das crianças?

Todos os pais responderam que as dramatizações têm muita importância na vida dos seus filhos.

12. Acha que estas obras de arte conseguiram desenvolver a aprendizagem dos vossos filhos?



Figura 40 – Representação gráfica da resposta à questão: “Acha que estas obras de arte conseguiram desenvolver a aprendizagem dos vossos filhos?”

Nesta pergunta, 21 pais responderam que as obras de arte desenvolveram a aprendizagem dos filhos, apenas um disse que não. Esta última resposta leva-me a questionar se a resposta foi dada conscientemente, até porque não foi dada uma justificação como os restantes.

Os pais acham que estas a obras de arte de Mondrian desenvolvem os seus filhos no seu crescimento e na sua aprendizagem. Estimula a criatividade a imaginação e a sensibilidade, possibilita o conhecimento do mundo através das cores, formas, texturas, sentimentos e emoções que estão associados. Acham que os seus filhos desenvolvem capacidades artísticas e o gosto pela arte, e que as crianças enriquecem o seu vocabulário, com as várias linguagens. Adicionalmente promove o conhecimento cultural de um modo divertido.

3.2.2 Feijoeiro

3.2.2.1 Resultados dos questionários das Crianças

1. Gostaste da história do “Feijoeiro Mágico”?

Todas as crianças gostaram da história do “Feijoeiro Mágico”.

2. Qual é a tua personagem favorita?

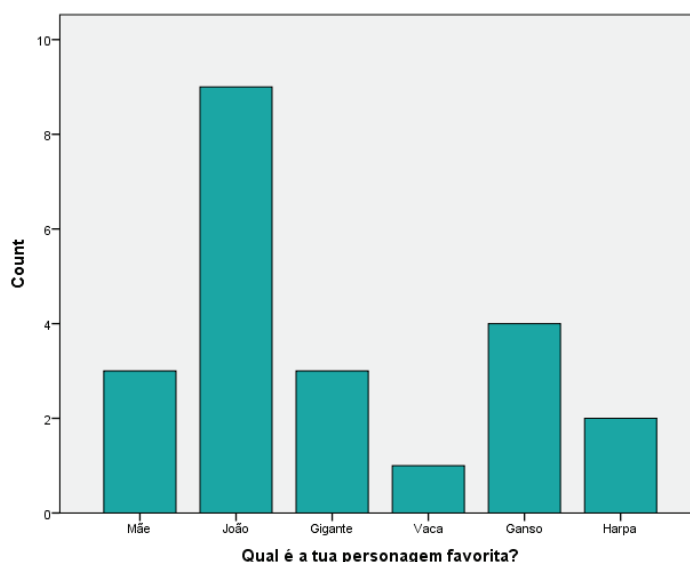


Figura 41 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual é a tua personagem favorita?”

A maioria das crianças escolheu o João porque ele era forte, tinha ouro e gostava de ajudar a mãe.

3. Gostaste de ir ver “O Feijoeiro” à Casa da Cerca?

Todas as crianças gostaram de ir ver “O Feijoeiro” à Casa da Cerca, exceto duas porque estavam doentes. Mas uma das crianças disse que tinha ido porque os amigos tinham contado tudo e ele sabia tudo. As crianças acharam “O Feijoeiro” uma obra de arte gira e enorme, que foi feita por artistas, também disseram que quando alguém faz um trabalho têm que ir ver. Quase todas as crianças viram o gigante ou algo relacionado com ele. Cada vez mais fica provado que a imaginação das crianças não tem limites e a relação com a obra de arte desenvolve a sua aprendizagem.

4. Gostavas de lá voltar?

Todas as crianças responderam que queriam lá voltar. Duas das crianças porque ainda não tinham ido, as restantes porque queriam ver mais coisas giras e também queriam voltar a ver o gigante e a casa dele. A obra de arte despertou-lhes a curiosidade para descobrir mais o mundo à volta dela.

5. O que gostaste mais de fazer na construção do vosso Feijoeiro?

A maioria das crianças responderam que gostaram de por o dracallon nos collants porque era fofinho e macio. Muitos também gostaram de fazer as nuvens e as flores. As crianças também falaram muito do trabalho em equipa, diziam que gostaram de ajudar os amigos a encher os collants. Aqui as crianças valorizaram muito o trabalho de equipa e gostaram de sentir os diferentes materiais.

6. O que sentiste quando estavas a preparar o teatro do “ João Pé de Feijão”

As crianças responderam que estavam contentes, felizes e alegres, algumas afirmaram que era porque os artistas vinham ver. Também houve crianças que disseram que trabalharam bem e estavam preparados. Havia ainda uma criança poderosa e outra nervosa. Aqui mostra como através de uma obra de arte se desperta tantas emoções, como estas crianças conseguiram exprimir o que estavam a sentir.

7. Gostastes de conhecer os artistas?

Todas as crianças gostaram de conhecer os artistas porque eles foram à sala ver o teatro que as crianças prepararam para eles (Ver Apêndice IX, Figura 50). Acharam que os

artistas eram «a sério» e faziam coisas muito importantes, mas queriam que vissem o feijoeiro que eles tinham feito. Houve crianças que disseram que o Nuno era o gigante e o João era o verdadeiro João da história. Foi um momento muito importante para estas crianças, gostaram de receber estes artistas, mas também ficaram muito orgulhosas por mostrar os trabalhos inspirados na obra de arte deles, “O Feijoeiro”. Aqui houve uma troca de saberes e de valores, as crianças ficaram mais despertas para os artistas e para o mundo da arte.

8. O que mais gostastes de fazer no dia da visita dos artistas à sala?

As crianças gostaram mais de fazer o teatro do “ João Pé de Feijão”, porque eram os artistas da obra de arte que vinham à sala. Mas também gostaram de dançar, de oferecer e comer o bolo que tinham feito para eles. Referiram também que gostaram de fazer perguntas e que foi divertido e que os artistas gostaram muito de visitá-los porque estavam contentes. Houve uma interação muito enriquecedora, “um clima de comunicação, de troca de saberes entre as crianças e os adultos.” (ME, 1997, p.45)

9. Achas que os artistas gostaram de vir à vossa sala?

Todas as crianças acharam que os artistas gostaram de vir à sala porque estavam contentes, riram e bateram palmas. Nunca tinham vindo à sala ver os trabalhos e o feijoeiro do grupo. Acharam a sala bonita e com trabalhos fantásticos, viram que eles também eram amigos e artistas. Algumas crianças também dizem que gostaram de tirar fotografias com os artistas. As crianças valorizaram muito sua ida às salas, mas também ficaram muito orgulhosos deles apreciarem os seus trabalhos, foi uma grande partilha.

10. O que é uma obra de arte para ti?

Esta pergunta obteve muitas respostas diferentes, as crianças responderam que eram trabalhos giros, especiais, pinturas, esculturas e desenhos com muitos materiais para os amigos verem e as mães, assim como uma criança disse que era “*um desenho com os olhos fechados e imaginar que estou num campo de tulipas*”. Também disseram que podiam fazer a cara deles, que era um autorretrato, assim como fazer teatro, dançar e cantar. Descreveram que eram feitos por artistas, mas que eles próprios sabiam fazer e eram artistas.

Embora, as crianças ao fazerem, trabalhos de expressões a partir da obra de arte, o objetivo não seja torná-los artistas, estas crianças perceberam que uma obra de arte é algo giro e especial feito por alguém para mostrar a uma comunidade, neste caso à escola e à família.

3.2.2.2 Resultados dos questionários dos Pais

Nestes resultados não faço referência à idade e habilitações dos pais porque os intervenientes são os mesmos dos resultados dos questionários “Obras de Mondrian”, por isso passo logo para as questões seguintes.

3. Conhecia a história d’ “O Feijoeiro”?

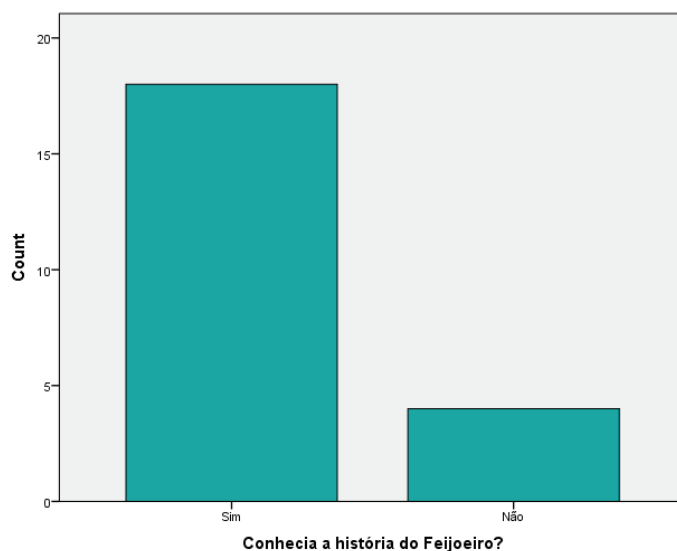


Figura 42 – Representação gráfica da resposta à questão: “Conhecia a história d’ “O Feijoeiro”?”

Nesta pergunta quatro pais responderam que não conheciam.

4. O seu filho/a falou da história em casa?

Todos os pais responderam que os seus filhos falaram da história em casa.

5. Qual o nível de interesse do seu filho/a na história?

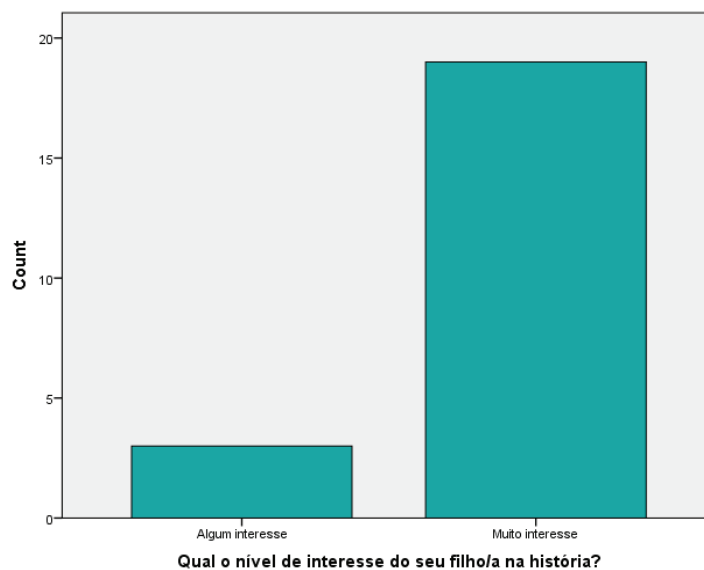


Figura 43 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual o nível de interesse do seu filho/a na história?”

Nesta resposta, 19 pais responderam que os seus filhos tinham muito interesse na história d’”O Feijoeiro”, apenas três responderam que tinham algum interesse.

6. Qual foi o nível de entusiasmo do seu filho/a relativamente à visita ao Feijoeiro na Casa da Cerca?

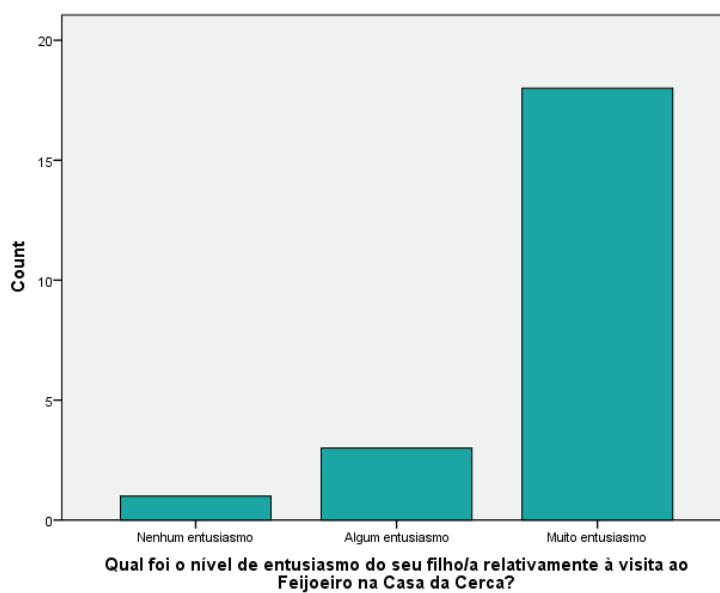


Figura 44 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual foi o nível de entusiasmo do seu filho/a relativamente à visita ao Feijoeiro na Casa da Cerca?”

Nesta pergunta, 18 pais responderam que os filhos ficaram com muito entusiasmo, três ficaram com algum entusiasmo e uma criança com nenhum entusiasmo. Quero referir aqui que esta criança não foi à casa da Cerca porque estava doente.

7. Qual o nível de entusiasmo do seu filho/a quanto à construção de um feijoeiro mágico na sala?

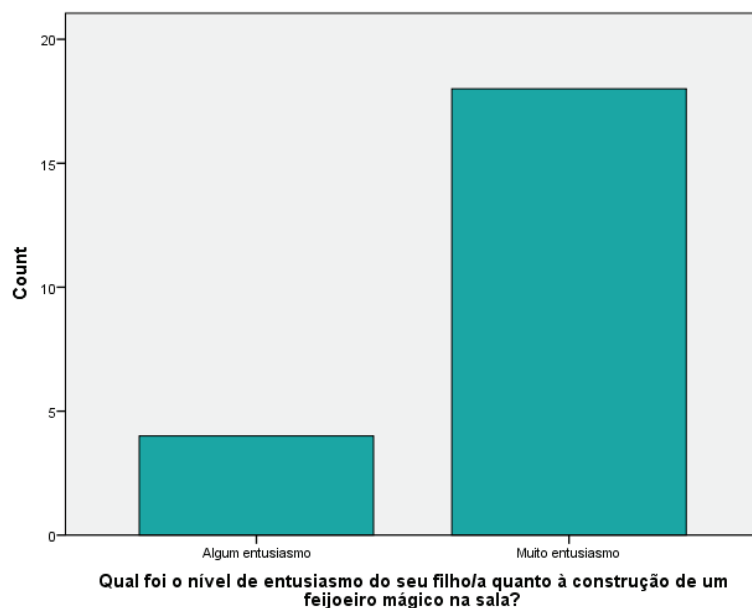


Figura 45 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual o nível de entusiasmo do seu filho/a quanto à construção de um feijoeiro mágico na sala?”

Dezoito pais responderam que os seus filhos estavam muito entusiasmados e quatro que os seus filhos tinham algum entusiasmo na construção de um feijoeiro mágico na sala.

8. Qual foi o nível de entusiasmo do seu filho/a sobre a visita dos artistas d’”O Feijoeiro” à sala?

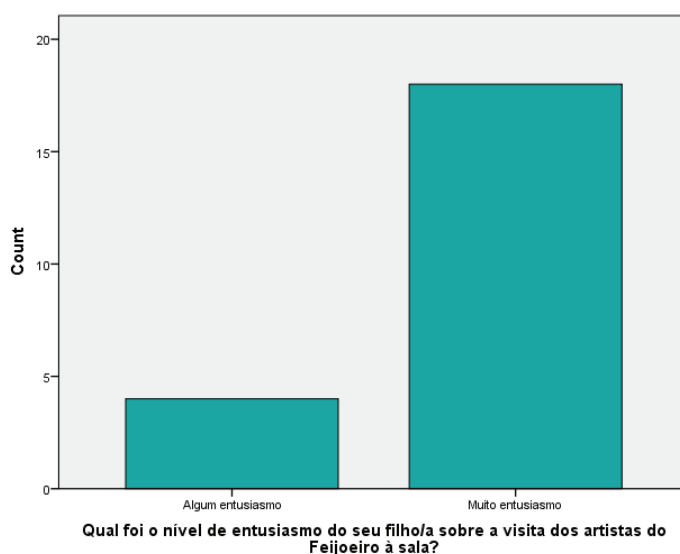


Figura 46 – Representação gráfica da resposta à questão: “Qual o nível de entusiasmo do seu filho/a sobre a visita dos artistas d’”O Feijoeiro” à sala?”

Sobre a visita dos artistas à sala, 18 pais responderam que os filhos estavam muito entusiasmados e quatro estavam com algum entusiasmo.

9. O seu filho gostou de conhecer os artistas?

Todos os pais responderam que os filhos gostaram de conhecer os artistas.

10. Acha que este contacto foi benéfico?

Todos os pais acharam que foi benéfico o contato com os artistas.

11. Qual a importância que a arte tem na educação das crianças?

Todos os pais acharam que a arte tem muita importância para a educação dos seus filhos porque disseram que a arte é um modo de expressão nas diversas áreas. Desenvolve a comunicação, a criatividade, a imaginação, o sentido estético, o espírito crítico. A arte leva a criança para um mundo de fantasia, pois, através dela, consegue demonstrar as suas inseguranças, os seus medos, os sentidos, as emoções e quebra preconceitos.

Na análise dos questionários às crianças, ficou provada a sua satisfação na realização dos dois projetos. As obras conseguiram despertar sentimentos e emoções nas crianças, levando-as a aprender a ter um olhar diferente sobre uma obra de arte, a valorizar e respeitar o trabalho dos artistas, desenvolvendo o sentido crítico. Foi importante o contacto que as crianças tiveram com os artistas, pois perceberam que por detrás de uma obra de arte está alguém que pensa, imagina e cria trabalhos para mostrar ao mundo. Ficaram felizes por conhecer os artistas, mas também muito orgulhosos por mostrar os trabalhos realizados a partir da obra de arte deles. Por conseguinte, houve uma troca de emoções e de saberes.

Ao analisar os questionários feitos aos pais, ficou bem demonstrado o quanto a obra de arte é importante no desenvolvimento dos seus filhos. A grande maioria dos pais acharam interessante esta abordagem no pré-escolar, sentiram os seus filhos com muito interesse e muito entusiasmo. Todos os pais acharam que esta tem muita importância para a educação dos seus filhos e que a arte é um modo de expressão nas diversas áreas. As crianças conseguem criar no mundo da fantasia. A obra de arte ajuda-as a perder os seus medos, as suas inseguranças e é uma maneira de quebrar os preconceitos. À exceção de um, todos os pais acharam que a obra de arte desenvolveu o crescimento e a aprendizagem dos seus filhos. Esta estimula a criatividade, a imaginação e a sensibilidade. Desenvolve as capacidades artísticas, enriquece o vocabulário com várias linguagens e promove o conhecimento cultural de um modo divertido.

Capítulo IV – Considerações Finais

Comecei esta investigação com ideias pré-concebidas do que seria trabalhar no pré-escolar a partir da obra de arte. Pensava se seria possível mesmo trabalhar todas as áreas de conteúdo, se a criança conseguia ter um desenvolvimento global.

Quando comecei o estágio propus à educadora cooperante trabalhar a partir da obra de arte, então conversei com ela sobre os projetos que tinha em mente, ao qual concordou. No início pensei só levar as crianças a sair do seu contexto e conhecer outro, a casa da Cerca, para verem a diferença. Em vez de levar só a obra de arte à sala porque não levar também as crianças até à obra de arte? Mais tarde pensei, porque não levar os artistas de uma obra de arte ao encontro das crianças para ver a reação delas?

Este relatório de investigação possibilitou-me uma percepção mais clara sobre a importância da integração da obra de arte em projetos desenvolvidos com crianças no pré-escolar. Fiquei convicta de que a obra de arte e a arte são elementos essenciais na atual e futura sociedade.

Hoje em dia, já não podemos continuar a pensar apenas que as crianças só devem aprender o português e a matemática. Vários autores confirmam o valor da arte no desenvolvimento global da criança e defendem que desde muito cedo as crianças devem ser estimuladas para ter práticas pedagógicas criativas e prazerosas que lhes deem liberdade de expressão.

Ao longo desta investigação comprova-se, no terreno, aquilo que os autores de referência defendem na fundamentação. A obra de arte, na educação, permite o desenvolvimento global da criança e a sua aprendizagem. A relação entre a criança e a obra promove a interação entre eles e o grupo no desenvolvimento cognitivo, afetivo e estético. Ao observar uma obra de arte a criança aprende novos conceitos, enriquecendo o seu conhecimento e o seu vocabulário. Ao crescer com a mesma, será um futuro apreciador de arte e cultura.

Ao longo da minha investigação, com o objetivo de perceber o papel da obra de arte e das expressões artísticas no pré-escolar, procurei responder às questões em que se desdobrou a problemática, para as quais consegui obter resposta, através da observação participante, das NC e dos questionários.

Em relação à pergunta: **Como contribuem as obras de arte para o desenvolvimento da criança?**

A obra de arte desenvolve o crescimento das crianças a nível cognitivo, motor, emocional, social e cultural. É no encontro com a obra de arte e com o outro que as crianças se desenvolvem e constroem, de uma forma global, o seu conhecimento, usa várias linguagens expressivas e cria uma motivação intrínseca na aprendizagem, tornando-a criativa, ativa e construtora do seu saber.

O sentido estético é imprescindível ao equilíbrio e à harmonia do ser humano, pois este equilíbrio vai desenvolver emoções, sentimentos, saberes e aprendizagens. Também Sousa (2003, p.113) reforça que “as artes, [constituem] a linguagem dos afetos (emoções, sentimentos), uma possibilidade única de desenvolvimento completo do ser, de formação equilibrada da personalidade, que nenhuma área consegue atingir”. A criança, ao contactar com a obra de arte, consegue dialogar, sentir e expressar as suas emoções. A obra de arte leva a criança a interagir com os outros e começa a dar valor a comportamentos e atitudes, conhecendo e reconhecendo modos de interagir. Promove a educação para os valores, num processo pessoal e social da procura do bem próprio e bem coletivo, ajuda a criança a participar democraticamente numa vida de grupo.

Ao trabalhar com a obra de arte com as crianças, esta vai oferecer-lhes a expansão do universo cultural, levando-as a possuir um grande poder modificador que lhes vai permitir um maior desenvolvimento de potencialidades ao longo da sua vida, o qual deve ser iniciado desde cedo. As crianças que crescem com a arte têm uma visão do mundo muito mais alargada, têm sentido estético, crítico e criativo muito maior e ficam mais despertas para tudo o que as rodeia.

Em relação à questão de saber **como pode o educador fazer a transversalidade entre as várias áreas de conteúdo a partir da obra de arte?**

As obras de arte podem oferecer atividades estimulantes e impulsionadoras de aprendizagens significativas onde se pode fazer a transversalidade com todas as áreas de conteúdo. O educador ao estimular o contato com a obra de arte às suas crianças já tem uma intencionalidade pedagógica, mas não deve impor nenhuma atividade, esta deverá partir da vontade das crianças. O educador deverá ser só o mediador dessas atividades. Como refere Sousa (2003, p.129) “o adulto não ensina a criança, deve motivá-la para que ele descubra o conhecimento por si própria.” Ao sentir o educador a criança, sente-se estimulada e apoiada.

O trabalho deve ser feito com as crianças e não para as crianças e, assim, vão surgindo atividades onde a criança trabalha todas as áreas de conteúdo, de uma forma criativa, prazerosa e com muita fantasia. O educador deverá pôr à sua disposição ferramentas para que possam explorar todas as suas capacidades cognitivas, motoras, emocionais, sociais e culturais e, assim, construir a sua aprendizagem.

O educador, ao trabalhar a partir de uma obra de arte, consegue fazer a transversalidade e trabalhar todas as áreas de conteúdo. Neste caso, foram duas obras de arte diferentes: quadros de um pintor modernista e uma escultura de um artista contemporâneo. As crianças a partir destas obras conseguiram fazer atividades onde trabalharam todas as áreas, e, mais uma vez, se verificou como se articulam entre si, daí a dificuldade que senti a categorizar as NC, pois apenas numa estavam presentes várias áreas de conteúdo. Por tudo isto, posso afirmar que o educador ao trabalhar uma obra de arte pode fazer a transversalidade.

Em relação à pergunta: **As expressões artísticas podem ser trabalhadas a partir de uma obra de arte?**

O educador pode promover o contacto da obra de arte com a expressão artística e, logo estimular o desenvolvimento da criatividade e da imaginação da criança. Tudo isto irá levar à construção de novas competências e novos saberes, a criatividade e a imaginação estão presentes em todos os seres humanos e podem ser alimentadas e aplicadas (Robinson, 2008). As crianças podem trabalhar as expressões artísticas através da obra de arte e assim construir o seu conhecimento com experiências e vivências através de atividades lúdicas, jogos expressivos e criativos.

Torna-se pertinente que a educação pela arte seja valorizada na formação de todas as crianças. O educador, ao levar a obra de arte para a sua ação educativa, vai despertar a curiosidade das crianças e, assim, despertá-las para a apreciação estética, para a sensibilização das artes e torná-las crianças ativas, criativas e sensíveis ao meio que as rodeia.

Em suma, defendo que na educação pré-escolar devam desenvolver mais projetos com obras de arte com crianças através de atividades pedagógicas, culturais e artísticas, fazendo-o regularmente. E, assim, é importante promover visitas ao exterior e/ou levar a arte e a cultura aos jardins de infância, completando e enriquecendo o dia-a-dia das crianças e tornando-as cidadãos mais interventivos, mais sensíveis aos problemas do meio envolvente, procurando soluções mais criativas para eles e, assim, formar uma sociedade melhor.

Bibliografia

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: ASA.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Branco, M. (2000). *Vida, Pensamento e Obra de João dos Santos*. Lisboa: Livros Horizontes.
- Cabral, C. (Org.) (2000). *Educação pela Arte – Estudos em homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cabral, R. (Dir.) (1999). *Logos: Enciclopédia Luso Brasileira de Filosofia*. (Vol.1). Lisboa: Editorial Verbo.
- Cerezo, S. (Dir.) (1993). *Infantil Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar Enciclopédia de Educação*. (Vol.1). Lisboa: Nova Presença.
- Chalumeau, J. (1997). *As Teorias da Arte: Filosofia, crítica e história da arte de Platão aos nossos dias*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Damásio, A. (2010). *O Livro da Consciência: A Construção do Cérebro Consciente*. Lisboa: Temas e Debates.
- Deichen, S. (1995). *Piet Mondrian 1872-1944: Construção sobre o vazio*. Lisboa: Taschen.
- Fainguelernt, E. & Nunes, K. (2006). *Fazendo arte com a matemática*. Porto Alegre: Artmed.
- Fróis, J., Marques, E., & Gonçalves, R. (2000). A educação estética e artística na formação ao longo da vida. In J. Fróis (Org.) *Educação Estética e Artística – Abordagens Transdisciplinares*. (pp.201-244). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gonçalves, E. (1991). *A Arte Descobre a Criança*. Amadora: Raiz Editora.
- Hohmann, M., Banet, B. & Weikart, D. (1995). *A Criança em Ação* (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2009). *Educar a criança* (5ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kamii, C. (2003). *A teoria de Piaget e a Educação Pré – Escolar*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Leitão, A. & Canguero, L. (2008). *Princípios e Normas para a Matemática Escolar*. Lisboa: APM
- Martins, I., Veiga, M., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R.; Rodrigues, A. et al (2009). *Despertar para a ciência: atividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: ME- DGIDC.
- Menéres, M. (2003). *Imaginação*. Lisboa: Asa.

- Millet, C. (1997). *A Arte Contemporânea*. Lisboa: Biblioteca Básica de Ciência e Cultura.
- Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica. Núcleo de Educação Pré-Escolar. (1997). *Orientações curriculares para a Educação Pré – escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Nunes, T. & Falcão, P. (2010/2011). *Lugares Mágicos*. Direção Regional de Cultura do Algarve: Atelier Educativo.
- Oliveira, F. & Araújo, S. (2008). *A Construção social da moralidade: a voz das crianças*. In J. Oliveira Formosinho. *A Escola Vista pelas Crianças*. (pp.31 – 54). Porto: Porto Editora.
- Pires, M. (2007). *Os valores na Família e na Escola: Educar para a Vida*. Lisboa: Celta Editora.
- Portugal, G. & Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar: Sistema de Acompanhamento a Crianças*. Porto: Porto Editora.
- Read, H. (2013). *Educação pela Arte*. Lisboa: Arte & Comunicação.
- Rigolet, S. (2006). *Para uma Aquisição Precoce e Optimizada da Linguagem* (2ª ed. rev. e ampl.). Porto: Porto Editora.
- Robinson, K. (2008). *The Arts in Schools*. Inglaterra: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santos, J., Skapinakis, N., Branco, J., Rebello, L., Portas, N. & Grácio, R. (1966). *Educação estética e Ensino escolar*. Lisboa: Publicações Europa América.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sim-Sim, I., Silva, A. C. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação – DGIDC.
- Sousa, A. (2003a). *Educação pela Arte e Artes na Educação: Bases psicopedagógicas*. (1º Vol.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. (2003b). *Educação pela Arte e Artes na Educação: Drama e Dança*. (2º Vol.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. (2003c). *Educação pela Arte e Artes Na Educação: Música e Artes Plásticas* (3º Vol.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Spodek, B. (Org.). (2010). *Manual de Investigação em Educação de Infância* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Spaggiari, S. (1987). *I Cento Linguaggi dei Bambini: The Hundred Languages of Children*. Reggio Emilia: Coptip Modena.
- Stern, A. (1974). *Uma nova compreensão da Arte Infantil*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Vale, J. (2008). *Nascido a 5 de Outubro*. Lisboa: ADIAC.
- Vale, P. (2005). Para uma Estética Hermenêutica. Notas sobre a essência e a função da obra de arte em Paul Ricoeur. Separata. *Estudos: Revista do centro Académico de Democracia Cristã*, Nova Série nº 4.
- Vasconcelos, T. (1997). *Ao Redor da Mesa Grande*. Lisboa: Porto Editora.
- Vasconcelos, T. (s.d.). *Trabalho por projetos na Educação de Infância*. (1ªed.). Lisboa: Ministério da Educação - DGIDC.
- Vygotsky, L. (2012). *Imaginação e Criatividade na Infância*. Lisboa: Dinalivro.
- Vygotsky, L. (2009). *A Imaginação e a Arte na Infância*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Vygotsky, L. (2007). *Pensamento e Linguagem*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Zabalza, M. (1992). *Didática da Educação Infantil*. Madrid: Edições Asa.

Legislação

Lei nº 5/97 de 10 de fevereiro. *Diário da República nº 34/97 - I Série*. Lei – Quadro para a educação pré-escolar.

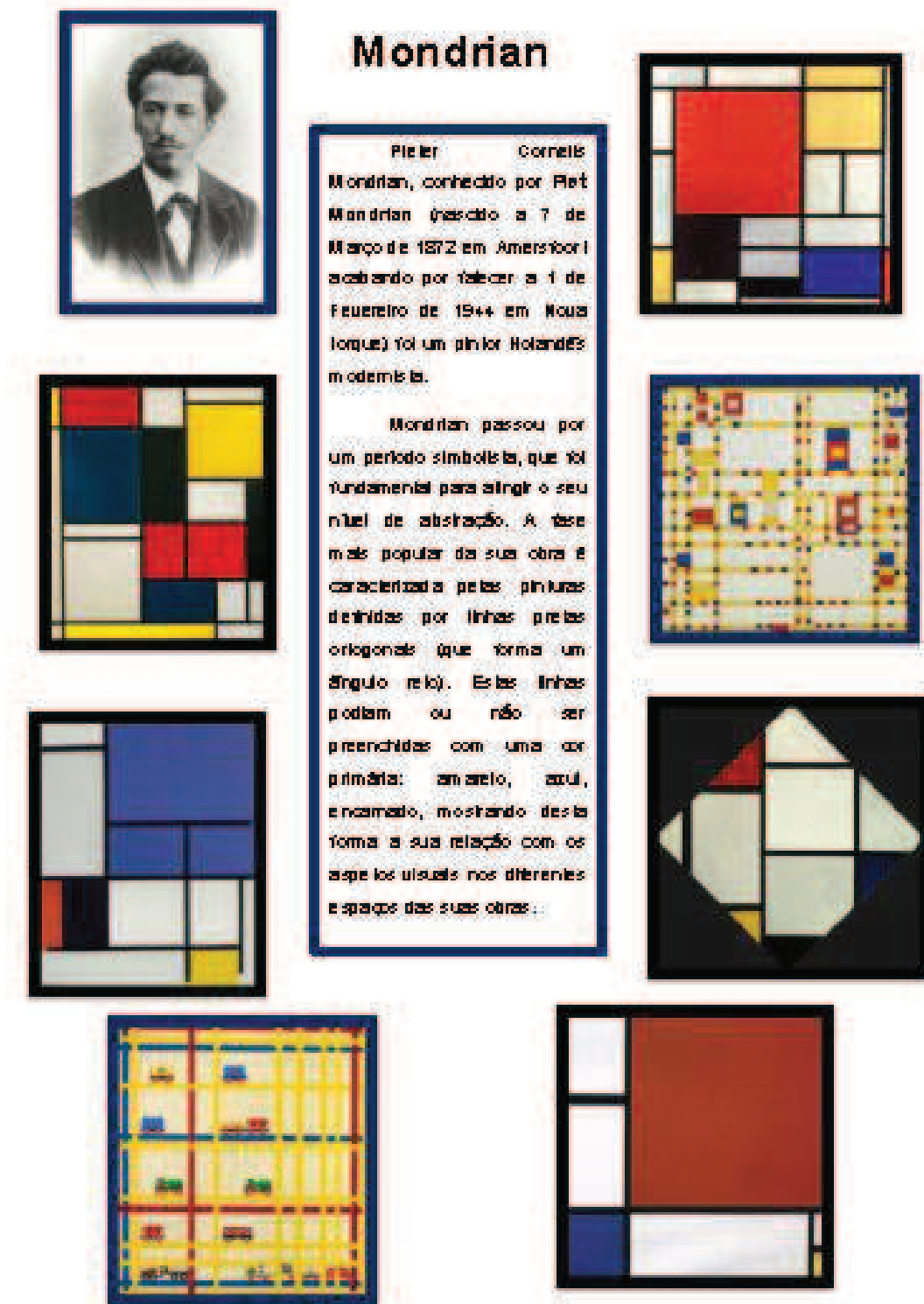
Sítios da internet consultados

Linha do tempo: Abstracionismo Geométrico: Acedido a 21 de julho de 2014 em <http://www.historiadaarte.com.br/linha/abstracionismo.html>

Apêndices

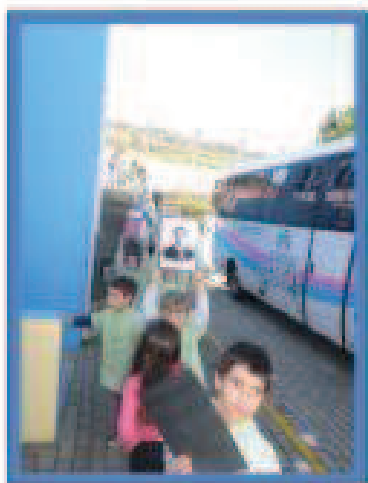
Apêndice I – Registro fotográfico do Projeto Mondrian

▣ Obras de Mondrian



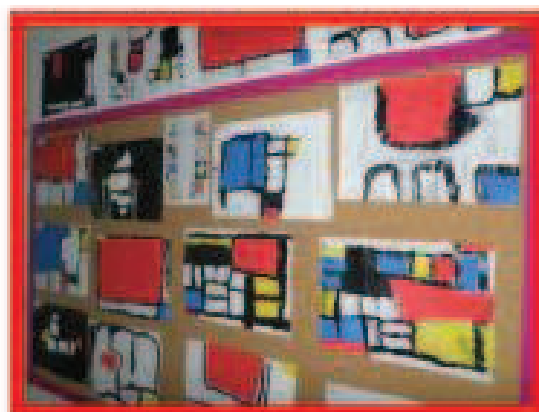
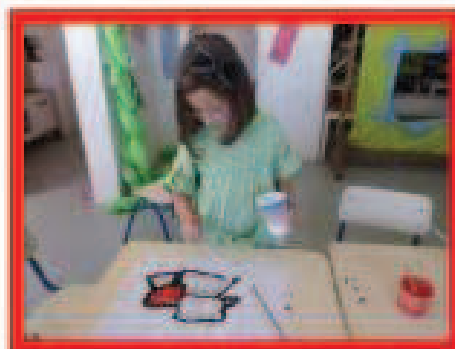
□ Apresentação de Mondrian

**Ouvimos a História “ O Sonho de Mateus” e
Conhecemos um Pintor chamado Mondrian**



□ Pintamos como o Mondrian

Pintamos como o Mondrian



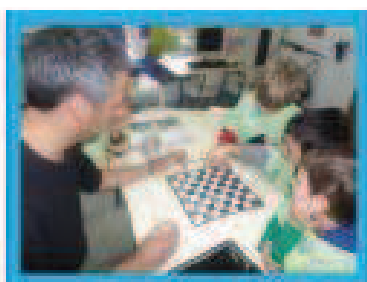
□ Prenda do Dia do Pai

Prenda do dia do pai



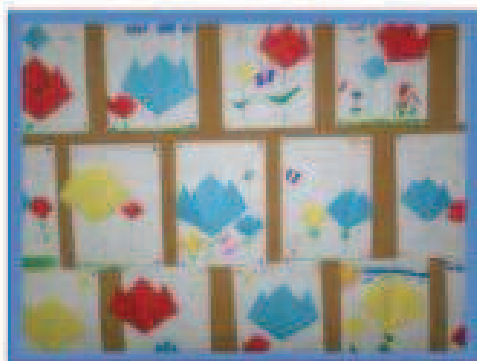
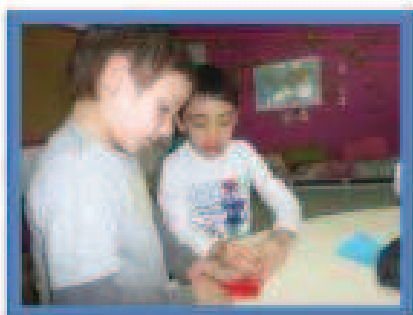
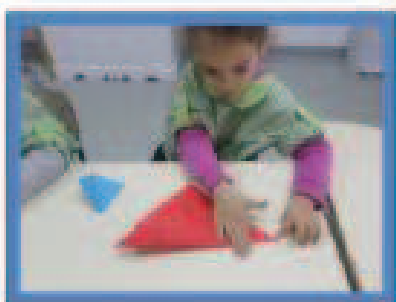
□ Dia do Pai

DIA DO PAI

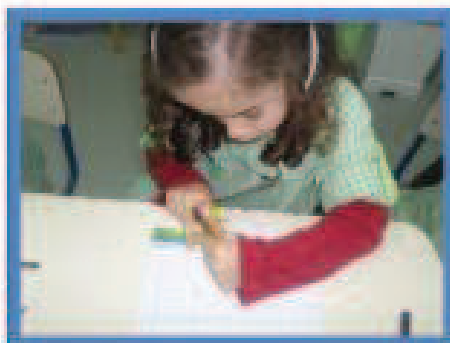
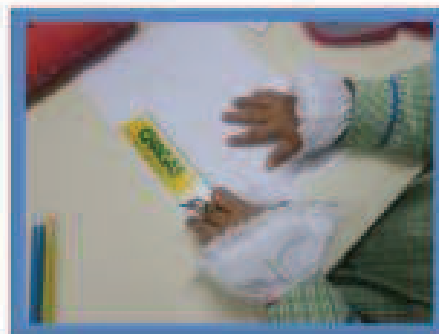
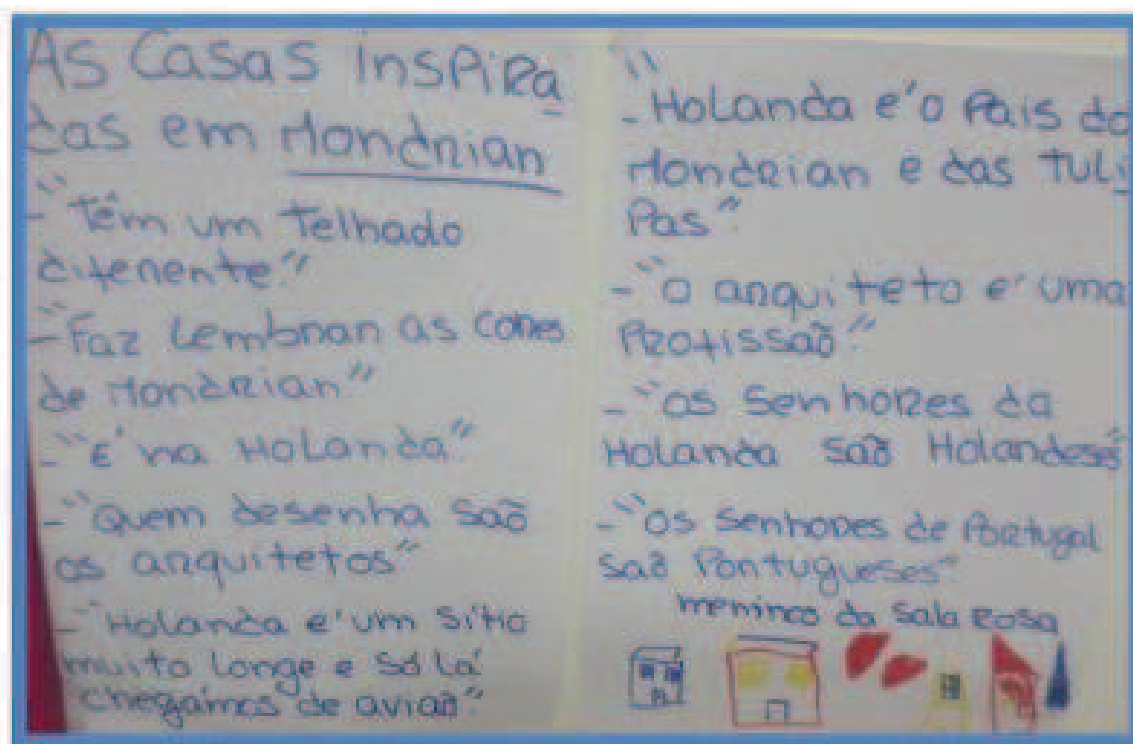


□ Chegou a Primavera e com ela vieram as tulipas do país de Mondrian

Chegou a Primavera e com ela vieram as tulipas do país de Mondrian...



▣ Casas inspiradas em Mondrian

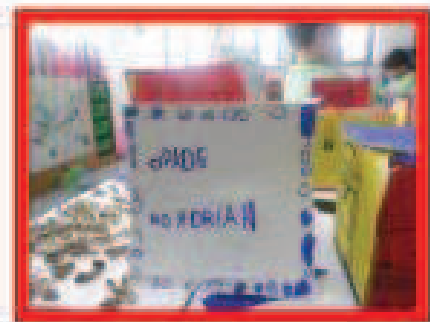
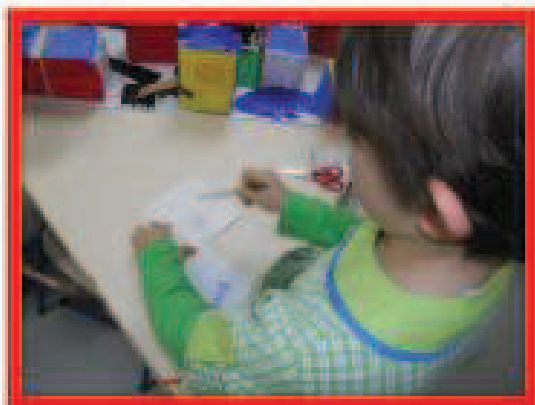




□ Cidade de Mondrian

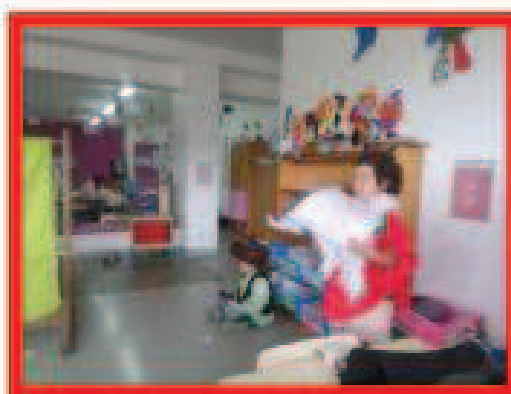
Pensamos e Construímos a Cidade de Mondrian...





□ Ensaios para o teatro e escolha das roupas

Ensaios para o teatro e escolha das roupas



Os biscoitos e o convite para a sala azul



□ Apresentação do teatro “Capuchinho Vermelho”

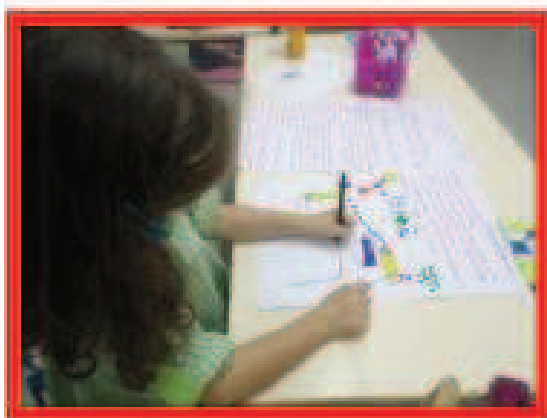
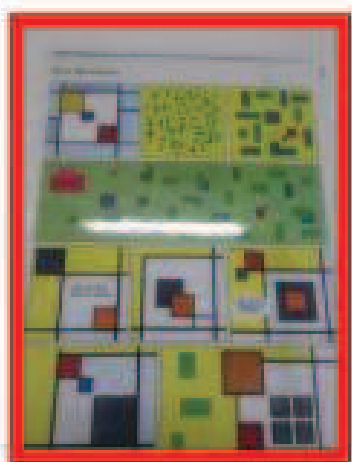
Apresentação do teatro o Capuchinho vermelho





□ História do “Capuchinho Vermelho” inspirada em Mondrian

História do Capuchinho Vermelho inspirada em Mondrian



História Recontada Pelos meninos da Sala Rosa

"O Capuchinho Vermelho"

"Era uma vez um Capuchinho Vermelho que a mãe chamou e disse:

- Capuchinho leva este castinho com bolinhos e mel à tua avózinha e não fale com estranhos e não vás pela floresta.

Quando o Capuchinho ia pela floresta, o lobo que estava escondido dentro de um tronco apareceu e disse ao Capuchinho: - Onde tu vais?

- Vou à casa da minha avózinha levar estes bolinhos e o mel porque ela está doente.

- O lobo disse: - Vai por este caminho que é mais rápido.

Mas o lobo enganou-a, o Capuchinho foi pelo caminho mais longo e foi apanhar morangos e flores e diverti-se muito.

Entretanto o lobo chegou à casa avózinha e bateu à porta e disse - Sou a tua netinha.

A avó respondeu: - Podes entrar minha netinha.

O lobo entrou e comeu a avózinha deitou-se na cama com a roupa da avózinha.

Quando o capuchinho vermelho chegou à casa da avózinha, bateu à porta, e o lobo disse: - Podes entrar minha netinha.

O capuchinho vermelho entrou e perguntou:

- Oh, avó tens umas orelhas tão grandes
- É para te ouvir melhor minha netinha
- disse o lobo afastado da avó.
- Porque tens uns olhos tão grandes?
- É para te ver melhor, minha netinha.
- disse o lobo.
- Porque tens uma boca tão grande, avózinha - disse o capuchinho
- É para te comer. O lobo abriu a boca muito grande, o capuchinho fugiu e foi pedir ajuda.
- Socorro, Socorro, Socorro...

Apareceu o caçador e foi atrás do lobo
e nunca mais voltou.

A avó, a Capuchinho Vermelho e a
mãe foram comer os bolinhos
e eram muito bons.

Com poezinhos de penlompimpim a
História chegou ao fim...



Apêndice II – Registo fotográfico do Projeto “O Feijoeiro”

□ “O Feijoeiro”

O Feijoeiro



João Pedro do Vale, nasceu em Lisboa em 1976, onde vive e trabalha. Realizou diversas exposições individuais e coletivas em Portugal e no estrangeiro. O seu trabalho desenvolve-se, principalmente, no campo da escultura e da instalação. Recorrendo a materiais pobres e pouco convencionais, a objetos pré-existentis de caráter tradicional ou massificados, as instalações escultóricas, inesperadas e deslocadas do contexto desses elementos, que exprimem sempre uma forte componente cultural.

Nuno Alexandre Ferreira nasceu em Torres Vedras, em 1973 e vive e trabalha em Lisboa. A produção e o comissariado foram algumas das atividades que o ocuparam até 2004, ano em que começou a colaborar com João Pedro Vale. A partir de 2008, começam a apresentar projetos em comum, nomeadamente os filmes *Hero, Captain and Stranger* (2008) e *English As She Is Spoke* (2010) e o projeto “P-Town” (2011). Já foi promotor de festas e escreveu textos para outros artistas.

O Feijoeiro (2004), obra chave das suas instalações, desenvolvida a partir da história “João pé de Feijão”, representa o elemento mágico deste conto popular, mas reune-se de outros níveis de significado e conotações simbólicas.

Instalado o Jardim Noite da casa da Cerca, no âmbito da exposição coletiva “Casa Ocupada”.



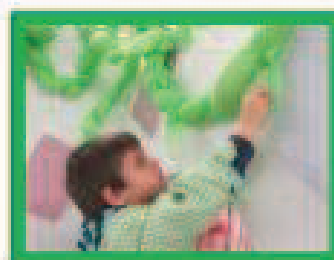
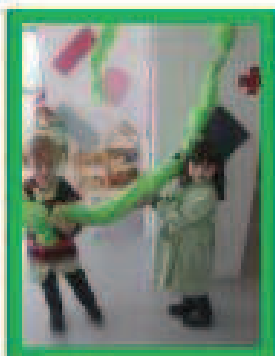
□ **Visita à Casa da Cerca ver a obra de João Pedro do Vale “O Feijoeiro”**

Visita à Casa da Cerca ver a obra de arte de João
Pedro do Vale o “Feijoeiro”



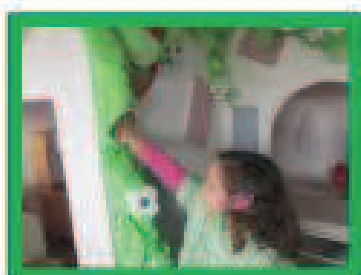
□ Montagem do nosso Feijoeiro Mágico

MONTAGEM DO NOSSO FEIJOEIRO MÁGICO

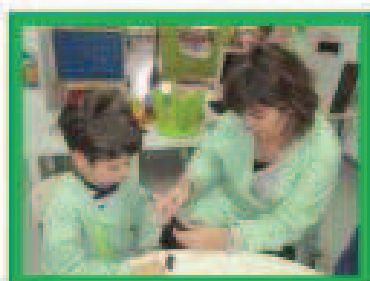


□ Fizemos folhas e flores para o nosso feijoeiro

Fizemos as folhas e as flores para o nosso feijoeiro

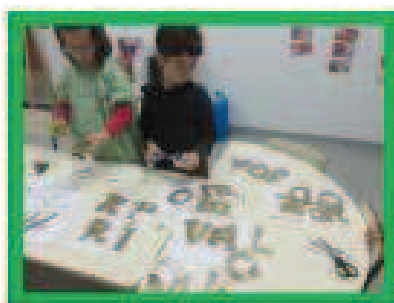
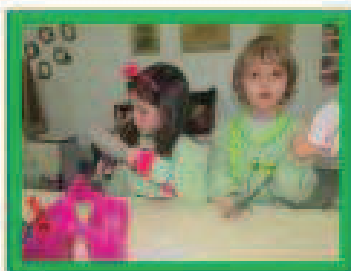
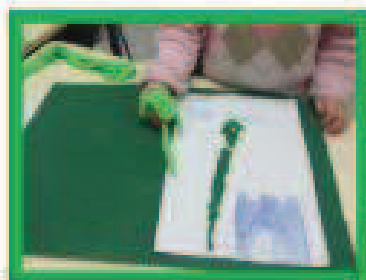


Também fizemos ovos e feijões para o nosso teatro e tivemos a costurar-los...



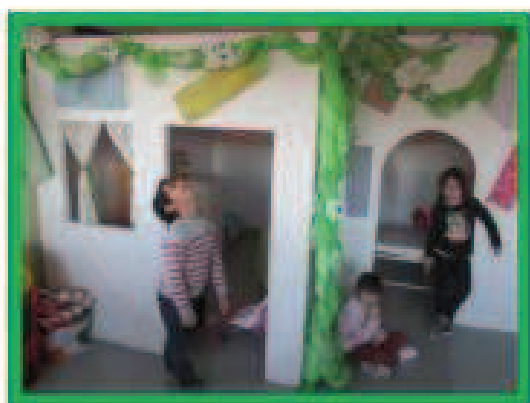
□ O livro que fizemos e as letras do nome dos artistas

O livro que fizemos e as letras do nome dos artistas



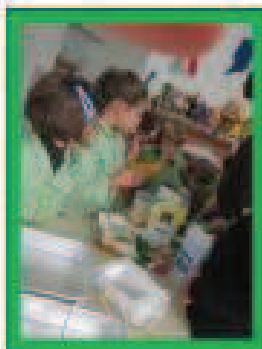
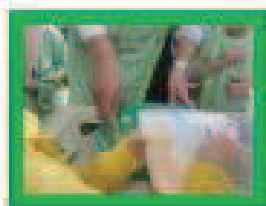
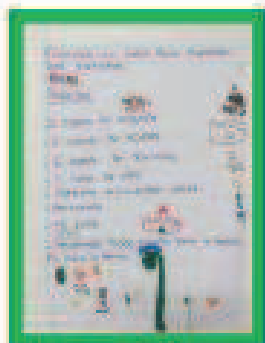
□ Preparação do teatro e escolha das personagens

Preparação do teatro e escolha das personagens



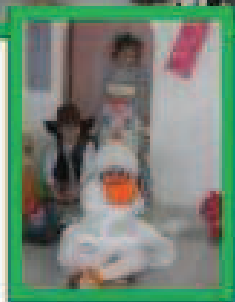
□ Confeção do bolo

Confeção do bolo



□ Os artistas vieram à nossa sala e fizemos o teatro “João Pé de Feijão”

Os Artistas vieram à nossa sala e fizemos o Teatro
“João Pé de Feijão”



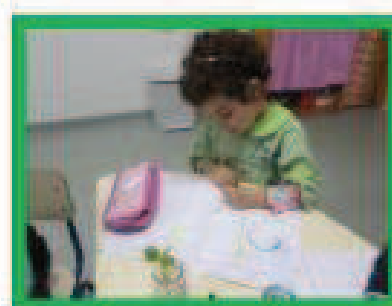
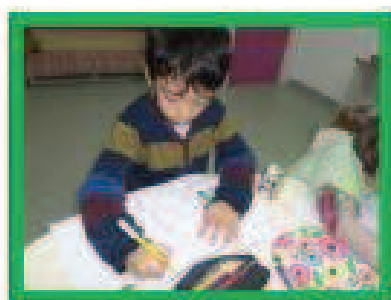
□ Pintamos os boiões para por os feijões

Pintamos os boiões para por os feijões...



□ 2º Registo do crescimento do feijão

2º - Registo do crescimento do feijão



Apêndice III – Autorização dos pais para realizar registo fotográfico

Pais...

Eu, Ângela Ferreira Fernandes, estagiária de Mestrado em Pré-escolar, da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, gostaria de pedir autorização para tirar fotografias em contexto escolar aos vossos filhos, no decorrer do estágio, de 6 de janeiro a 9 de maio de 2014. Estas fotos serão usadas exclusivamente para o dossier de estágio e relatório final.

Nome	Autorizo	Não Autorizo	Assinatura
Ana Sofia Grazina	X		Ana Sofia
André Santos	X		André Santos
Carolina Gonçalves	X		Carolina Gonçalves
Catarina Aniceto	X		Catarina Aniceto
Catarina Baltazar	X		Catarina Baltazar
Gaspar Reis	X		Gaspar Reis
Joana Chaves	X		Joana Chaves
João M. Santos	X		João M. Santos
Lara Dias	X		Lara Dias
Lara Domingos	X		Lara Domingos
Lara Ferreira	X		Lara Ferreira
Luisa Rodrigues	X		Luisa Rodrigues
Letícia Teixeira	X		Letícia Teixeira
Maria Carvalho	X		Maria Carvalho
Maria Madalena Cabral	X		Maria Madalena Cabral
Matilde Fernandes	X		Matilde Fernandes
Martim Boavida	X		Martim Boavida
Miguel Paniagua	X		Miguel Paniagua
Susana Gomes	X		Susana Gomes
Simão Guerreiro	X		Simão Guerreiro
Tiago Martinho	X		Tiago Martinho
Tiago Salgado	X		Tiago Salgado
Vicente Ribeiro	X		Vicente Ribeiro

Muito Obrigado

Apêndice IV – Notas de Campo

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

1

Situação: Hora da história

Data: 27- 01- 2014

Hora: 10. 15 h

Local: Sofá da sala rosa

Intervenientes: O grande grupo da sala rosa, a educadora e a estagiária.

Sexo: Ambos os sexos.

Idade: 5/ 6 anos

Outros indicadores de Contexto: Este grupo tinha ido visitar às uns dias atrás a obra “Feijoeiro” Na Casa da Cerca em Almada de João Pedro do Vale.

Descrição	Inferência
<p>A estagiária contou a história “João Pé de Feijão”. A seguir à história, houve uma conversa sobre a mesma.</p> <p>O Luís disse: “Parece o feijoeiro que nós fomos ver do Nuno e do João Pedro, no outro dia”. A Sara abriu muito os olhos e disse: “Aquele que eu vi os pés do gigante”.</p> <p>Então a estagiária disse: “Lembram-se do dia que nós fomos no autocarro do Sr. João e passamos por uma ponte muito grande?” Ao qual o Vasco disse logo: “ Eu sei aquela que eu vou pá casa do avô Zé”. A estagiária disse que era a ponte que passava sobre o Rio Tejo. O Guilherme que também estava atento disse: “Sim, lembro-me, fomos ver o feijão-verde que chegava às nuvens”. A Mara disse: “Oh Guilherme, não é feijão-verde, é feijoeiro mágico, feijão-verde é no Shopping.” A estagiária disse pois o feijão-verde é onde vocês vão brincar com os vossos pais</p>	<p>As crianças associaram a história à obra de arte “O Feijoeiro”.</p> <p>Houve crianças que se lembravam de pormenores da visita à Casa da Cerca.</p> <p>Uma criança reconheceu o caminho para a casa do avô.</p>

Comentário:

A obra de arte poderá ser um dos trilhos para uma aprendizagem globalizante na Educação Pré-escolar, com a vantagem de ser uma área que desperta a criatividade e a imaginação, o sentido estético e crítico da criança. Como nos diz Herbert Read (1942, citado por Sousa, 2003, p.27) “a arte deve ser a base da educação”.

A seguir à história houve uma conversa, sobre a mesma, as crianças associaram logo a história ao feijoeiro que tinham visto na Casa da Cerca em Almada. As crianças desenvolveram a memória visual, trabalharam a linguagem oral e desenvolveram o seu sentido estético e crítico.

O Conhecimento do Mundo esteve sempre presente, que é tão importante na vida criança. Cabe ao educador proporcionar às crianças “oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e exploração do mundo.” (ME, 1997, p.7 9).

A criança ao sair do seu mundo mais próximo, descobre um mundo muito mais alargado, onde vai despertar mais a curiosidade natural das crianças.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

Situação: Na hora da atividade

2

Data: 28- 01- 2014

Hora: 11.45 h

Local: Sala Rosa

Intervenientes: O grande grupo da sala rosa, a educadora e a estagiária.

Sexo: Ambos os sexos.

Idade: 5/ 6 anos

Outros indicadores de Contexto: Depois de terem começado a encher o feijoeiro na sala.

Descrição	Inferência
<p>Hoje quando as crianças chegaram à sala a Laura disse: “Ângela, temos que ir montar mais o feijoeiro”. Continuaram a montar o feijoeiro, umas crianças foram encher os collants com dracalllon, ataram com tiras de collants e penduraram-no à volta da casinha das bonecas da sala.</p> <p>A Clara disse: “O nosso feijoeiro é mesmo grande, até às nuvens”, ao qual a Mara disse: “Não é até às nuvens mas é até ao teto, mas não faz mal porque nós vamos fazer tantas, tantas nuvens”.</p> <p>Então a estagiária perguntou como iam resolver a situação das nuvens, o Manuel respondeu: “Olha, penduramos na casinha com algodão e parece nuvens mesmo”.</p>	<p>As crianças mostraram-se muito interessadas pelo feijoeiro.</p> <p>Quiserem fazer um feijoeiro grande como o que viram na Casa da Cerca.</p> <p>As crianças conseguem trabalhar em grupo e resolver pequenos problemas.</p>

Comentário:

Quando as crianças começaram a encher os collants para fazer o feijoeiro mágico para a sala a algazarra foi geral, adoraram, juntaram-se dois a dois e entenderam-se muito bem. Enquanto uma criança agarrava no collant a outra enchia com dracallon depois trocavam. Esta atividade ajudou-os a partilhar o material pois quando tinham pouco dracalon, a criança que tinha mais dava ao colega e ajudavam-se uns aos outros, valores que as crianças vão aprendendo no seu dia-a-dia como nas Orientações Curriculares (1997, p.52) refere:

Valores que não se “ensinam”, Mas que se vivem na ação conjunta e nas relações com os outros. É na inter-relação que a criança vai aprendendo a atribuir valor a comportamentos e atitudes seus e dos outros, conhecendo, reconhecendo e diferenciando modos de interagir. A educação para os valores acontece, assim, em situação, num processo pessoal e social de procura do bem próprio e bem coletivo.

Este feijoeiro foi crescendo um pouco todos os dias as crianças andaram muito entusiasmadas a fazê-lo ao fim do dia quando os pais chegavam, levavam os pais para ver como estava a ficar. Fizeram as folhas, as flores, e as nuvens pois queriam que o feijoeiro chegasse até às nuvens. Depois de fazerem estes adereços iam coloca-los no feijoeiro, uns eram colados outros eram atados, mas eram as crianças que escolhiam o sitio que queriam colocar as suas flores, folhas ou nuvens.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

3

Situação: Na hora da atividade

Data: 03- 02- 2014

Hora: 10.45 h

Local: Sofá da Sala Rosa

Intervenientes: O grande grupo da sala rosa, a educadora e a estagiária.

Sexo: Ambos os sexos.

Idade: 5/ 6 anos

Outros indicadores de Contexto: As crianças recontaram a história “ João e o pé de feijão” e a estagiária foi registando. Depois da história recontada, a estagiária leu para todas as crianças ouvirem, eles ouviram com muita atenção e concordaram como que foi escrito.

Descrição	Inferência
<p>As crianças começaram a falar do teatro que queriam fazer e em grande grupo decidiram quem eram as personagens. Quando duas ou mais crianças queriam a mesma personagem faziam uma parlenda, o que resultou bem, pois entenderam-se. Como não havia personagens para todas, as crianças e a estagiária combinaram que para o próximo teatro participavam as outras.</p> <p>A estagiária perguntou-lhes se sabiam o que era um narrador, porque iam precisar de um, então o Guilherme disse: “Eu já sei o que é, é decorar”, e a Laura acrescentou: “É decorar as falas”, a Sandra disse: “É o menino que lê a história”. Então escolheram o narrador, quase todos disseram que podia ser a Laura porque “lia” muito bem.</p>	<p>As crianças conseguiram recontar a história.</p> <p>As crianças conseguiram organizar-se e perceberam que não podiam entrar todas no teatro porque não havia personagens para todas.</p> <p>Perceberam o que era o narrador e conseguiram entre todos eleger uma criança, para o papel.</p>

Comentário:

As crianças recontaram a história como se lembravam e eu registei, quando leio ou conto histórias, as crianças ficam muito atentas, e gostam muito de as explorar, como nos diz nas Orientações Curriculares, estas são meios de abordar o texto narrativo, e criam a vontade e o desejo de aprender a ler (ME,1997).

Penso que este tipo de atividade resulta muito bem, e as crianças estavam muito empenhadas para fazer o teatro uma atividade que desenvolve as crianças a todos os níveis, cognitivos, motor, emocional, afetivo, linguagem. Como Sousa (2003, p.80) confirma:

Pelo seu grande valor de envolvimento emocional, pelo seu poder de contar histórias e acontecimentos, de comunicação social, de crítica, de formação e de informação, desde há alguns séculos que tanto vários pedagogos como homens do teatro têm chamado a atenção para a valiosa contribuição que o teatro poderia proporcionar à educação

Conseguiram todos em grande grupo decidir quem era o quê. Quando havia mais crianças só para uma personagem as crianças sugeriram que se fizesse “um-do-li-tá”, uma parlenda.

Este tipo de atividade leva- os, a perceber que tem que partilhar, neste caso partilhar as personagens que todos gostam.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

4

Situação: Momento de expressão plástica

Data: 04- 02- 2014

Hora: 14.30 h

Local: Mesa grande da Sala Rosa

Intervenientes: Um pequeno grupo e a estagiária.

Sexo: Ambos os sexos.

Idade: 5/ 6 anos

Outros indicadores de Contexto: As crianças estavam a fazer ovos de ouro gigantes e feijões em feltro para o teatro do “João Pé de Feijão”

Descrição	Inferência
<p>As crianças sugeriram fazer feijões e ovos com feltro castanho e branco para o teatro. Como disse o Francisco: “Temos que fazer ovos gigantes e feijões também”.</p> <p>As crianças começaram por desenhar, cortar e depois coser. Gostaram muito de coser, a estagiária ajudou a coser, tinha medo que eles se picassem. A Mónica disse: “Vou dizer à minha mãe que fiz muito bem”.</p> <p>Uma criança da sala que tem mais dificuldade a nível de motricidade fina disse: “Eu gostava de fazer, mas não vou ser capaz”. A estagiária encorajou-o e disse-lhe que ele era capaz, e que o podia ajudar.</p> <p>A Leonor veio ter com a estagiária e disse: “Eu ontem não cosi o meu”. A Sara disse: “Eu cosi, mas quero fazer mais”. O Manuel acrescentou: “Temos que fazer muitos, não é?” A Leonor já um pouco sem paciência respondeu: “Está bem, mas agora a Ângela é só para o meu feijão”.</p>	<p>As crianças quiseram fazer mais adereços para embelezar o teatro.</p> <p>Estavam entusiasmadas e queriam partilhar com a sua família.</p> <p>Conseguiram organizar-se e trabalhar em equipa</p> <p>Uma criança teve uma certa dificuldade e partilhar o adulto.</p>

Comentário:

As crianças estavam muito entusiasmadas com a preparação do teatro. Foi uma atividade muito boa para o desenvolvimento da criatividade e da motricidade fina assim como, construir os seus próprios adereços para o teatro. A preparação do teatro envolve as crianças numa grande azáfama e fantasia como Vygotsky (2009, p.89) refere:

A preparação do cenário, do guarda-roupa e outros elementos excita a imaginação e criação técnica das crianças. Estas desenham, moldam, recortam, cosem e tudo se adquire sentido e fim como parte de um conjunto, de um sentido que as interessa.

Notou-se espírito de equipa mas também que por vezes é difícil partilhar o adulto. Houve momentos que queriam a atenção só para elas. Estes momentos ajudam as crianças a aprender a construir a sua relação com os seus pares. Como nas Orientações Curriculares (1997, p.52) refere que:

Valores que não se ensinam, mas que se vivem na ação conjunta e nas relações com os outros. É na inter- relação que a criança vai aprendendo a atribuir valor a comportamentos e atitudes seus e dos outros, conhecendo, reconhecendo e diferenciando modos de interagir.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

5

Situação: Escolha das roupas para o teatro

Data: 06- 02- 2014

Hora: 10.45 h

Local: Sofá da Sala Rosa

Intervenientes: O grande grupo da Sala Rosa, a educadora e a estagiária.

Sexo: Ambos os sexos.

Idade: 5/ 6 anos

Outros indicadores de Contexto: Estavam a preparar o teatro do “João Pé de Feijão”

Descrição	Inferência
<p>Hoje foi uma manhã muito agitada, quando estavam todos no sofá a estagiária mostrou um saco muito grande, que tinha várias peças de roupa, chapéus entre outras coisas. De início houve alguma confusão com a escolha, pois algumas crianças queriam a mesma peça, mas com a ajuda da estagiária conseguiram resolver a situação. Quando duas crianças queriam a mesma peça a Mara disse: “Olha, podemos fazer um-do-li-tá e pronto resolvemos”, e ficou combinado assim.</p> <p>Depois de escolhidas as roupas as crianças foram ensaiar. A criança que fez de narrador sabia muito bem a história parecia que estava a ler, quando se atrapalhava as outras crianças ajudavam.</p> <p>Durante o ensaio o Guilherme mostrou-se muito impaciente, pois queria que os amigos dissessem tudo como na história do livro e muitas vezes gritava com os amigos. O Guilherme disse à Laura: “Vá, lê a história como deve ser vai” e a Laura respondeu: “O narrador já sabe a história decore” e logo a Sara defendeu a sua amiga: “A Laura sabe é decorar as falas”.</p> <p>Durante o ensaio a Sara disse: “Ângela não te esqueças de fazer outro teatro que eu também quero entrar” ao qual eu respondi “Claro, Sara está prometido”.</p>	<p>Numa atividade é importante por muitos recursos à disposição as crianças.</p> <p>O adulto só deve interferir quando for solicitado ou quando perceber que as crianças não conseguem resolver sozinhas.</p> <p>As crianças gostam que as histórias sejam lidas como conhecem ou como contaram. Algumas crianças não gostam de alterar as histórias.</p> <p>O adulto deverá sempre cumprir o que prometeu.</p>

Comentário:

É importante valorizar a dramatização de histórias nas crianças, estas constituem ocasiões de desenvolvimento verbal e não-verbal. Ajuda a criança a participar democraticamente numa vida de grupo, é um processo de desenvolvimento pessoal e social. As crianças ficaram muito entusiasmadas com a preparação do teatro.

Reparei que houve alguma confusão com a escolha das roupas, pois algumas queriam a mesma peça. Quando duas crianças queriam a mesma peça de roupa, houve uma criança que sugeriu uma parlenda, para ver a quem calhava a peça, e também pediram aos colegas para dar a sua opinião. Como nos diz nas orientações curriculares “Dialogar com as crianças sobre qual o material necessário, como adaptar e transformar e o que acrescentar para corresponder aos interesses e necessidades do grupo, são meios de enriquecer os materiais e situações de jogo simbólico.” (ME, 1997, p.60

O ensaio correu bem a criança que fez de narrador sabia muito bem a história, e parecia que estava mesmo a ler, quando se esquecia de algum pormenor, que os colegas achavam importante ajudavam-na logo, pois a história do teatro tinha sido recontada por eles. Como nos diz Cerezo (1997, p.1440):

Dar alento às crianças para que façam sugestões sobre o argumento e possam sentir que se trata de uma criação sua. O objetivo último é inculcar-lhe a quase plena responsabilidade da sua conduta, o que se consegue quando o seu desejo de criar alcança intensidade suficiente, e quando se sentem suficientemente livres para criar.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

6

Situação: Confeção de um bolo

Data: 10- 02- 2014

Hora: 10.45 h

Local: Mesa grande da Sala Rosa

Intervenientes: O grande grupo da sala rosa e a estagiária.

Sexo: Ambos os sexos.

Idade: 5/ 6 anos

Outros indicadores de Contexto: As crianças estavam a fazer um bolo para oferecer aos artistas que construíram “O Feijoeiro” e vinham à sala no dia seguinte.

Descrição	Inferência
<p>As crianças estavam a fazer um bolo para receber os artistas.</p> <p>Primeiro fizeram uma lista do que precisavam e depois foram à cozinha, a estagiária, o chefe e outra criança escolhida pelo chefe, buscar os ingredientes escolhidos pelo chefe.</p> <p>As crianças foram lavar as mãos e depois foram para a volta de uma mesa grande, a estagiária leu a receita do bolo, mas disse-lhes que tínhamos que fazer dois bolos.</p> <p>Primeiro as crianças começaram por identificar os ingredientes, então a estagiária disse: “que para um bolo precisava de um iogurte e para dois bolos precisamos de ... quem sabe? “O Francisco disse: “Dois, claro” muito convicto do que estava a dizer.</p> <p>A estagiária continuou, “Para um bolo precisamos de três copos de açúcar e para três bolos?”. As crianças fizeram uma pausa, e o Samuel disse: “Se calhar, são quatro copos”, mas o Francisco disse: “Não, não eu acho que são três mais três”. Então contaram em voz alta, o Samuel disse: “Ah pois é, são seis!”. De seguida puseram os seis copos de farinha, as crianças foram sempre contando em voz alta.</p> <p>Quando chegou a vez dos ovos, disseram que era cinco mais cinco. A Mara disse: “São dez ovos, eu já sei contar”. Aqui houve uma grande curiosidade porque os ovos não tinham casca, eram líquidos</p>	<p>As crianças organizaram-se para fazer o bolo.</p> <p>Perceberam que para fazer o bolo tinham que fazer a higiene.</p> <p>Na confeção do bolo as crianças trabalharam em equipa. Respeitaram-se uns aos outros.</p> <p>De um modo informal trabalharam várias noções matemáticas.</p>

<p>e estavam num pacote. A estagiária perguntou: “E agora como vamos por dez ovos no nosso bolo?”. A Juliana disse: “Olha dez copos de iogurte cheios de ovos”. A estagiária disse que não podia ser. Então viram que ao lado do pacote dos ovos tinha um jarro com números, com a ajuda da estagiária descobriram que cada número do jarro era um ovo e resolveram o problema.</p> <p>Quando só faltava juntar o corante à massa do bolo, não havia verde. A estagiária levou corante azul e amarelo, então a Laura disse: “Não faz, mal juntamos as duas cores e fazemos o verde”.</p>	<p>As crianças perceberam que se juntarem várias cores podem obter outras</p>
--	---

Comentário:

A atividade começou com um pouco de alvoroço, pois todas as crianças queriam fazer tudo.

Tive de acalmá-los e dizer-lhes que todos iam participar. Acho que esta atividade ajudou-os a raciocinar e estimular a aprendizagem pela matemática. Quase todas as crianças conseguiram perceber que tinham que fazer a receita duas vezes para fazer os dois bolos. “Os adultos poderão estimular o desenvolvimento matemático das crianças, proporcionando-lhes um ambiente rico em linguagem, onde o pensamento é encorajado, onde a originalidade é valorizada e as explorações apoiadas” (Leitão & Canguero, 2008, p.84)

Quando chegou a vez dos ovos é que se gerou um problema porque os ovos vinham num pacote parecido com o do leite, e precisavam de seis ovos, até que houve uma criança que descobriu que havia um jarro com tracinhos e cada tracinho correspondia a um ovo, esta situação despertou alguma curiosidade nas crianças, mas fomentou o desenvolvimento do raciocínio e do espírito crítico (ME, 1997)

Não havia corante verde, então para fazer o bolo verde disseram que tinham de misturar o amarelo e o azul, também os fez pensar sobre as cores primárias.

Penso que esta atividade também os ajudou a saber esperar e respeitar o tempo dos outros. Embora uma ou outra criança, mostrou-se sempre um pouco impaciente.

Depois desta tarefa um grupinho foi à cozinha entregar à cozinheira para por no forno. Esta situação também despertou a curiosidade e o desejo de saber para onde o bolo ia neste caso para o forno da cozinha da instituição, sítios que as crianças deverão conhecer. Como nos diz nas Orientações Curriculares (1997, p.42).

Cada estabelecimento tem formas de funcionamento e normas que as crianças deverão conhecer. A participação das crianças na dinâmica institucional, em que a organização democrática do grupo se amplia num contexto social mais alargado, é também uma forma de desenvolvimento pessoal e social.

No final todas as crianças colaboraram na limpeza, as crianças sabem que tem que arrumar tudo quando acabam uma atividade.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

7

Situação: A seguir à apresentação do teatro

Data: 11- 02- 2014

Hora: 11.30 h

Local: Área da Casinha

Intervenientes: O grande grupo da Sala Rosa, a educadora e a estagiária.

Sexo: Ambos os sexos.

Idade: 5/ 6 anos

Outros indicadores de Contexto: Os artistas João Pedro do Vale e Nuno Ferreira da obra de arte “O Feijoeiro” estavam na sala e depois de assistirem ao teatro “João Pé de Feijão”, houve uma conversa entre todos.

Descrição	Inferência
As crianças sentaram-se em frente aos artistas e começaram a fazer perguntas. O Luís perguntou: “Como é que o vosso feijoeiro foi feito?”. O Nuno respondeu que tinha sido feito com collants como o da sala dele.	As crianças ficaram muito curiosas com a visita dos artistas.
A Juliana perguntou: “Como conseguiram encontrar os materiais e como conseguiram fazer sozinhos?” O Nuno disse que tinham sido uns senhores que tinham uma fábrica que tinham dado muito collants.	A imaginação das crianças não tem limites.
O Marco perguntou: “Como fizeram as coisas do gigante e as nuvens?” O João Pedro ficou surpreendido com tanta imaginação e não soube como responder.	
A Laura disse: “Nós vimos o feijoeiro na Casa da Cerca, fomos na carrinha do Sr. João.” O Guilherme perguntou: “Oh João, és o pé de feijão?” O João Pedro riu-se e disse que se calhar era. O Marco aproveitou logo e disse: “E o Nuno é o gigante”. Para terminar as perguntas a Juliana disse: “Eu vi as tuas artes nós imprimimos”.	Associaram os artistas à história, pensaram que eles eram as verdadeiras personagens da história.
Os artistas foram respondendo sempre, foi um momento muito engraçado, depois ofereceram o livro que tinham feito, os artistas	Perceberam que eram

<p>viram todas as folhas e liam o nome de quem tinha feito o desenho, que logo se denunciava. Por fim foram convidados a comer o bolinho feito no dia anterior.</p> <p>Os artistas já estavam para ir embora quando a Juliana disse: “Podíamos dançar as músicas do Natal para eles”. Então as crianças organizaram-se, a estagiária foi buscar o cd e pôs no computador e as crianças dançaram todas as músicas da festa de Natal. Os artistas fartaram-se de rir com a descontração das crianças.</p>	<p>artistas e que tinham feito arte.</p> <p>As crianças sentiram-se muito importantes, tinham artistas verdadeiros a ver os trabalhos delas.</p>
---	--

Comentário:

As crianças estavam muito radiantes por fazer o teatro para os artistas, receberam os artistas muito bem. Havia crianças que já contavam os dias que faltavam para a vinda dos artistas do feijoeiro, que tinham visto na Casa da Cerca em Almada, o que desencadeou esta atividade. As crianças empenharam-se ao máximo, sabiam as suas falas, e quando uma criança se esquecia os amigos ajudavam-na.

As crianças utilizaram as propriedades do faz de conta para expressar percepções, experiências, intuições, emoções e fantasia de forma pessoal e em grupo. Houve muita cooperação de grupo e os artistas adoraram e os amiguinhos que estavam a assistir também estavam muito entusiasmados. Seguiu-se uma conversa, muito gira, entre as crianças e os artistas. As crianças estavam muito entusiasmadas, curiosas e com uma imaginação característica delas. As Orientações Curriculares (1997,p.79) dizem-nos:

A curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências, das técnicas e, também, das artes.

De seguida houve a entrega do livro que as crianças fizeram para os artistas, os artistas viram o livro e leram as mensagens que cada criança tinha registado para eles. As crianças adoraram ouvir a leitura da sua escrita em voz alta pelos artistas, foi muito importante para eles, como nos diz Rigolet (2006).

Para terminar esta visita as crianças estavam tão contentes que pediram para dançar, as danças que tinham dançado na festa de natal, porque queriam muito agradar e mostrar o que sabiam aos artistas. Afinal elas próprias são as maiores artistas e com esta atividade desenvolveram e construíram o seu conhecimento.

E cada vez mais estou convencida que “a arte deve ser a base da educação” como nos diz Herbert Read (citado por Sousa, 2003, p.27).

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

8

Situação: Hora da história

Data: 06- 03- 2014

Hora: 14.30 h

Local: Mesa grande

Intervenientes: Pequeno grupo da Sala Rosa e a estagiária.

Sexo: Ambos os sexos.

Idade: 5/ 6 anos

Outros indicadores de Contexto: As crianças construíram um Feijoeiro Mágico na sala, depois foram fazer a germinação do feijão. Depois de por o algodão e o feijão, esperaram alguns dias. Foram observando e registando.

Descrição	Inferência
<p>A estagiária contou a história “ E ainda nada?”, uma história sobre a natureza, a paciência e a perseverança que os seres humanos devem ter. Depois as crianças foram buscar os seus boiões com os feijões e foram ver o que tinha acontecido ao seu.</p> <p>A estagiária foi buscar as tabelas, distribuiu-as e cada criança registou na segunda coluna o que tinha acontecido ao seu feijão. A Margarida disse muito preocupada: “Oh Ângela, o meu não cresceu, está preguiçoso”. Então depois de fazer o registo, foi buscar novos feijões e algodão e substitui o seu feijão. “Vamos ver se vai crescer agora” - disse a Margarida.</p> <p>A Laura quando pegou na tabela disse: “Temos que por a data para sabermos o dia” e depois de olhar muita atenta para o seu boião disse “Eu tenho três feijões, dois iguais e um muito pequenino”.</p> <p>O Luís disse que tinha nascido um feijão pequeno, médio e outro grande. Já a Liliana disse que tinha dois feijões.</p>	<p>As crianças aprendem a cuidar da natureza.</p> <p>Aprendem a observar e ver a evolução dos seres vivos.</p> <p>Observem e registam o que esta a acontecer.</p> <p>Fazem articulação de conteúdos.</p>

Comentário:

Cada criança foi buscar o seu boião, e começou a observar o que estava a acontecer ao seu feijão. As crianças desenharam o boião e os feijões que entretanto cresceram. As crianças estavam entusiasmadas e mostravam umas às outras os seus feijões.

Depois de desenhados, as crianças disseram o que tinha acontecido aos seus feijões, eu registei exatamente como elas disseram. Como nos diz Rigolet (2006, p.164) “quando as crianças falam sobre qualquer coisa que fizeram, viram ou construíram e alguém regista exatamente o que disseram e o lê em voz alta, elas são testemunhas da escrita e da leitura das suas próprias ideias.” Aqui as crianças foram trabalhando com a matemática, dizendo quantos feijões tinham germinado, se eram grandes ou pequenos. Momentos do dia-a-dia que “o educador proporcione experiências diversificadas e apoie a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construindo noções matemáticas” (ME, 1997, p.74). Conseguiram comparar os vários feijões. Ao fazerem o registo, puseram a data na coluna, e contaram os dias que tinham passado desde o dia que tinham posto o feijão no algodão. Ao registar as crianças

Penso que a maioria das crianças percebeu que a água ajudou o feijão a crescer. Houve uma criança ficou um pouco desiludida porque o seu feijão não cresceu, então eu ajudei-a e fomos arranjar feijões novos e voltamos ao início. Como nos diz Martins (2009, p.12) ”as crianças gostam naturalmente de observar e tentar interpretar a natureza e os fenómenos que observam no seu dia-a-dia”.

Esta atividade despertou-os para a observação direta sobre o crescimento das plantas, as crianças observaram o crescimento da raiz, e o rebento do caule a partir das sementes do feijão.

Penso que esta atividade foi muito completa, onde houve uma articulação das várias áreas de conteúdo, as crianças sentiram-se sempre muito responsáveis pelos seus feijões. E assim começam a ficar despidos para o que se passa na natureza e a educação para cidadania.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

9

Situação: Conversa orientada sobre o Pintor Mondrian

Data: 10- 03- 2014

Hora: 10.30 h

Local: Quintal

Intervenientes: O grande grupo da Sala Rosa e a estagiária.

Sexo: Ambos os sexos.

Idade: 5/ 6 anos

Outros indicadores de Contexto: Depois de contar a história “Sonho de Mateus”, foi lançado o novo plano de ação sobre o Pintor Mondrian.

Descrição	Inferência
A estagiária perguntou às crianças qual era o sonho de Mateus. A Juliana respondeu: “Ser pintor”.	As crianças conheceram um novo pintor
Então perguntou o que era um pintor, o Manuel disse: “Tem muito trabalho é um artista”, a Laura acrescentou: “É um senhor que faz quadros”.	Alargaram o seu conhecimento.
As crianças continuaram a por o dedo no ar para falar. “Um pintor quer ver o mundo para ver quadros” - disse o Marco	Interagiram umas com as outras.
O Vasco também quis dar a sua opinião e disse: “ Faz coisas muito lindas”.	
A estagiária disse às crianças que tinha um pintor para lhes apresentar. Mostrou-lhes a fotografia de Mondrian, perguntou se o pintor era novo ou era velho, a Mara disse: “Eu acho que é velho e existiu há muito tempo”.	
O Luís perguntou: “ Essa fotografia é um autorretrato, não é?” A estagiária perguntou como ele sabia, e ele disse: ”Olha, eu sei muitas coisas na minha cabeça, mas acho que foi o meu avô que me disse”	Trouxeram conhecimentos que já traziam do seu meio familiar.
A estagiária e as crianças foram falando sobre Mondrian, disse-lhes	

que ele vivia na Holanda e o Marco disse: “Eu sei, não é Portugal, é um país do mundo” e a Sara disse: “É o meu país, quando a minha mãe vier à escola vai mostrar a Holanda”.	Conheceram um novo país.
Entretanto a estagiária começou a mostrar várias obras de Mondrian, as crianças observaram, passaram umas para as outras. A estagiária perguntou o que achavam, a Juliana disse: “Ele faz muitos quadrados e triângulos tortos”, o Francisco acrescentou: “Também tem retângulos, não vê?”.	Perceberam que o pintor fazia quadros com quadrados, triângulo e retângulos.

Comentário:

Ao trabalhar a arte com as crianças, esta vai proporcionando-lhes a expansão do universo cultural levando-as a possuírem um grande poder transformador, que lhes vai permitir um maior desenvolvimentos de potencialidades ao longo da sua vida, o qual deve ser iniciado logo de pequeninas, como nos diz Herbert Read “A arte deve ser a base da educação.” (citado em Sousa, 2003, p.27)

Esta atividade começou com a história “O sonho de Mateus”, contei a história às crianças na rua, pois estava um dia lindo de sol e acho importante o contato com a natureza sempre que possível. Depois de contar a história conversamos sobre o que é um pintor, fiz o registo com as crianças.

Falei do pintor Mondrian, um pintor holandês, penso que é importante alargar os horizontes destas crianças e não ficar só pelo pequeno mundo que as rodeia. As Orientações Curriculares (1997, p.80) dizem-nos que:

(...) as crianças contatam com instrumentos e técnicas complexas e dispõem, através dos media, de saberes que ultrapassam a realidade próxima. Tomar como ponto de partida o que as crianças sabem, pressupõe que também esses saberes deverão ser tidos em conta e que a educação pré-escolar, bem como outros níveis de ensino, não os poderão ignorar.

As crianças exploraram as suas obras e perceberam que o pintor pintava, retângulos, quadrados, triângulos e linhas retas. Ficaram muito interessadas e curiosas com a sua vida e a sua obra.

Interagiram umas com as outras e deram as suas opiniões, sentiram-se seguras e valorizadas com os seus conhecimentos, o que ajuda no seu bem-estar e auto estima. (ME, 1997)

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

10

Situação: Expressão Plástica

Data: 13- 03- 2014

Hora: 10.45 h

Local: Mesa grande

Intervenientes: O grande grupo da Sala Rosa e a estagiária.

Sexo: Ambos os sexos.

Idade: 5/ 6 anos

Outros indicadores de Contexto: As crianças fizeram a prenda do dia do pai inspirada em Mondrian.

Descrição	Inferência
A estagiária conversou com as crianças sobre o que já sabiam, sobre as pinturas do Mondrian. Trabalhou um pouco a matemática. O Guilherme disse: “Os biquinhos são vetices”, e logo a Laura disse: “Tás a dizer mal Guilherme são vértices”	Antes de fazer a prenda as crianças consolidaram as ideias sobre o Pintor.
“O quadrado e o retângulo têm os mesmos vértices, só que o retângulo tem dois lados maiores” - disse o Luís todo empolgado.	Aprenderam vocabulário matemático.
A Sara também disse:” As cores primárias são importantes para fazer outras cores”.	Sabiam o que são cores primárias.
Também estiveram a ver os objetos, com quadrados, retângulos e triângulos existentes na sala.	
Depois desta conversa a estagiária lançou a proposta da prenda, uma lata forrada com uma pintura de Mondrian, as crianças ficaram entusiasmadas.	Entusiamo em fazer bem a prenda do dia do pai.
A Laura disse: “Esta prenda também pode ser para o meu pai por os meus lápis de cor, não é?	
Começaram a pintar, a Leonor olhou para a Laura e disse: “Olha, achas que a minha esta a ficar gira, o meu pai vai gostar, se calhar não posso por, amarelo e amarelo.” Olhou para o seu trabalho	As crianças que conseguem liderar e a insegurança de outras.

atentamente e voltou a dizer: “Laura, já sei, vou por amarelo, vermelho e depois azul e às vezes preto”. A Laura que também estava a fazer o trabalho dela disse um bocadinho chateada “Deixam-me fazer o meu, senão eu não me concentro, e faço mal Leonor.”	
---	--

Comentário:

Todas as crianças estavam entusiasmadas com prenda do dia do pai, para eles uma prenda muito especial. Pois as crianças sabem que o dia do pai está a aproximar-se e os pais veem à sala e elas adoram, devemos ”completar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação” (ME, 1997, p.22)

Com esta atividade trabalharam muito a matemática, se estavam a pintar um quadrado ou um retângulo, quantos quadrados pintaram, quantos retângulos pintaram e aprenderam que as linhas pretas eram linhas retas.

Penso que a arte e a matemática caminham juntas, ambas são essenciais ao desenvolvimento do ser humano e à evolução da sociedade. “

O exercício da matemática e da arte é uma atividade fundamental para o desenvolvimento integral do ser humano e, consequentemente, é essencial para a educação da própria sociedade. Ele possibilita ao cidadão a sua inserção no mundo do trabalho das relações sociais e da cultura. (Fainguelernt & Nunes, 2006, p.13).

Estavam entusiasmados e quase todos já diziam que a prenda para o pai era como as pinturas do Pintor Mondrian. Com a conversa que íamos tendo ao longo da atividade, percebi que as crianças tinham adquirido os objetivos iniciais.

Houve crianças que fizeram sem problemas nem perguntavam nada, outras mais inseguras perguntavam aos colegas normalmente aos líderes do grupo, para não ficarem mal perante eles. Mas por vezes, os líderes queriam ser os primeiros e os melhores e já não tinham paciência para ajudar o colega. Esta situação não costuma acontecer neste grupo, são crianças que se ajudam muito umas às outras, não sei se foi por ser a prenda do Dia do Pai. Todos queriam fazê-la muito bem.

Penso que o adulto tem que ser mediador da situação e incentivar ao trabalho de equipa e à interajuda as Orientações Curriculares (1997, p.52) dizem-nos que:

É na inter-relação que a criança vai aprendendo a atribuir valor a comportamentos e atitudes seus e dos outros, conhecendo, reconhecendo e diferenciando modos de interagir. A educação para os valores acontece, assim, em situação, num processo pessoal de procura do bem próprio e bem coletivo

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

11

Situação: Lanche do Dia do Pai

Data: 19- 03- 2014

Hora: 17 h

Local: Sala Rosa

Intervenientes: Manuel e o pai

Sexo: Masculino

Idade: 5 anos

Outros indicadores de Contexto: Dia do Pai, lanche e entrega de prendas.

Descrição	Inferência
As crianças ofereceram bolo e café aos pais e depois foram fazer jogos e desenhos com eles.	Um dia muito importante para as crianças.
O Manuel estava super contente porque era Dia do Pai, o seu pai estava na sala e fazia anos. Quando foi entregar a prenda que tinha feito disse ao pai disse: “Olha esta latinha está com as cores do pintor Mondrian, aquele que eu te disse no outro dia”. Depois ficou calado a pensar e disse: “Mas sabes, eu devia ter feito duas, ou uma gravata, porque ele (pintor) também tem gravatas, eu vi”. O pai disse-lhe: “Eu gosto muito da tua prenda, Manuel” mas Manuel respondeu: “Mas era uma para o pai e outra para os parabéns”.	O Pintor Mondrian foi mencionado na festa do dia do pai. As crianças sabiam que havia mais coisas inspiradas em Mondrian.

Comentário:

Um dia cheio de sentimentos, emoções, e partilha. Aqui ficou demonstrado a importância que a família tem na educação pré-escolar. A participação dos pais nestas atividades só reforça e valoriza a relação entre pais e filhos.

Ficou mais uma vez provado que a arte está presente em toda a educação, num momento tão feliz e íntimo entre pai e filho aqui está a aprendizagem que o filho fez a partir das obras de Mondrian.

Uma criança que mostrou bem as suas emoções, estava muito feliz por estar com o seu pai, muito orgulhoso por ter uma prenda com as cores do Mondrian. Mas preocupado porque não tinha feito outra prenda para o aniversário do pai, e o Mondrian tinha outras coisas. E sentiu-se culpado por não ter feito, foi um misto de emoções. Mas o seu pai confortou e disse-lhe que ele era uma artista e que adorou a sua prenda.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

12

Situação: Expressão Plástica

Data: 24- 03- 2014

Hora: 14.30 h

Local: Sofá da Sala Rosa

Intervenientes: Pequeno grupo da Sala Rosa e a estagiária.

Sexo: Ambos os sexos.

Idade: 5/ 6 anos

Outros indicadores de Contexto: Com a chegada da Primavera as crianças foram fazer as tulipas do país de Mondrian.

Descrição	Inferência
<p>A estagiária disse que no país do Mondrian havia umas flores muito lindas e com muitas cores, as crianças foram tentando adivinhar, a Juliana disse: “São rosas, a minha mãe adora”, o Manuel acrescentou: “Eu acho que são margaridas, como a minha mana, sabes o nome dela é de uma flor”. A estagiária disse que não, que era uma flor que às vezes as meninas pediam para fazer em papel. A Laura disse: “Já sei, com papel às cores, é a tulipa”. Então a estagiária disse-lhes que as tulipas eram flores típicas da Holanda. A estagiária perguntou-lhes se queriam fazer tulipas, as crianças disseram que sim. Ainda em grande grupo, a estagiária mostrou um quadrado em papel, as crianças disseram logo o que era, e as suas características. Explicou-lhes como se fazia a dobragem de modo a que cada criança conseguisse fazer sozinha.</p> <p>As crianças iniciaram a atividade em grupos de seis, a estagiária pôs quadrados de várias cores e tamanhos, as crianças identificaram que eram cores primárias e que eram as cores de Mondrian. Houve crianças que conseguiram fazer a dobragem sem problemas.</p> <p>A Clara estava com dificuldades em dobrar a sua tulipa, e o seu amigo Luís que já tinha dobrado duas tulipas então disse: “Quando</p>	<p>Chegada de uma nova estação do ano.</p> <p>As crianças alargaram o vocabulário com o nome das flores.</p> <p>Aprenderam a fazer dobragens.</p>

<p>acabar, posso ajudar a Clara”, e depois de colar as suas tulipas e de decorar a sua folha como quis foi ao pé da Clara e disse-lhe: “O mais importante é ajudar do que dizer que não”.</p> <p>O Marco que é uma criança muito atenta e disse: “Oh Ângela, é muito importante ajudar os amigos” e olha para o António uma criança que também tem algumas dificuldades e disse: “Quando acabar posso ajudar o António, ele está muito preocupado por não saber”, ao qual a estagiária respondeu: “Se ele quiser, claro que sim”.</p> <p>Quando a Margarida foi fazer o trabalho, pegou no quadrado, dobrou vértice com vértice, fez um triângulo, olhou para a estagiária e disse: “Já não me lembro”. A Mariana que estava ao lado disse: “Dobra outra vez, faz assim (fez o gesto) agora põe o dedo, isso mesmo, Margarida” e a Margarida continuou o seu trabalho, muito contente com a sua amiga.</p>	<p>A importância do trabalho de equipa e cooperação.</p> <p>Melhorar motricidade fina.</p>
--	--

Comentário:

Falámos da chegada da primavera, e que na primavera havia muitas flores, então disse-lhes que no país de Mondrian havia umas flores muito lindas e com muitas cores, houve uma grande conversa sobre a primavera “os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interação com o mundo que os rodeia” (ME, 1997, p.79). As crianças foram dizendo como era o tempo, que flores havia disseram alguns nomes de flores até que houve uma criança que acertou nas tulipas. Expliquei-lhes que as tulipas são flores típicas da Holanda. Então fiz a proposta, as crianças ficaram muito entusiasmadas. Ainda em grande grupo no sofá, mostrei-lhes um quadrado em papel, e as crianças reconheceram, disseram que tinha quatro lados e quatro vértices. Expliquei-lhes como se fazia a dobragem de maneira que cada criança conseguisse resolver a situação sozinha.

Depois as crianças foram buscar os estojos, e foram para a mesa em grupos de seis, cada criança tinha o seu estojo para se tornar responsável pelo seu material. Eu pus na mesa quadrados amarelos, vermelhos, e azuis e eles identificaram logo com as cores primárias e as de Mondrian. Havia quadrados de vários tamanhos, eles escolhiam.

Os conhecimentos geométricos que as crianças trazem consigo devem ser alargados através das explorações, investigações e discussões levados à sala.

Os conceitos geométricos são adquiridos muito antes da entrada para o jardim de infância, sendo que os primeiros anos são essenciais para o aperfeiçoamento e alargamento dos seus conhecimentos.

Primeiro as crianças aprendem a reconhecer a forma pelo seu aspeto geral (Van Hiele, 1986) ou pelas suas características particulares relacionando-a com qualquer objeto do seu quotidiano.

As crianças foram fazendo as suas tulipas praticamente sozinhas, juntavam vértice com vértice, formavam grande, depois voltavam a dobrar, formavam um triângulo mais pequeno. Abriam e punham o dedo no meio do triângulo, puxavam as pontas e formavam a tulipa. Durante a atividade fui sempre perguntando o que eles estavam a fazer, pois acho importante as crianças neste tipo de atividade verbalizem o que estão a realizar e o que resultou depois da tarefa concluída, acho importante este diálogo. As orientações curriculares (1997, p.78) referem que:

Importa que o educador proponha situações problemáticas e permita que as crianças encontrem as suas próprias soluções, que as debatam com a outra criança num pequeno grupo, ou mesmo com todo o grupo, apoiando a explicitação do porquê da resposta e estando atento a que todas as crianças tenham oportunidades de participar no processo de reflexão.

Gosto de os incentivar a utilizar a linguagem matemática. Houve crianças com algumas dificuldades, mas os que conseguiram logo ajudavam os outros, aqui notou-se muito a cooperação, entre eles. “O educador alarga as oportunidades educativas, ao favorecer uma aprendizagem cooperada em que a criança se desenvolve e aprende, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem das outras.” (ME,1997, p.36). Depois de fazerem as tulipas, colaram nas folhas brancas, e decoraram o resto da folha com quiseram. Uma das regras que eles já sabem é que em todos os trabalhos têm que por o nome, a data e o nome da atividade, neste caso “Tulipas”, o que os vai estimular a escrita.

Depois de acabarem o trabalho das tulipas quiseram fazer o registo “ O que são cores Primárias?

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

13

Situação: Expressão Plástica

Data: 26- 03- 2014

Hora: 10.15 h

Local: Sofá da Sala Rosa

Intervenientes: O grande grupo da Sala Rosa e a estagiária

Sexo: Ambos os sexos

Idade: 5/6 anos

Outros indicadores de Contexto: Pintor Mondrian – A Casa de Rietvel inspirada em Mondrian

Descrição	Inferência
<p>Em grande grupo a estagiária falou com as crianças sobre o que já tinham aprendido sobre o pintor Mondrian. Então mostrou-lhes a casa de Rietveld, viram várias imagens. Perguntou-lhes o que viam e o Guilherme respondeu: “Muitos quadrados e janelas quadradas”.</p> <p>E voltou a perguntar: “Esta casa está pintada com que cores?” A Laura respondeu: “Eu acho que já sei, uma coisa, mas não digo”.</p> <p>Voltou a perguntar: “Então quais são as cores?” A Laura voltou a dizer: “Branco, amarelo, azul, vermelho, olha do Mondrian!”</p> <p>A estagiária voltou a perguntar: “Açam mesmo?”, ao qual o Marco disse: “Pois parece, tem muitos quadrados e ele gosta muito”.</p> <p>Então perguntou como se chamavam os senhores que desenhavam as casas, a Constança disse: “O meu pai desenha casas e dos estores”, ao qual o Francisco disse: “Não são nada os senhores que desenhavam casas são os arquitetos”.</p> <p>Então a estagiária disse-lhes que aquela casa estava na Holanda, no país do Mondrian e tinha sido feita por um arquiteto da Holanda e perguntou-lhes: “Então as pessoas da Holanda como se chamam?” A Mariana disse: “As de Portugal são portuguesas, as da Holanda ... (Pensou) olha são holandesas”.</p>	<p>As crianças descobriram mais uma coisa inspirada em Mondrian.</p> <p>Será que estas crianças já identificam este pintor em qualquer sítio?</p> <p>Aprenderam mais uma profissão através de uma obra de arte.</p> <p>Aqui se verifica que a arte faz a articulação de conteúdos.</p>

De seguida fizeram um pequeno registo, “Casas inspiradas em Mondrian”.	
--	--

Comentário:

Conversamos em grande grupo no sofá, sobre o que as crianças já tinham aprendido sobre o pintor Mondrian. Então mostrei-lhes a Casa de Rietveld, uma casa construída em 1924 por um arquiteto holandês, Gerrit Rietveld e inspirada em Mondrian.

”Também hoje em dia, as crianças contactam com instrumentos e técnicas complexas e dispõem, através dos *media*, de saberes que ultrapassam a realidade próxima.” (ME, 1997, p.80). Penso que se as crianças forem despertadas desde muito cedo para este tipo de arte, que irão crescer com muita curiosidade e tornarem-se uns adultos com uma visão do mundo alargada. A educação pela arte é fundamental, nomeadamente ao nível da educação pré-escolar, devendo o educador ter uma sensibilidade para os princípios pedagógicos desta área. Só desta forma existirá a educação de seres humanos críticos, equilibrados e criativos, como defende Sousa (2003).

Mostrei-lhes várias imagens, fiz-lhes várias perguntas: O que viam? Estava pintada com que cores? E as crianças conseguiram reconhecer que estava relacionada com as obras do pintor. Disseram que quem desenha as casas são os arquitetos. Foram desenhar as casas inspiradas no pintor, conseguiram trabalhar em grande grupo, na mesa grande. Eu distribuí várias réguas e folhas e conseguiram-se organizar. ”As razões das normas que decorrem da vida em grupo - por exemplo, esperar pela sua vez arrumar o que desarrumou...” (ME, 1997, p.36). Cada criança foi buscar o seu estojo e usou o seu lápis de carvão e a sua borracha, primeiro desenhou e depois pintou. “O desenho infantil favorece a atualização e a aquisição de conhecimentos. A criança, quando desenha, plasma (modela) o que percebe ou conhece das coisas, potenciando assim a assimilação e interiorização dos conhecimentos”. (Cerezo,1993, p.1109)

Houve crianças que começaram e acabaram de seguida, houve outras que pediram para terminar mais tarde, ao qual eu disse que sim, cada criança tem o seu ritmo de trabalho.”Ajudar as crianças a prolongar uma atividade é um dos importantes papéis de Ana. Ela insiste que o trabalho começado deve ter um fim, mas aceita que as crianças o interrompam e retomem mais tarde.” (Vasconcelos,1997, p.185)

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

14

Situação: Hora da história

Data: 31- 03- 2014

Hora: 10.30 h

Local: Sofá da Sala Rosa

Intervenientes: O grande grupo da Sala Rosa, a educadora e a estagiária

Sexo: Ambos os sexos

Idade: 5/6 anos

Outros indicadores de Contexto: Íamos começar a construir a cidade do Mondrian

Descrição	Inferência
<p>A estagiária contou a história “As brincadeiras do Quadrado e do Círculo”. Houve uma conversa orientada no sofá em grande grupo. A estagiária explorou o livro com as crianças, falaram sobre formas geométricas, o quadrado, o retângulo, o círculo e o triângulo. Foram dizendo o que viam no livro. “Quantos quadrados tem este quadrado verde?” perguntou a estagiária, o Francisco disse logo: “Nove quadrados pequenos”, depois tinha cinco quadrados em cima uns dos outros e o Guilherme disse: “Isso parece um tronco”.</p> <p>Ao longo da história foram participando ativamente, viram prédios, casas, sol, cobras, entre outras coisas. Apareceu um quadrado com um vértice no chão e a estagiária perguntou o que era. O Luís respondeu: “É um losango”. A estagiária perguntou se ele achava que sim, e ele: “Sim porque tá assim”. Ela disse-lhe para ele reparar nos lados se eram iguais ou não e ele: “Tem os lados iguais” e disse-lhe: “Então o que achas?” O Luís disse: “Deve ser um quadrado na mesma.” Então a estagiária disse às crianças que os quadrados mesmo noutras posições eram sempre quadrados, mostrou-lhes o livro que era quadrado e pôs na posição de losango e eles perceberam.</p> <p>A estagiária mostrou as planificações do cubo e do paralelepípedo e</p>	<p>Será que foi a melhor forma de fazer a ponte para a cidade de Mondrian?</p> <p>As crianças consolidaram o que já tinham aprendido anteriormente.</p> <p>Será que as crianças perceberam a diferença entre o quadrado e o losango?</p> <p>Passaram das formas para os sólidos geométricos será que foi elaborada a ponte?</p>

<p>explicou-lhes que o cubo podia ser para fazer as casas mais pequenas e o paralelepípedo para os prédios, levou uns já completos e outros para construir para as crianças compreender o processo, embora já tivessem falado anteriormente.</p>	
<p>Comentário:</p> <p>As crianças começaram a fazer a cidade de Mondrian, como já tínhamos combinado. Comecei por contar a história “As brincadeiras do quadrado e do círculo”, de seguida houve uma conversa orientada no sofá em grande grupo. Exploramos o livro, falamos sobre as formas geométricas, que já andamos a falar há algum tempo, promovendo consolidação de ideias/construtos. As crianças foram dizendo o que viam no livro, ao longo da história, foram participando muito, viram prédios, casas, sol, “cobras”, “troncos”, o que a imaginação deixou. Apareceu um quadrado com um vértice no chão, e eu perguntei o que era, as crianças disseram logo que era um losango, mas eu expliquei-lhes que o quadrado, independentemente da posição, é sempre um quadrado. E mostrei-lhes o livro que era um quadrado, em várias posições promovendo a perceção nas crianças</p> <p>A partir desta história, iniciei a atividade que tínhamos planificado com sólidos geométricos, que já tínhamos falado na semana passada quando combinamos em fazer a cidade, então levei um cubo e um paralelepípedo já construídos e levei os dois por construir, ajudando as crianças a perceberem a construção e a planificação dos referidos sólidos geométricos. Também lhes expliquei que o sólido desenhado chamava-se planificação. As crianças disseram que os cubos ficavam para as casas e os paralelepípedos ficavam para os prédios. As crianças começam a desenvolver os conceitos geométricos muito antes da educação formal, o pré-escolar constitui um período privilegiado para o alargamento destes conhecimentos. (Leitão & Canguero, 2008).</p> <p>De seguida as crianças foram em grupos de seis para a mesa grande e cada uma escolheu se queria fazer a casa ou o prédio. Primeiro recortavam a planificação, sempre pelo risco de fora, expliquei às crianças como se fazia, quase todas as crianças perceberam e conseguiram sozinhas, as que não conseguiam pediam ajuda. Depois de cortar tinham que dobrar pelos riscos, ensinei-lhes, e ajudei-lhes quando era solicitada.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

15

Situação: Expressão Plástica

Data: 22- 04- 2014

Hora: 10.15 h

Local: Sofá da Sala Rosa

Intervenientes: O grande grupo da Sala Rosa, a educadora e a estagiária

Sexo: Ambos os sexos

Idade: 5/6 anos

Outros indicadores de Contexto: Construção da cidade de Mondrian

Descrição	Inferência
Hoje as crianças estiveram entusiasmadíssimas a construir a cidade, organizaram-se em grupos. Quiseram que a estagiária lê-se o que tinham escrito sobre “Como vamos montar a nossa cidade de Mondrian”.	Os registos são muito importantes para as crianças, ajuda a estimulá-los para o código da escrita.
Depois de ouvir, as crianças começaram a colar as casas e os prédios que já tinham feito, depois umas cortavam o papel autocolante para fazer as estradas, outras faziam os semáforos, as passadeiras, esta cidade teve direito a praia e a jardins. As crianças usaram materiais reciclados, houve uma grande interajuda entre as crianças, uma grande cooperação entre todas as crianças.	As crianças sentiram-se autónomas e independentes com liberdade de escolha.
A caplaine que a estagiária levou tornou-se pequena para a cidade, as crianças acrescentaram com cartão e fizeram uma autoestrada para por os carros e autocarros entretanto construídos.	Usaram muitas matérias, o que é muito benéfico e estimula a imaginação.
Quando as crianças estavam a acabar a cidade, o Manuel disse: “Se o Mondrian chegasse cá a esta cidade dizia, que trabalhamos muito”, ao qual o Luís acrescentou: “Fizeram uma cidade inspirada com as minhas artes”. Mas o Manuel pensou e disse: “Eu acho que ele dizia que estava inspirada com o nosso cérebro.”	
A Mara disse: “Temos que fazer uma placa porque quando chegamos a Torres Vedras tem uma a dizer Torres Vedras”, ao qual a Clara completou: “A nossa tem que dizer cidade de Mondrian”.	As crianças alargaram o conhecimento do mundo.

Comentário:

Depois das crianças terem decidido como iriam construir a cidade quiseram que eu lesse o registo que já tinham feito anteriormente em grupo, “Como vamos construir a nossa cidade do Mondrian” é muito importante escrever o que as crianças nos dizem e como Rigolet (2006, p.164) nos diz:

Quando as crianças falam sobre qualquer coisa que fizeram, viram ou construíram e alguém regista exatamente o que disseram e o lê em voz alta, elas são testemunhas da escrita e da leitura das suas próprias ideias. Aprendem que são capazes de falar acerca do que pensam e sentem, que aquilo de que falam pode ser escrito, que o que ditam pode ser lido em voz alta e que, eventualmente, serão capazes de escrever e ler mais tarde.

As crianças organizaram-se entre elas e começaram a construir a cidade em cima a caplaine, usaram as casas e os seus prédios e todos os materiais que quiseram, até tiveram que aumentar a base para por uma autoestrada porque já não dava para por os camiões, e assim nasceu a” cidade de Mondrian”. ”A possibilidade de fazer escolhas e de utilizar o material de diferentes maneiras, que incluem formas imprevisas e criativas, supõe uma responsabilização pelo que é partilhado por todos” (ME, 1997, p.38),

Penso que as crianças ao fazerem esta atividade ficaram mais despertas para as cidades com menos poluição, mais jardins, para a prevenção rodoviária. Foi uma atividade de equipa onde houve muito respeito por o trabalho do outro.

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

16

Situação: Hora da história

Data: 06- 05- 2014

Hora: 10.30 h

Local: Sofá da Sala Rosa

Intervenientes: O grande grupo da Sala Rosa, a educadora e a estagiária

Sexo: Ambos os sexos

Idade: 5/6 anos

Outros indicadores de Contexto: Tela da História do “Capuchinho Vermelho” inspirada em Mondrian.

Descrição	Inferência
<p>A estagiária levou uma tela da história do “Capuchinho Vermelho” inspirada no pintor Mondrian. Quando mostrou a tela, as crianças associaram logo ao pintor. O Luís disse: “Mas esta pintura tem muito verde e as outras, não tem?” As crianças continuaram a observar e a Laura muito séria disse: “Pois, o Mondrian pinta com as cores primárias e o verde não é, eu sei”</p> <p>A estagiária foi dizendo que eles tinham razão, o verde não era uma cor primária, mas que aquela tela podia ser especial. “Pois o verde pode ser a selva” - disse o Vasco muito sério.</p> <p>A estagiária continuou a dizer para eles olharem bem e perguntou se viam imagens repetidas. A Laura pôs o dedo no ar e disse: “Já sei, isto parece uma história”. A estagiária disse: “Acham que esta tela é uma história?” E o Vasco voltou a dizer: “É, e tem uma selva”. Então, ela disse-lhes para eles olharem bem para os quadradinhos para ver se descobriam mais coisas sobre a história.</p> <p>A Juliana disse: “Uma história de uma casa, porque tem o preto e o branco”. A estagiária disse para eles continuarem a dizer o que achavam. A Laura disse: “A história é o lobo mágico que está na floresta”. A Mariana disse: “Eu não sei mas tem muitos quadrados”. O Marco, que estava muito pensativo, de repente diz: “A História</p>	<p>As crianças tinham bem interiorizado as cores do pintor Mondrian, mas não perceberam o que o verde estava ali a fazer.</p> <p>Sabiam que o verde não era uma cor primária.</p> <p>Acharam que a tela era diferente.</p> <p>Começaram a sugerir que era uma história, mas com muitas dúvidas.</p>

tem um lobo mas não é o mágico, Laura”. Então, a estagiária disse que eles estavam quase a adivinhar e o Vasco disse: “Já sei é capuchinho, olha os quadradinhos vermelhos e a floresta”	
<p>Comentário:</p> <p>Quando mostrei a tela da história do “Capuchinho Vermelho” inspirada no pintor Mondrian as crianças ficaram muito entusiasmadas. As crianças perceberam logo que era uma tela do pintor, disseram que era diferente, que tinha muitos quadrados, mas que também tinha muito verde. Depois de algum tempo, perguntei se podia ser uma história. As crianças disseram que devia ser, então uma criança disse que o verde poderia ser “uma selva”, logo começaram a dizer que devia ser a história do Capuchinho.</p> <p>Contei a história, as crianças gostaram, disseram logo que queriam fazer o teatro eu já tinha prometido que iríamos fazer outro teatro com os meninos que não entraram no teatro “ João Pé de Feijão”.</p> <p>Depois as crianças recontaram a história, eu registei e elas ilustraram. Ao ilustrarem foi curioso ver que fizeram o desenho da história como o da tela, o que provou que as crianças interiorizaram bem a história contada através da tela.</p> <p>Depois das personagens escolhidas as crianças recontaram a história do “Capuchinho Vermelho” e eu registei. Como nos diz Rigolet (2006, p.153) “(...) as crianças continuam a apreciar a leitura, pelo adulto, dos contos tradicionais, mas de forma diferente à anterior: elas gostam sobretudo de representá-los, dramatiza-los.”</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

17

Situação: Depois do almoço

Data: 07- 05- 2014

Hora: 14.30 h

Local: Mesa grande

Intervenientes: O grande grupo da Sala Rosa e a estagiária

Sexo: Ambos os sexos

Idade: 5/6 anos

Outros indicadores de Contexto: As crianças estavam a embrulhar os biscoitos em papel alumínio para oferecer aos meninos da Sala Azul que vinham assistir ao teatro do "Capuchinho Vermelho"

Descrição	Inferência
Quando estavam a embrulhar os biscoitos o Manuel disse: "Precisamos de muitos bolos". A estagiária perguntou porque é que eles acham que precisavam de tantos bolos. A Sara abriu muitos os olhos e disse: "Olha porque é para as duas salas" e continuaram a embrulhar.	As crianças organizaram-se em grupo.
Quando já tinham alguns embrulhados o Francisco disse: "Epá, tantos, já temos dez, mas temos que trabalhar mais, e mais." Entretanto foram chegando mais crianças para embrulhar os biscoitos.	Embrulharam os biscoitos com muito entusiasmo para partilhar com os amigos.
Quando já tinham mais, o Francisco disse: "Já temos 21 bolinhos". A estagiária perguntou: "Então para esta sala quantos bolinhos faltam?" Pensaram e a Sara respondeu: "Faltam dois", mas o Francisco que não deixa escapar nada disse: "Não falta nada, falta só um porque é 22 meninos não vês" e continuou com o seu raciocínio, "Mas temos que por prata em 44 bolinhos, porque 22 e 22 dá 44". A estagiária perguntou ao Francisco como ele sabia, ele muito depressa respondeu " porque 2 e 2 são 4".	Fizeram contagens e brincaram com a matemática.
A Mara reforçou: "A sala da Lita tem 22 meninos por isso temos que embrulhar mais 22" e continuou: "Para 22 biscoitos precisamos	Estimularam o raciocínio.
	Interagiram uns com os outros.

<p>de 22 quadradinhos de papel de prata”. Quando estavam a embrulhar a Mónica conversava com o Manuel: “O meu biscoito parece uma broa e o teu?” Ele respondeu “ Este é o nº 9”. Depois de estarem os biscoitos todos embrulhados, fizeram conjuntos de cinco, de quatro, brincaram um pouco.</p> <p>Depois a Juliana foi buscar uns cestinhos que a estagiária tinha levado, e começou a dizer: “É um pequeno, um médio e um pequeno, não é?” e ela disse que sim, que os cestinhos tinham três tamanhos.</p> <p>Então começaram a distribuir os biscoitos pelos cestos. A Laura disse: “O cesto grande tem 30 biscoitos” e a estagiária perguntou: “Então dá para quantos meninos? E ela respondeu “Olha para 30, claro”. A Juliana disse: “ O cesto médio dá para 20 meninos, tem 20 bolinhos.” E logo a Laura muito à pressa pôs os biscoitos no cesto pequeno e disse: “Este cestinho tem 11 bolinhos e dá para meninos, já temos muito para oferecer”. E com esta atividade brincaram com a matemática.</p>	<p>Fizeram conjuntos e compararam medidas.</p> <p>Conseguiram associar o numero à quantidade.</p>
<p>Comentário:</p> <p>Na véspera da apresentação do teatro levei biscoitos, combinamos que a seguir ao teatro as crianças iriam oferecer biscoitos aos meninos da Sala Azul. As crianças embrulharam-nos com papel de alumínio, e quando estavam a embrulhar brincamos com a matemática. ”Cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas.” (ME, 1997, p.73). As crianças perceberam que precisavam de 22 bolos para a Sala Rosa e outros tantos para a Sala Azul, fizeram conjuntos de 5, de 4. Começaram a comparar quem é que tinha embrulhado mais bolos.</p> <p>Mais uma vez se prova que a arte está presente em todos os conteúdos, a partir de uma tela podem criar o que as crianças quiserem fazer, sem esquecer da Área da Formação Pessoal e Social que é transversal a todas as áreas de conteúdo.</p>	

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo:

18

Situação: Teatro

Data: 08- 05- 2014

Hora: 11.00 h

Local: Área a Casinha

Intervenientes: O grande grupo da Sala Rosa, a educadora e a estagiária

Sexo: Ambos os sexos

Idade: 5/6 anos

Outros indicadores de Contexto: Apresentação do teatro do "Capuchinho Vermelho" para os meninos da Sala Azul

Descrição	Inferência
<p>A Estagiária foi ajudar as crianças que iam participar no teatro. A menina que ia ser a narradora apareceu vestida de holandesa, a mãe arranhou-lhe um vestido tradicional da Holanda, porque a história era inspirada na tela de Mondrian, um pintor holandês.</p> <p>A Sara que vinha de holandesa disse: " Eu tinha escolhido vestir o morango, mas a minha mãe arranhou-me este vestido, posso ser a narradora do Mondrian". A estagiária disse: "Claro que sim Sara, estás muito gira." E ela continuou: " É da minha prima"</p> <p>De repente quando se estavam a vestir o Manuel perguntou: "O Mondrian também vem ver o teatro?". Algumas crianças começaram a rir e o Luís disse: "Oh Manuel, o Mondrian já era velhote e já morreu."</p> <p>O Luís quando estava a vestir o seu fato de lobo perguntou: "Como se chama o senhor da música, é Chopin?" A estagiária respondeu: "Não, Luís chama-se Beethoven". O Luís continuou a dizer: "Eu estava a contar ao pai e disse que a música era do Chopin, olha enganei-me".</p> <p>As crianças continuaram a vestir-se, estavam todas muito engraçadas. Estiveram a ensaiar um bocadinho com música e tudo.</p>	<p>As crianças estavam muito entusiasmadas e conseguiram transmitir isso em casa. E houve pais que fizeram surpresas.</p> <p>Algumas crianças não tinham a noção do tempo achava que o Mondrian vinha assistir.</p> <p>Estavam tão contentes que quiseram ensaiar antes com música e tudo.</p>

<p>Quando começou o ensaio, a Sara que era a narradora disse: “Ângela, não te esqueças de bater três vezes atrás do móvel para o teatro começar”.</p> <p>Chegou a hora do teatro a «sério», as personagens esconderam-se dentro da casinha, os amigos sentaram e chegaram os meninos da Sala Azul. Então, a estagiária cumprimentou todas as crianças e disse: “Agora vamos fechar o feichinho da boca e a chave fica no bolso que o teatro vai começar”. Fez-se silêncio e houve uma que criança que disse: “Está bem, desliguem os telefones, os ipods e as tablet, vamos começar”</p> <p>O teatro foi um sucesso, as crianças improvisaram imenso, houve muitas gargalhadas, a narradora esteve à altura do seu papel, muito atenta aos que os seus amigos diziam, esperava e continuava a sua leitura. O lobo quando estava no papel da avozinha estava completamente deliciado e com uma vozinha fininha, as outras crianças riam à gargalhada. No final ofereceram os biscoitos aos amigos da Sala Azul.</p> <p>Depois de distribuírem os biscoitos, convidaram os meninos da Sala Azul se queriam fazer o teatro, alguns aceitaram o desafio e houve uma troca de papéis.</p>	<p>Pediram para imitar a realidade.</p> <p>As crianças improvisaram e convidaram as crianças da outra sala a fazer o teatro também.</p> <p>Receberam muito bem os convidados.</p>
<p>Comentário:</p> <p>No dia do teatro as crianças estavam muito entusiasmadas, começamos a preparar o teatro. Pusemos o cenário, arrumamos o cantinho da sala onde ia ser o teatro, as crianças que iam participar vestiram-se com muito entusiasmo, como nos diz Vygotsky (2009, p.89) ”a preparação do cenário, do guarda-roupa e outros elementos excita a imaginação e a criação técnica das crianças.” Quando estava tudo pronto, na hora combinada os amigos da Sala Azul chegaram.</p> <p>Inicialmente a menina que ia ser a narradora, ia vestida de morango, mas neste dia apareceu vestida de holandesa, porque o pintor que inspirou a história era holandês. A criança estava tão entusiasmada em ser a narradora que a mãe arranjou uma roupa típica da Holanda. Para mim foi muito gratificante ver o interesse da família, a sua interação. Como nos diz as Orientações Curriculares “(...) a colaboração dos pais, e também de outros membros da comunidade, o contributo dos seus saberes e competências para o trabalho educativo a desenvolver com as crianças, é um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem.” (ME, 1997, p.45)</p> <p>O teatro correu muito bem, as crianças improvisaram, fizeram o teatro como quiseram e estavam</p>	

felizes. Como refere Vygotsky (2009, p.91) “o premio principal a colher do espetáculo deverá residir na satisfação qua as próprias crianças experimentem na preparação do espetáculo e no processo da sua representação – e não no sucesso obtido junto dos mais velhos e nos seus aplausos.”

Depois de apresentarem o teatro, convidaram os meninos da Sala Azul a fazerem também, inicialmente ficaram um pouco envergonhados mas depois aceitaram o desafio, foi uma partilha interessante. No final os artistas foram oferecer os biscoitos aos meninos todos.

Penso que foi uma manhã muito divertida cheia de emoções, onde houve uma grande interação com as crianças e os adultos. Houve momentos de grande partilha e, sobretudo, as crianças estavam felizes. Todas as crianças que entraram no teatro se sentiram muito bem, porque foram eles que escolheram os seus papéis, e eu reforcei sempre que todos eram muito importantes. As crianças que não participaram neste teatro perceberam o porquê e estavam muito contentes a apoiar os amigos.

QUESTIONÁRIO

Obras do Mondrian

Eu, Ângela Ferreira Fernandes, aluna da Escola Superior De Educadores de Infância Maria Ulrich, estou a realizar o Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar cujo tema é “A Obra de Arte na Educação Pré-Escolar” e gostaria de obter a vossa opinião (meninos da Sala Rosa dos 5 anos), no que diz respeito às atividades desenvolvidas durante o período de estágio.

1. Quem é Mondrian? _____
2. Onde morava o Mondrian? _____
3. Gostaste de aprender sobre o país do Mondrian? Sim ☐ Não ☐
4. Ensinaste, lá em casa, quem era Mondrian? Sim ☐ Não ☐
5. Dentro das atividades sobre o Mondrian, o que gostaste mais de fazer?
Pinturas inspiradas no Mondrian ☐
Prenda do dia do Pai ☐
Casas inspiradas no Mondrian ☐
Cidade do Mondrian ☐
Túlipas em papel ☐
Teatro do Capuchinho Vermelho ☐
6. Se o Mondrian viesse à vossa sala, o que achas que ele diria?

7. Quando estás feliz que cor escolhes? _____
Porquê? _____
8. E quando estás muito zangado? _____
Porquê? _____

9. Gostavas de conhecer mais artistas, e os seus trabalhos? Sim ☐ Não ☐

Porquê? _____

10. O que é que as obras de Mondrian representaram para ti? _____

Muito Obrigado

Apêndice VI – Guia dos Questionário feitos às crianças a propósito da obra “O Feijoeiro” de João Pedro Vale e Nuno Ferreira

QUESTIONÁRIO

“O Feijoeiro”, de João Pedro Vale e Nuno Ferreira

Eu, Ângela Ferreira Fernandes, aluna da Escola Superior De Educadores de Infância Maria Ulrich, estou a realizar o Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar cujo tema é “A Obra de Arte na Educação Pré-Escolar” e gostaria de obter a vossa opinião (meninos da Sala Rosa dos 5 anos), no que diz respeito às atividades desenvolvidas durante o período de estágio.

1. Gostaste da história do Feijoeiro Mágico? Sim ☐ Não ☐

2. Qual é a tua personagem favorita?

Mãe <input type="checkbox"/>	Gigante <input type="checkbox"/>	Ganso <input type="checkbox"/>	Velha <input type="checkbox"/>
João <input type="checkbox"/>	Vaca <input type="checkbox"/>	Harpa <input type="checkbox"/>	Velho <input type="checkbox"/>

Porquê? _____

3. Gostaste de ir ver o Feijoeiro à Casa da Cerca? Sim ☐ Não ☐

Porquê? _____

4. Gostavas de lá voltar? Sim ☐ Não ☐

Porquê? _____

5. O que gostaste mais de fazer na construção do vosso feijoeiro?

Porquê? _____

6. O que sentiste quando estavas a preparar o teatro do “ João Pé de Feijão”?

7. Gostaste de conhecer os artistas? Sim ☐ Não ☐

Porquê? _____

8. O que mais gostaste de fazer no dia da visita dos artistas à sala? _____

Porquê? _____

9. Achas que os artistas gostaram de vir à vossa sala? Sim ☐ Não ☐

Porquê? _____

10. O que é uma obra de arte para ti? _____

Muito Obrigado

QUESTIONÁRIO

Obras do Mondrian

Eu, Ângela Ferreira Fernandes, aluna da Escola Superior De Educadores de Infância Maria Ulrich, estou a realizar o Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar cujo tema é “A Obra de Arte na Educação Pré-Escolar” e gostaria de obter a vossa opinião, como pais, no que diz respeito às atividades desenvolvidas com os vossos filhos durante o período de estágio.

1. Idade

25 – 30 ☐

31 – 35 ☐

36 – 40 ☐

Mais de 40 ☐

2. Habilitações

3º Ciclo ☐

Ensino Secundário ☐

Curso Profissional ☐

Licenciatura ☐

Mestrado ☐

Outro _____

3. Conhecia o pintor Mondrian? Sim ☐ Não ☐

4. O seu filho/a falou do Mondrian em casa? Sim ☐ Não ☐

5. Qual o nível de interesse do seu filho/a no pintor?

Nenhum interesse ☐ Algum interesse ☐ Muito interesse ☐

6. Qual foi o nível de entusiasmo do seu filho/a quanto às pinturas do Mondrian?

Nenhum entusiasmo ☐ Algum entusiasmo ☐ Muito entusiasmo ☐

7. Qual foi o nível de interesse do seu filho/a sobre o país do Mondrian?

Nenhum interesse ☐ Algum interesse ☐ Muito interesse ☐

8. O seu filho/a mostrou-se entusiasmado a chegada da Primavera e as tulipas da Holanda? Sim ☐ Não ☐

9. O seu filho/a mostrou-se entusiasmado com a construção da cidade do Mondrian? Sim ☐ Não ☐

10. O seu filho/a gostou da história do Capuchinho Vermelho contada a partir da tela inspirada em Mondrian? Sim ☐ Não ☐

11. Qual a importância que as dramatizações têm na vida das crianças?

Nenhuma importância ☐ Pouca importância ☐ Muita importância ☐

12. Acha que estas obras de arte conseguiram desenvolver a aprendizagem dos vossos filhos? Sim ☐ Não ☐

Porquê _____

Muito obrigada!

Entrega até 20 de Maio

Apêndice VIII – Guia dos Questionário feitos aos pais a propósito da obra “O Feijoeiro” de João Pedro Vale e Nuno Ferreira

QUESTIONÁRIO

“O Feijoeiro”, de João Pedro do Vale e Nuno Ferreira

Eu, Ângela Ferreira Fernandes, aluna da Escola Superior De Educadores de Infância Maria Ulrich, estou a realizar o Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar cujo tema é “A Obra de Arte na Educação Pré-Escolar” e gostaria de obter a vossa opinião, como pais, no que diz respeito às atividades desenvolvidas com os vossos filhos durante o período de estágio.

1. Idade

25 – 30 ☐

31 – 35 ☐

36 – 40 ☐

Mais de 40 ☐

2. Habilitações

3º Ciclo ☐

Ensino Secundário ☐

Curso Profissional ☐

Licenciatura ☐

Mestrado ☐

Outro _____

3. Conhecia a história do Feijoeiro? Sim ☐ Não ☐

4. O seu filho/a falou da história em casa? Sim ☐ Não ☐

5. Qual o nível de interesse do seu filho/a na história?

Nenhum interesse ☐ Algum interesse ☐ Muito interesse ☐

6. Qual foi o nível de entusiasmo do seu filho/a relativamente à visita ao Feijoeiro na Casa da Cerca?

Nenhum entusiasmo ☐ Algum entusiasmo ☐ Muito entusiasmo ☐

7. Qual foi o nível de entusiasmo do seu filho/a quanto à construção de um feijoeiro mágico na sala?

Nenhum entusiasmo ☐ Algum entusiasmo ☐ Muito entusiasmo ☐

8. Qual foi o nível de entusiasmo do seu filho/a sobre a visita dos artistas do Feijoeiro à sala?

Nenhum entusiasmo ☐ Algum entusiasmo ☐ Muito entusiasmo ☐

9. O seu filho gostou de conhecer os artistas? Sim ☐ Não ☐

10. Acha que este contacto foi benéfico? Sim ☐ Não ☐

11. Qual a importância que a arte tem na educação das crianças?

Nenhuma importância ☐ Pouca importância ☐ Muita importância ☐

Porquê? _____

Muito obrigada!

Entrega até dia 20 de Maio

Apêndice IX – Gráficos resultantes da análise dos questionários

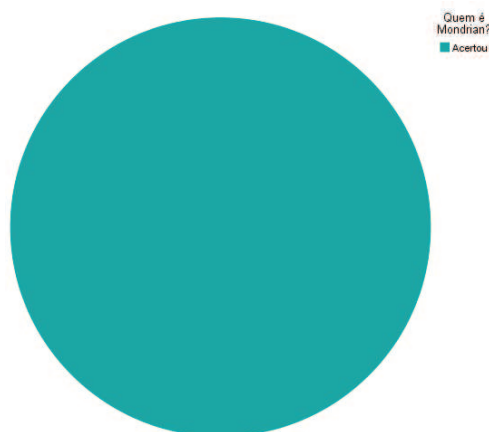


Figura 47 – Representação gráfica da resposta à questão: “Quem é Mondrian?”

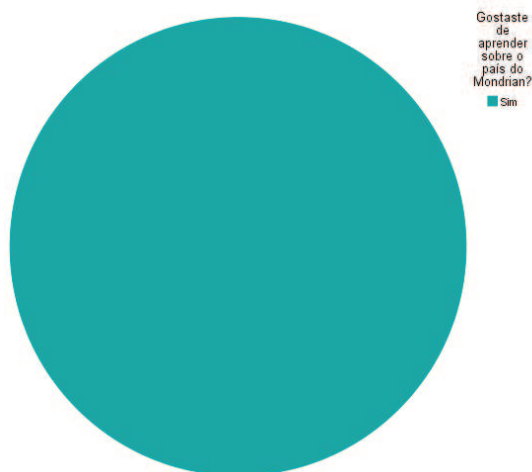


Figura 48 – Representação gráfica da resposta à questão: “Gostaste de aprender sobre o país de Mondrian?”

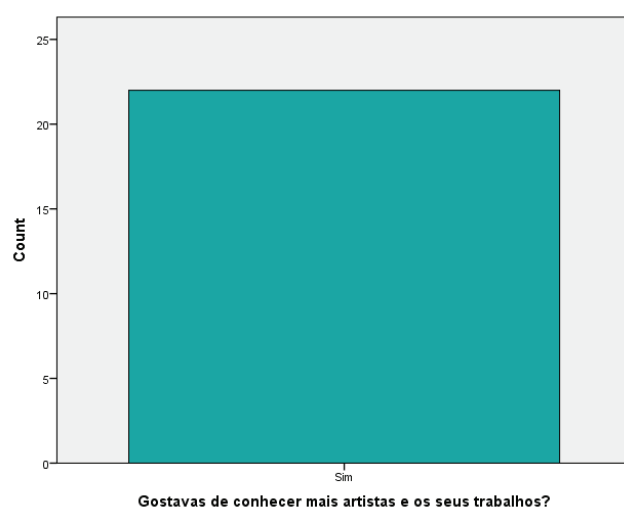


Figura 49 – Representação gráfica da resposta à questão: “Gostavas de conhecer mais artistas e os seus trabalhos?”

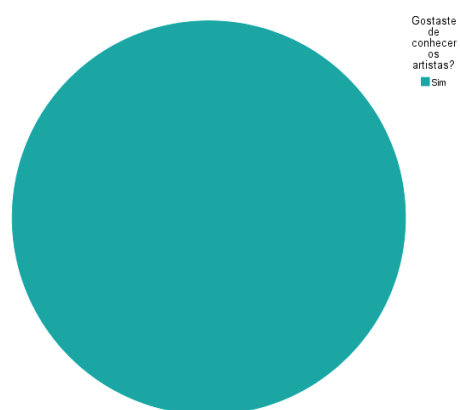


Figura 50 – Representação gráfica da resposta à questão: “Gostastes de conhecer os artistas?”

Anexos

Anexo I – Esquema da história da Instituição

